

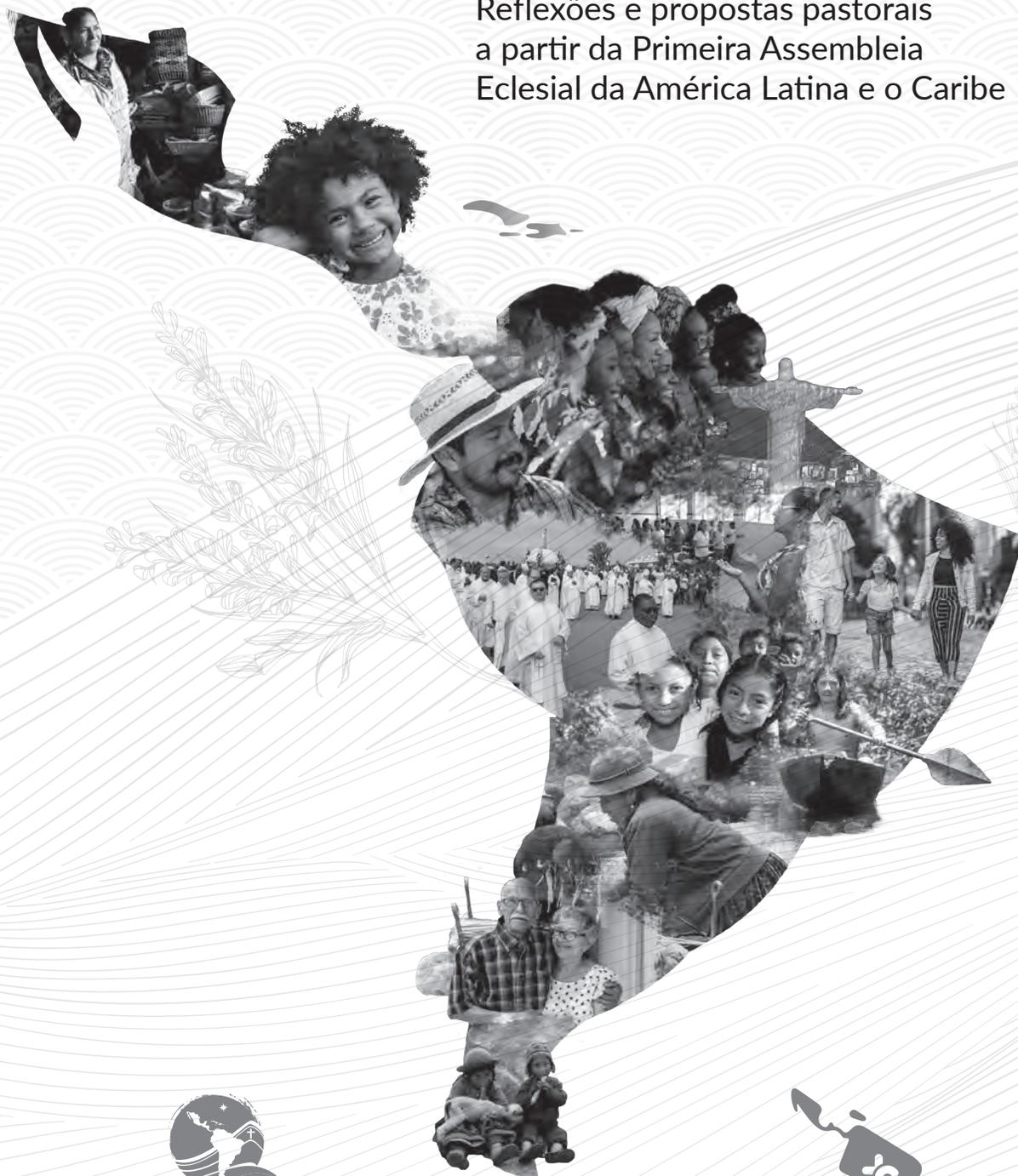
Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias

Reflexões e propostas pastorais
a partir da Primeira Assembleia
Eclesial da América Latina e o Caribe



Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias

Reflexões e propostas pastorais
a partir da Primeira Assembleia
Eclesial da América Latina e o Caribe



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO

Mons. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
Presidente do Comitê de Assuntos Econômicos

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho CELAM
Avenida Boyacá No. 169D-75
Código postal 111166
PBX: 6014845804
celam@celam.org
www.celam.org

ACERVO DE DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS

Direção editorial
Óscar Elizalde Prada

Coordenação editorial
Natalia Delgadillo Chavez

Revisão de estilo
Leonardo Montenegro

Projeto e layout
Milton Ruiz Clavijo

Capa
Milton Ruiz Clavijo

Tradução
María Luisa Valencia Duarte, P. Fabio Antune

Estampa
DGP Editores SAS

ISBN: 978-958-625-865-4
Primeira edição: Bogotá, D.C., Outubro 2022

EDITORIAL CELAM
PBX: 6014845804, ext. 215, 216, 217
editorial@celam.org
ventas@celam.org
libreria@celam.org

Com as devidas licenças eclesiais. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida total ou parcialmente por qualquer meio sem a prévia autorização por escrito do CELAM.

Impresso na Colômbia / Printed in Colombia

CONTEÚDO

Apresentação	7
---------------------------	----------

Introdução geral

A Assembleia: uma experiência inédita	11
1. Uma experiência inédita, fruto do derramamento do Espírito	11
2. Um caminho de escuta recíproca	13
3. A Primeira Assembleia Eclesial.....	15
4. Um novo documento com perspectivas pastorais	17
5. Um futuro mais sinodal.....	21

Parte I Sinais dos tempos que nos interpelam e alentam	27
---	-----------

Algumas questões introdutórias	28
---	-----------

A pandemia, um marco da mudança de época	29
---	-----------

I. Aspectos significativos da realidade de nossos povos.....	30
---	-----------

1. Âmbito socio-econômico: grandes iniquidades	30
2. Esfera sócio-política: a fragilidade de nossas democracias	32
3. Âmbito ecológico: nossa casa comum em grande perigo	33
4. Âmbito sócio-cultural: povos, cidades, migrantes	35
5. Âmbito religioso: a fé dos povos.....	37
6. Âmbito dos rostos protagônicos.....	39
a) Rostos de jovens.....	39
b) Rostos de mulheres	40
c) Rostos de famílias	41
d) Rostos de povos originários e afrodescendentes.....	42

II. Aspetos relevantes de nossa Igreja	42
---	-----------

1. Igreja Povo de Deus: chamado a superar o clericalismo.....	43
2. Formação e participação dos leigos.....	44
a) Jóvenes no caminho del discipulado.....	45
b) Um novo lugar para a mulher na Igreja.....	46
c) Maior destaque para os povos originários e afrodescendentes	46
3. Os itinerários formativos em Seminários e Casas religiosas.....	48

4. Casos de abuso na Igreja: vozes pedindo escuta e ação.....	49
5. Experiência pessoal de encontro com Cristo presente na história	50
Parte II Uma Igreja sinodal e missionária ao serviço da Vida plena	55
I. A Assembleia Eclesial no espírito de Aparecida	56
1. A interpelação de Deus nos sinais dos tempos.....	56
a) Trabalhar por uma Vida plena para nossos povos.....	57
b) Avançar na conversão pastoral contínua da Igreja	59
2. Aparecida no caminho da Igreja latino-americana e caribenha.....	61
a) O caminho evangelizador desde o Concílio Vaticano II.....	61
b) A novidade da Conferência de Aparecida.....	62
3. Um pontificado no início de uma nova etapa missionária e sinodal	63
a) O chamado do Papa Francisco a uma reforma sinodal e missionária	63
b) Para uma Igreja sinodal: para o Sínodo sobre a sinodalidade.....	64
4. A novidade da Primeira Assembleia Eclesial	65
a) Uma assembleia para reavivar o espírito de Aparecida	65
b) Uma assembleia para reavivar o espírito de Aparecida.....	67
II - O derramamento evangelizador do Povo de Deus em clave sinodal	69
1. O sãoho de Deus: a Vida em abundância do Espírito de Cristo	69
a) Jesus: Evangelho de Deus e Evangelizador do Reino de Deus	69
b) O Espírito Vivificador de Jesus, fonte de amor e da missão	71
2. O Povo de Deus em comunhão sinodal e saída missionária.....	73
a) A comunhão sinodal: uma dimensão constitutiva da Igreja	73
b) Participação sinodal pela escuta, o diálogo e o discernimento	75
c) Sinodalidade missionária e aberta: caminhar com a família humana.....	77
3. Uma Igreja samaritana ao serviço da vida fraterna.....	78
a) O bom samaritano: paradigma de uma nova fraternidade	78
b) A diaconia social da fraternidade em América Latina e o Caribe.....	80
4. O derramamento do Espírito em Maria e na Igreja.....	81
a) O chamado ao “transbordamento” criativo no Espírito	81
b) A visitação missionária de Nossa Senhora de Guadalupe	82
Parte III Derramamento criativo em novos caminhos a percorrer	87
I. Uma Igreja evangelizada e evangelizadora em perspectiva missionária	87

- a) Evangelizar para fazer presente o Reino de Deus no mundo 88
- b) Uma evangelização integral e integradora 89

II. Propostas pastorais e linhas de ação..... 89

1. Dimensão querigmática e missionária..... 90
 - a) Uma Igreja signo e instrumento do encontro com Jesus Cristo 91
 - b) Uma Igreja que cultiva a espiritualidade da missão 93
 - c) Uma Igreja à escuta do clamor dos pobres, excluídos e descartados 94
 - d) Uma evangelização inculturada e na interculturalidade 96
 - e) O protagonismo missionário dos jovens na Igreja e no mundo 97
 - f) Da pastoral na cidade à pastoral urbana 98
 - g) Uma Igreja em saída aos novos areópagos 100
2. Dimensão profética e formativa..... 101
 - a) Um programa de formação integral para todo o Povo de Deus 102
 - b) Formação em sinodalidade para superar o clericalismo 103
 - c) Formação para o compromisso social à luz da opção pelos pobres 103
 - d) Promover a renovação da formação nos Seminários e Casas religiosas..... 104
3. Dimensão espiritual, litúrgica e sacramental..... 105
 - a) Redescobrir a vivência dos Sacramentos 105
 - b) Uma liturgia inculturada no contexto atual 106
 - c) A religiosidade popular como lugar de encontro e de evangelização 107
4. Dimensão sinodal e participativa..... 108
 - a) Uma Igreja Povo de Deus, com novos ministérios 108
 - b) Uma Igreja samaritana e acolhedora 109
 - c) Uma cultura eclesial marcadamente laical..... 110
 - d) O protagonismo das mulheres na Igreja e na sociedade..... 111
 - e) Uma Igreja rede de comunidades 112
 - f) A conversão das estruturas da Igreja..... 114
 - g) Uma Igreja em diálogo ecumênico e interreligioso..... 115
5. Dimensão sociotransformadora 116
 - a) Presença evangelizadora da Igreja em espaços de transformação social 117
 - b) Uma pastoral profética diante da violência e em defesa dos direitos humanos 118
 - c) A atuação dos cristãos nos âmbitos da economia e a política 121
 - d) O cuidado pastoral das vítimas de injustiças sociais..... 122
 - e) Prevenção e reparação de abusos sexuais, de poder e de consciência na Igreja..... 123
 - f) Presença e ação da Igreja junto aos povos originários e afrodescendentes..... 124
 - g) Atenção especial aos migrantes e refugiados, encarcerados e deficientes 125
 - h) A defesa e promoção da vida e da família..... 127
6. Dimensão ecológica..... 128
 - a) Uma educação e uma espiritualidade do cuidado da casa comum 129
 - b) Uma pastoral da ecologia integral para o cuidado da casa comum 130
 - c) Uma Igreja profética e próxima a todos aqueles que cuidam a casa comum..... 131

“Todos somos discípulos missionários em saída” Mensagem ao Povo da América Latina e o Caribe	135
Oração de consagração a Nossa Senhora de Guadalupe	139
Tabela de siglas	141
Siglas de documentos do Magistério universal e latino-americano	141
Siglas de documentos do Processo da Assembleia Eclesial.....	143
Abreviaturas de instituições e referências eclesiais.....	144

APRESENTAÇÃO

Com este documento “Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias - Reflexões e propostas pastorais da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe”, queremos oferecer uma contribuição significativa para a reflexão e o caminho das comunidades em nosso continente, com a certeza de que “somos todos discípulos missionários em saída”.

A Assembleia Eclesial partiu de um amplo processo de escuta dos clamores do Povo de Deus - leigos, leigas, clérigos, consagrados, bispos - através de diferentes plataformas virtuais, e se propõe a fazer uma releitura agradecida do evento de Aparecida (maio de 2007), e projetar um eco pastoral de longo fôlego, no esforço de assegurar que a riqueza pastoral da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano seja cada vez mais conhecida, acolhida e assimilada.

Ao longo da história, a Igreja peregrina na América Latina e Caribe tem demonstrado grande vitalidade e capacidade de buscar a vontade de Deus com um olhar atento à realidade, à luz dos ensinamentos do Divino Mestre.

É uma verdadeira peregrinação, com suas luzes e sombras, desde os missionários que defenderam os povos originários, até o tempo presente, onde a dignidade das pessoas e da casa comum se vêem ameaçadas; sempre, anunciando que Nosso Senhor venceu a morte e que unidos somos capazes de contribuir para a construção do Reino.

Muito cedo, a Igreja neste continente procurou responder “à rápida e profunda evolução do mundo e ao gravíssimo perigo para a América Latina de que esta evolução pudesse ocorrer às margens da Igreja e às vezes em surda oposição a ela”¹. Disse Dom Manuel Larraín, um dos fundadores do CELAM, em uma carta ao Dom Víctor Sanabria em 1945. Essa carta demonstra que já nessa época existia uma preocupação em agir de forma colegial.

1 Carta de Dom Manuel Larraín, Bispo de Talca, Chile; a Dom Víctor Sanabria, Arcebispo de San José, Coísta Rica, em 19 de setembro de 1945.

A preocupação de Dom Larraín foi a mesma que o Papa São João XXIII chamaria mais tarde de “sinais dos tempos”. A preocupação de acompanhar o Povo de Deus levou a Igreja a realizar as cinco Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, do Rio de Janeiro (1955) a Aparecida (2007), passando por Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992).

Em continuidade com a história que precedeu a Assembleia Eclesial, testemunhamos um evento sem precedentes e original, típico do estilo pastoral da Igreja na América Latina e Caribe, que abre um caminho que não se fecha, mas nos leva por novos caminhos para continuar a marcha como Povo de Deus peregrino na história.

A primeira intenção, antes de convocar a Assembleia, era a de realizar uma VI Conferência Geral do Episcopado. No entanto, profeticamente, o Papa Francisco propôs dar lugar a um processo mais de acordo com os tempos atuais: realizar um encontro eclesial e sinodal, onde todo o Povo de Deus pudesse participar e se expressar, olhando e discernindo em profundidade a rápida e transcendental evolução da América Latina e do Caribe nos tempos atuais, a fim de assumir novos desafios pastorais.

Quando este processo começou, não podíamos imaginar que o COVID-19 seria o cenário histórico para nossa Assembleia. O contexto da pandemia nos obrigou a repensar e reformular os vínculos sociais, familiares e eclesiais. A marcha do Povo de Deus não parou; fomos capazes de superar criativamente o distanciamento físico com a escuta, o diálogo, a comunhão e a nova perspectiva da missão. As comunidades não ficaram “de braços cruzados” em espera passiva; pelo contrário, uma nova forma de ser a Igreja em saída foi posta em movimento.

As plataformas online e ambientes virtuais facilitaram formas incomuns de encontro e escuta nas quais dezenas de milhares de fiéis manifestaram em comunidade ou pessoalmente suas preocupações sobre a identidade da Igreja e sua missão na sociedade de hoje. Da mesma forma, a modalidade híbrida da Assembleia realizada em novembro de 2021 na Cidade do México - presencial e online – abriu espaço para uma reflexão mais ampla, reuniu diversas vozes e propôs desafios e orientações pastorais.

A Assembleia Eclesial foi vivida como “uma verdadeira experiência de sinodalidade na escuta mútua e no discernimento comunitário do que o Espírito quer dizer a sua Igreja. Desde a “poliédrica diversidade”, os participantes da Assembleia “voltaram-se para as realidades do continente, em suas dores e esperanças”.²

2 CELAM. *Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe. Mensagem ao Povo de Deus*. Novembro de 2021.

Tudo isso está refletido neste texto que agora apresentamos. Com humildade devemos reconhecer que a originalidade e a riqueza da experiência da Assembleia Eclesial ainda não está totalmente expressa em seu conteúdo, embora seja verdade que não é um Documento conclusivo - como os que emergiram das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano -, nem é o resultado de uma elaboração realizada por um grupo de teólogos; mais do que isso, ela é a sistematização do que foi expresso no diálogo dos participantes em quase uma centena de grupos de trabalho, compostos de leigos, leigas, religiosos, religiosas, sacerdotes, diáconos e bispos.

É um documento que oferece caminhos em seis dimensões: querigmática e missionária; profética e formativa; espiritual, litúrgica e sacramental; sinodal e participativa; sociotransformativa, e ecológica. Estas áreas foram refletidas em comunidade, e mostram muito claramente as preocupações do Povo de Deus em nossa região e suas sugestões e propostas.

Mas, acima de tudo, é o início de uma marcha renovada de uma Igreja, o Povo de Deus, que decidiu seguir em frente de forma sinodal. Neste sentido, é também um passo histórico.

Quem quiser perceber o sentir e o querer do Povo de Deus - consciente de seu sacerdócio batismal - em peregrinação em nossas terras da América Latina e do Caribe, expresso *em credendo*, encontrará neste documento a riqueza das experiências evangelizadoras meditadas a partir da fé, assim como suas realizações e dores, fruto do nobre e sincero desejo de servir a Deus na pessoa de nossos irmãos e irmãs.

Seu conteúdo é uma expressão da vontade pluralista de uma Igreja em movimento, porque reúne as contribuições das diversas vocações e ministérios do Povo de Deus que participaram como fiéis “discípulos missionários” no discernimento dos desafios e orientações pastorais. É, portanto, também uma expressão profética.

Os valores e realizações da Assembleia Eclesial estão refletidos neste documento; seus limites também são os limites da Assembleia, como em toda a Igreja. Por isso, este texto foi recebido com grande apreço pela Assembleia Extraordinária do CELAM realizada em julho de 2022.

O caminho a seguir quer ser “um espaço significativo de encontro e abertura para a transformação das estruturas eclesiais e sociais que permitem a renovação do impulso missionário e a proximidade com os mais pobres e excluídos”³, partindo das tradições e culturas do continente para traduzir o único Evangelho de Cristo no

3 *Ibid.*

estilo latino-americano e caribenho, em uma sinfonia onde cada voz, cada registro, cada tonalidade enriquece a experiência de ser um discípulo missionário.

Colocamos o fruto deste trabalho no coração terno de Nossa Senhora de Guadalupe, que acompanha esta viagem da Igreja no continente.

Mons. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
Presidente do Comité de Assuntos Económicos

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

INTRODUÇÃO GERAL

A Assembleia: uma experiência inédita

*Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente
(Jo 10,10).*

Aqui está o desafio fundamental que afrontamos: mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo. Não temos outro tesouro a não ser este. (DAp 14)

Neste processo, estou pedindo o Senhor que vossa Assembleia seja a expressão do “transbordamento” do amor criativo de seu Espírito... que anima a Igreja para que, por um processo de conversão pastoral, seja cada vez mais evangelizadora e missionária.

(Francisco, 15 de outubro de 2021)⁴

1. Uma experiência inédita, fruto do transbordamento do Espírito

1. A Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe se desenvolve como um processo em várias etapas. Teve como destacada a fase de discernimento e propostas, realizada de modo presencial e online no México do 21 ao 28 de novembro de 2021. O trilha percorrido até hoje configura *uma experiência inédita* em nossa Igreja regional porque tem sido

⁴ Francisco, *Mensagem aos participantes da Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe* (15 de outubro de 2021). Sigla: MP. Nos capítulos, os documentos são citados com as siglas ordenadas na tabela y com o número do parágrafo respetivo.

feito de forma sinodal. É um verdadeiro marco em nossa peregrinação pastoral, um processo que marca um antes e um depois em nossa jornada, e uma contribuição significativa para nosso trabalho pastoral.

2. Assim como a II Conferência realizada em Medellín em 1968 acolheu em nossas terras o Espírito e os ensinamentos do Concílio Vaticano II, esta Assembleia se tornou uma das primeiras recepções institucionais da proposta sinodal do Santo Padre. Seu objetivo é “reanimar Aparecida”, a Conferência que reafirmou a renovação do Concílio, e dar um novo passo na recepção do Vaticano II pelo magistério do Papa Francisco. O contexto tem sido marcado pela pandemia COVID-19 —com suas consequências letais e suas restrições à vida normal—, hipervirtualidade forçada, manifestação de desigualdades estruturais, globalização assimétrica e crescente interculturalidade.
3. Esta Assembleia teve uma origem especial. Quando as autoridades Presidência do Conselho Episcopal Latino-americano – CELAM pediram ao Papa uma nova Conferência Geral de Bispos, lhes propôs organizar uma assembleia com representantes de todo o Povo de Deus. Este encontro devia expressar o sentido da fé dos fiéis —*sensus fidei fidelium*— com o qual o Espírito unta aos cristãos.
4. De essa maneira, inaugurou-se um novo espaço sinodal no âmbito continental, que situa o exercício da colegialidade episcopal no seio de uma ampla sinodalidade eclesial. Ele articula de forma original a comunhão entre os fiéis, os bispos, as Igrejas locais, as Conferências Episcopais, e de todos eles com o bispo da Igreja de Roma, que confirma na fé e preside na caridade.
5. A Assembleia situa-se no início do processo sinodal 2021-2023 convocado pelo Papa Francisco para celebrar a XVI Assembleia Ordinária do Sínodo dos bispos sob o tema: *Por Uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*. Os anúncios de ambos os encontros foram quase simultâneos e os processos de preparação, consulta e escuta próximos, e assim como toda a Igreja é convocada em sínodo, toda a Igreja latino-americana foi convocada em assembleia.
6. Neste contexto, foi projetada uma assembleia em processo, marcada por várias etapas que ainda não foram concluídas. Três fases foram delineadas para nosso itinerário: uma fase de consulta e escuta tão abertas quanto possível; a celebração da Assembleia com representantes de toda a Igreja;

e a fase de síntese, elaboração e sistematização de suas orientações a serem implementadas no futuro. Após definir os objetivos de cada momento, foi publicado um Documento para a viagem, um questionário para uma ampla escuta do Povo de Deus, um itinerário espiritual e litúrgico para acompanhar o processo e um documento para o discernimento que guiou a busca comum na Assembleia. Esta etapa durou de janeiro a novembro de 2021 e continua agora com a publicação destas reflexões e Propostas pastorais.

7. Este texto, como explicaremos mais adiante, visa coletar, sintetizar criativamente, organizar teologicamente e projetar pastoralmente os frutos do processo vivido até agora, a partir da escuta. Nós o apresentamos com alegria e simplicidade porque acreditamos que nossa Igreja, em meio a suas limitações, está vivendo um *kairós*, um novo tempo de graça que Deus nos concede para renovar nosso amor por Jesus e o desejo de segui-lo com maior fidelidade.

2. Um caminho de escuta recíproca

8. O caminho percorrido começou formalmente na Assembleia Ordinária do CELAM de 2019, onde recebemos algumas diretrizes que mais tarde se tornaram as bases do processo para a Primeira Assembleia, entre elas, fazer uma parada para realizar uma análise e discernimento sobre a missão do CELAM.⁵ Seguindo este mandato e convencidos de nosso chamado, nos colocamos numa atitude de escuta da voz do Espírito que emana do santo Povo de Deus.
9. Em resposta à sugestão do Papa de “buscar novos caminhos”, em 29 de fevereiro de 2020 foi iniciado um processo com o objetivo de celebrar a Assembleia Eclesial ao final desse ano. O impulso do Sínodo Amazônico, a exortação papal *Querida Amazônia*, e a experiência da recentemente criada Conferência Eclesial da Amazônia —CEAMA—, nos interpela a busca de uma Igreja mais sinodal. Poucos dias depois, uma pandemia explodiu e varreu o mundo. Isto não nos desencorajou. A iniciativa foi adiada por um ano, para novembro de 2021, na convicção de que esta experiência poderia ser um sinal profético de uma Igreja viva e próxima ao seu povo, que não

5 CELAM, *Documento para a renovação e a reestruturação do CELAM* (2 de outubro de 2021). Sigla: DDR.

se esconde em meio à crise, mas que se faz presente, semeia esperança e constrói futuro.

10. Uma pergunta guiou o discernimento: quais são os novos desafios para nossa Igreja, à luz da V Conferência de Aparecida, os sinais de estes tempos e o magistério do Papa Francisco? Desde o início o objetivo foi que pudéssemos lembrar com gratidão o que aconteceu em Aparecida, olhar contemplativamente as realidades dos povos, discernir de forma teologal os desafios atuais e renovar o compromisso para que nossos povos tenham Vida abundante em Jesus Cristo, avançando juntos para os Jubileus Guadalupano em 2031 e o da Redenção em 2033.
11. Uma comissão de conteúdo foi criada e decidida sobre o tema: *Todos somos discípulos missionários em saída, e pôs as bases para elaborar o Documento para o caminho*.⁶ Este seguiu um itinerário espiritual, guiado pelo método de ver, julgar e agir. Em 24 de janeiro de 2021, a Assembleia foi apresentada. A mensagem do Papa nos encorajou a percorrer o caminho escutando o povo. Ele nos exortou a escutar uns aos outros e a escutar os gritos de nossos irmãos e irmãs mais pobres e esquecidos. Ele nos disse: “esta Assembleia deve estar junto com o povo, não esqueçam que somos todos parte do Povo de Deus... a Igreja se realiza no partir do pão, a Igreja se realiza com todos sem exclusão e uma Assembleia Eclesial é um sinal disso; de uma Igreja sem exclusão”.⁷
12. Em resposta a este convite, foi realizado um processo participativo sem precedentes entre abril e agosto de 2021, no qual cerca de 70.000 pessoas participaram formalmente como indivíduos, comunidades e em fóruns temáticos. Esta experiência foi inédita e, embora tivesse limites, procurou ter um escopo amplo e dar espaço para aqueles que normalmente são excluídos na escuta. Para muitos era gratificante discernir de forma comunitária, escutando-se uns aos outros e escutando juntos o Espírito.
13. Esta fase não se limitou a uma mera coleta de dados, mas configurou uma visão participativa e contemplativa de nossos povos e comunidades eclesiais - baseada na luz da fé - que permite identificar a presença de Deus no meio da história. A partir dela, foi escrita uma extensa *Síntese narrativa da*

6 CELAM, *Documento para o caminho. Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe* (2021). Sigla: DPC.

7 Francisco, *Mensagem aos participantes na Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe* (15 de outubro 2021).

escuta,⁸ também acompanhada por um Itinerário Espiritual. Uma voz nos lembrou da importância deste momento: *se queremos uma Igreja que caminhe em sinodalidade, temos que aprender a nos escutar uns aos outros. Para nos escondermos, mesmo que o que nos é dito cause dor. Porque, se não nos abrirmos, o Espírito nunca entrará em nós.* (Anônimo, 2021)

14. Com base nas vozes expressas, o *Documento para o Discernimento Comunitário*⁹ que recolheu as contribuições, formulou perguntas para o diálogo e o discernimento, encorajou a participação ativa a “uma assembleia para reavivar o espírito de Aparecida” (DDC 11-29) e convidou a ser “peregrinos namorados do Evangelho, abertos às surpresas do Espírito”.¹⁰

3. A Primeira Assembleia Eclesial

15. A fase de encontro e discernimento com os delegados das Conferências Episcopais e convidados especiais foi celebrada de 21 a 28 de novembro de 2021. Teve a participação presencial e online de 1.104 representantes de distintos carismas, ministérios, idades, situações, culturas e regiões. Participaram 428 leigas e leigos (39 %), 160 religiosas e religiosos (15 %), 264 presbíteros e diáconos (24 %), 233 bispos (21 %), 10 cardeais (1 %). Houve migrantes hispanos e convidados das Igrejas dos Estados Unidos e Canadá, bem como, dos povos originários. Significou uma grande diversidade humana, geográfica, social, cultural e eclesial.¹¹
16. No domingo 21 de novembro, a Assembleia foi inaugurada com a celebração da Eucaristia no Santuário de Guadalupe. No dia seguinte, começaram as deliberações à luz da Palavra, que a cada dia tinha um tema principal: “A centralidade de Jesus Cristo e sua Palavra em nossa ação pastoral”, “A conversão pastoral integral e os quatro sonhos proféticos”, “A Igreja em saída missionária por transbordamento do Espírito”, “Da Assembleia

8 CELAM, *Documento Síntese narrativa. A escuta na primeira Assembleia Eclesial para América Latina e o Caribe. Vozes do Povo de Deus* (1 de outubro 2021). Acrônimo: SN. As citações correspondem às páginas, não aos números dos parágrafos.

9 CELAM, *Documento para o discernimento comunitário na primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe* (2021). Sigla: DDC.

10 Francisco, *Homília na Santa Missa para a Abertura do Sínodo de bispos* (10 de outubro de 2021).

11 CELAM, *Relatório resumido da primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe, “Todos somos discípulos missionários em saída”*, Bogotá, CELAM, 2022.

Eclesial da América Latina e o Caribe para o Sínodo da sinodalidade” e “Testemunhos sobre a sinodalidade do Povo de Deus”.

17. A mensagem que o Bispo de Roma enviou aos participantes se converteu em um texto inspirador da comunhão e reflexão, que também nutre este texto pós-Assembleia. Ele nos recorda que o dinamismo das assembleias eclesiais está no processo de escuta, diálogo e discernimento. Além disso, o chamado de Aparecida para ser discípulos missionários de Jesus Cristo acompanhou as orações e os trabalhos. Nesses dias aprendemos que a Igreja sinodal é uma Igreja peregrina na fé, na esperança e na caridade.
18. Os participantes sentiram que, apesar dos limites e das distâncias, caminhamos juntos, reconhecendo nossa diversidade multifacetada na comunhão, que nos une no Corpo de Cristo. Nossos corações de discípulos missionários regozijaram-se com a presença do Senhor, enquanto partilhavam a escuta da Palavra e a fração do Pão. O itinerário do Espírito, planejado para cada dia e cada celebração, nos levou a acolher a realidade como ela vem, a discernir o que Deus nos pede e a buscar uma maior dedicação com corações gratos e generosos.
19. Os grupos de discernimento, que se reuniram online através de uma plataforma digital, fizeram um caminho de reflexão convidados a passar do “eu” ao “tu” e do “tu” ao “nós”. Cada grupo esteve formado por membros de diferentes estados de vida, países e idades. O itinerário começou com um momento para compartilhar as dores e esperanças de seus povos e Igrejas particulares. O próximo passo foi chegar a um acordo sobre os desafios, estabelecer orientações pastorais e estabelecer prioridades. Este discernimento foi baseado em uma profunda disposição interior marcada pela oração compartilhada, o sentido de pertença a Igreja e a busca de acordos movidos pelo Espírito. As propostas formuladas foram coletadas por uma comissão de sistematização encarregada de categorizá-las e unificá-las de acordo com os temas e suas semelhanças, tendo o cuidado de que todas elas fossem expressas de alguma forma. Após este trabalho, os membros da equipe de reflexão realizaram uma segunda revisão para completar a síntese e um grupo de colaboradores reuniu as principais contribuições para elaborar a mensagem ao Povo da América Latina e o Caribe.
20. As primeiras avaliações apontaram aspectos positivos desta experiência sinodal: a ampla composição e representação genuína dos diversos setores do Povo de Deus, a transparência de todo o processo - especialmente a comunicação dos resultados das vozes e contribuições da Escuta -, o esforço

para promover a participação ativa e o discernimento comunitário nos grupos, a espiritualidade que acompanhou todas as etapas e a opção de conectar esta experiência com o processo sinodal da Igreja universal.

21. Foram observados alguns aspectos negativos que não ajudaram a atender plenamente às expectativas: não foi possível envolver as vozes de muitos; as delegações de cada país não puderam refletir efetivamente a amplitude e diversidade da Igreja; faltava uma preparação mais cuidadosa dos membros da Assembleia porque o documento anterior não chegou a tempo; o funcionamento da plataforma tecnológica e uma certa complexidade da organização interna geraram dificuldades no trabalho dos grupos; a composição da Assembleia não refletiu a proporção do grupo, especialmente de mulheres e jovens; e algumas expressões de clericalismo foram notadas.
22. Os trabalhos culminaram no sábado 27 de novembro com a leitura da mensagem aos povos da América Latina e do Caribe -que retomamos no final destas Propostas pastorais-que foi um envio missionário aberto e contínuo, não uma conclusão definitiva. No domingo 28 de novembro, compartilhamos a celebração da Eucaristia na festa de Cristo Rei na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe e a consagração a Maria, a primeira discípula missionária.
23. O que compartilhamos nos ajudará a continuar caminhando com toda a Igreja no caminho do Sínodo sobre a sinodalidade, a consolidar o que foi empreendido na renovação e reestruturação do CELAM e a estabelecer metas pastorais para a década que antecede aos Jubileus 2031/33. É por isso que queremos promover mais fortemente nossa missão salvífica integral e descobrir novas maneiras de seguir Jesus fielmente e comunicar a alegria do Evangelho.

4. Um novo documento com perspectivas pastorais

24. O objetivo deste texto é compartilhar com os diferentes membros do Povo de Deus as grandes linhas pastorais discernidas na Assembleia para orientar a ação evangelizadora futura. Ao longo do caminho, foi decidido que não seria produzido um documento durante o curto período da reunião, a fim de poder colher tanto os frutos do processo compartilhado durante o ano quanto os do discernimento realizado em comunhão, que foram expressos nos desafios e orientações.

25. A autoridade deste texto é dada por três instâncias inter-relacionadas de nossa Igreja regional. Por um lado, a nível eclesial, tem o valor e o poder de toda a Assembleia, que discerniu com senso de fé —*sensus fidei*— e aprovou com amor pastoral suas principais orientações. No nível institucional, tem a autoridade de ser um texto que reúne as conclusões de uma assembleia convocada e realizada pelo CELAM, cuja presidência decidiu como elaborá-lo. Foi analisada, completada e aprovada pelos representantes das Conferências Episcopais reunidos em uma assembleia extraordinária realizada em julho de 2022. Isto o distingue dos documentos magisteriais das Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e Caribe. No nível teológico, tem o apoio e a fundação da Equipe de Reflexão Teológica, que trabalhou durante meio ano estudando e assimilando a documentação e intervenções, aprofundando e sistematizando seu conteúdo, ordenando e projetando suas propostas evangelizadoras.
26. O núcleo temático do novo texto está resumido em seu título *Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias*. Ele Retoma e atualiza uma tripla inspiração: o tema de Aparecida —*Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos tenham Vida nEle*—; o magistério do Papa Francisco, foi abordado em duas formulações importantes: “todos somos discípulos missionários” (EG 120) e “a sinodalidade é dimensão constitutiva da Igreja”¹²; e o lema da Assembleia: *Todos somos discípulos missionários em saída*. O subtítulo expressa que o conteúdo principal são as *Propostas pastorais desde a Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe*.
27. Nossa reflexão tem como lema um versículo do Evangelho segundo São João que foi aplicado em Aparecida e repetido muitas vezes no processo da Assembleia: “*Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente*”. “Vida” é uma noção salvífica: é a salvação que Cristo nos dá e nos orienta ao Jubileu da Redenção em 2033. Ela assume um caráter vital da cultura de nosso povo, a luta pela dignidade do povo e o desejo de felicidade dos mais jovens. Expressa a vida nova, digna, profundamente cristã e plenamente humana, que ganha através da fé: “Deus nos deu a vida eterna e essa vida está em seu Filho” (1 Jo 5,11). Reflete o transbordamento vital do Espírito Santo, Senhor e Vivificador, e a plenitude do Reino de Deus, que é Reino de vida para todos. Vale a pena esclarecer que há dois significados da palavra “transbordamento”, um negativo e o outro positivo. O primeiro

12 Francisco, *Discurso na Comemoração do 50 aniversário da Instituição do Sínodo de Os bispos* (17 de outubro de 2015): AAS 107 (2015) 1139-1140. Acrônimo: DCA.

indica um excesso que transgride as regras, quebra os limites. Ele produz excessos que ferem a dignidade humana ou explosões que vão além do que é justo. Aqui falamos de “transbordamento” num sentido positivo, como uma abundância que transcende, como explicaremos a seguir.

28. A estrutura do texto responde ao método *ver, julgar, agir*, usado na Constituição *Gaudium et spes* do Vaticano II e do Documento de Medellín em nossa Igreja. Nos últimos anos, as três ações, relacionadas circularmente, receberam novas ênfases com o uso de verbos complementares: contemplar e escutar para ver a história, iluminar e discernir para o julgar teológico, orientar e impulsionar para a ação pastoral. A estes momentos, ligamos aqui as três atitudes destacadas pelo Papa Francisco em sua Mensagem à Assembleia Eclesial: “escuta” as vozes do Espírito no caminho do Povo de Deus; “discernimento” à luz do Evangelho e o ensinamento da Igreja; “transbordamento” criativo em novos caminhos pastorais para o futuro. Este esquema tripartite torna possível a inclusão de fatos e palavras –até mesmo textos escritos– de todo o processo vivido em 2021 e do intercâmbio feito pela equipe de Reflexão Teológica para elaborar este texto.
29. A fonte principal do texto é a Palavra de Deus escrita e vivida no Povo de Deus. A Sagrada Escritura é citada de acordo com a Bíblia da Igreja na América. Os ensinamentos do Magistério do Concílio Vaticano II e dos últimos papas são retomados. Em particular, são retomados os documentos do Papa Francisco e do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, especialmente o Documento Conclusivo de Aparecida. O documento da Comissão Teológica Internacional é citado: *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Todos os documentos produzidos em 2021 para o Caminho da Assembleia são tomados como fontes imediatas.
30. Os textos bíblicos e magisteriais são citados entre parênteses e sem referência a notas de rodapé. Com o desejo de integrar muitas contribuições, frases literais ditas e coletadas nas fases da Escuta e da Assembleia. Esta abundância de citações, com referência a siglas e fontes, pode ser difícil de ler, mas é uma expressão de fidelidade ao todo o caminho percorrido. Muitos participantes serão capazes de reconhecer suas próprias vozes aqui. As únicas notas, para mostrar as edições de suas fontes, são encontradas nesta Introdução. Todos os documentos são nomeados como indicado na lista de abreviações.

31. Em termos de conteúdo, a primeira parte, intitulada *Sinais dos tempos na vida de nossos povos*, reflete a escuta de diferentes vozes e um olhar sobre algumas das realidades de nossos povos e de nossa Igreja regional. Como os temas são muitos - e nem todos podem ser analisados - e, além disso, estão inter-relacionados, o objetivo aqui é sistematizar o que foi vivido de tal forma que sejamos fiéis ao que foi dito e visto, dando-lhe maior clareza e coerência. O objetivo não é coletar dados ou analisar questões, mas ouvir alguns sinais de nosso tempo e descobrir a presença de Deus na história. Desejamos olhar para eles com os olhos da fé (cf. DAp 19) para nos deixarmos interpelar pelo Senhor e reconhecer novos caminhos.
32. A segunda parte é intitulada *Uma Igreja sinodal e missionária ao serviço da Vida plena*. Ela oferece contribuições para discernir a primeira parte, dedicada aos desafios, e para fundamentar a terceira parte, que organiza as orientações. Ela cumpre esta função articuladora por meio de uma meditação teológico-pastoral-espiritual fiel e criativa, que assume amplas linhas compartilhadas de diferentes maneiras na Assembleia, desde os painéis até os grupos. O objetivo é ligar o texto como um todo de forma ordenada; dar conta das novidades da Assembleia como um evento sinodal sem precedentes; iluminar o discernimento com a Palavra meditada no Povo de Deus e oferecer alguns ecos das vozes do Espírito nos dias de hoje. Ela pretende compartilhar, em harmonia o que foi vivido e celebrado, reflexões esclarecedoras que ligam os temas da sinodalidade, missão e fraternidade na comunidade dos discípulos missionários, que são chamados a uma conversão permanente.
33. A terceira parte, intitulada *Transbordamento criativo em novos caminhos para percorrer*, tem um caráter marcadamente pastoral. Seu objetivo é apresentar novos caminhos evangelizadores que o transbordamento criativo do Espírito inspira em nossas Igrejas. Fórmula, elabora e sistematiza as orientações pastorais que emergiram do discernimento comunitário da Assembleia Eclesial. Tem como ponto de partida os 231 desafios elaborados pelos grupos no segundo dia e integrados na síntese de 41, dos quais os 12 prioritários foram escolhidos na Assembleia. Estas propostas estão ordenadas segundo seis dimensões da ação evangelizadora: querigmática e missionária; profética e formativa; espiritual, litúrgica e sacramental; sinodal e participativa; sócio transformativa; e ecológica. Em cada uma delas, apresenta as principais orientações pastorais e estabelece linhas gerais de ação. Estas não cobrem todas as áreas pastorais, mas resumem aquelas destacadas pela Assembleia.

5. Um futuro mais sinodal

34. A sinodalidade constitui e expressa a Igreja como Povo de Deus no caminho e assembleia convocada em comunhão. Nesta experiência sem precedentes, experimentamos ambos os aspectos. A Primeira Assembleia é um momento intenso de comunhão eclesial dentro do marco da jornada sinodal que a precedeu e que agora continua. Na nova fase do processo que estamos atravessando agora —a fase de síntese, recepção e implementação de suas orientações pastorais— continuamos a caminhar juntos como a Igreja da América Latina e do Caribe.
35. O que estamos vivendo é uma forma concreta de realizar a sinodalidade como comunhão missionária na história. Em sua recente mensagem à reunião plenária da Comissão Pontifícia para a América Latina, o Papa disse: “a Igreja é ‘um povo reunido em virtude da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo’ [LG 4]”. Portanto, na realidade que chamamos de “sinodalidade”, podemos localizar o ponto onde a Trindade converge misteriosamente, mas verdadeiramente na história. Assim, a palavra ‘sinodalidade’ não designa um método mais ou menos democrático e muito menos ‘populista’ de ser Igreja. Estes são desvios. A sinodalidade não é uma forma de organização ou um projeto de reinvenção humana do Povo de Deus. Sinodalidade é a dimensão dinâmica, a dimensão histórica da comunhão eclesial fundada pela comunhão trinitária, que, apreciando simultaneamente o *sensus fidei* de todo o santo povo fiel de Deus, a colegialidade apostólica e a unidade com o Sucessor de Pedro, deve animar a conversão e a reforma da Igreja em todos os níveis.¹³
36. Nossa Igreja regional tem horizontes abertos e deve seguir dando novos passos em um processo que não termina, mas que segue avançando. Nesta etapa de devolução, apropriação e implementação das orientações pastorais, o CELAM continua a acompanhar às Conferências Episcopais e outras instâncias pastorais com a organização da fase continental do processo sinodal orientado à Assembleia: “Por Uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão”.
37. Na sua mensagem ao Povo da América Latina e o Caribe, a Assembleia reconheceu que a Virgem de Guadalupe acompanha com sua ternura de

13 Francisco, *Sinodalidade e comunhão. Videomensagem com motivo da Assembleia Plenária da Pontifícia Comissão para América Latina* (24-27/05/2022).

mãe o caminhar de nossa Igreja. Nossa Senhora do Tepeyac nos mostra o rosto e o olhar do seu Filho, Jesus, e nos acompanha em este itinerário pastoral. Como filhos lhe pedimos que nos mostre o que Deus sonha e quer para sua Igreja em nossa região e lhe apresentamos, como uma oração, a oferta do caminho percorrido.



Parte I



SINAIS DOS TEMPOS QUE NOS INTERPELAM E ALENTAM

38. O fato de caminharmos juntos como discípulos missionários de Jesus nos pede para olhar, escutar e reconhecer a presença e a vontade de Deus na realidade que estamos vivendo. Para isso, precisamos prestar muita atenção aos sinais dos tempos e dispor nossos ouvidos e corações para a realidade em que vivemos. Na sua mensagem aos participantes na Assembleia Eclesial, o Papa Francisco pediu termos muito presente a palavra “escuta” que, junto com o “diálogo” e o “discernimento” lhe dão um dinamismo próprio. Por isso, ao longo de todo o processo temos feito um grande esforço para a “escuta de Deus, até escutar com Ele o grito do povo; escuta ao povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama” (EC 6).
39. Nesta parte nos limitamos a apresentar apenas algumas realidades que nos desafiam e nos encorajam de uma maneira especial. Após a Introdução sobre escuta e discernimento, e a leitura da pandemia da COVID-19 como uma estrutura para a mudança de época, duas seções são desenvolvidas. O primeiro capítulo refere-se a vários aspectos significativos da realidade de nossos povos, seguindo o esquema de Aparecida (cf. DAp 33-100), e põe o foco em alguns temas emergentes. O segundo, concentra-se em olhar alguns aspectos críticos da vida eclesial que serão abordados nas partes seguintes. Em ambos, luzes e sombras, sinais de morte e de vida são discernidos. Isto é feito citando muitos testemunhos e vozes da fase de escuta e da Assembleia Eclesial.

Algumas questões introdutórias

40. O processo de olhar e escutar gerado pela Assembleia, permitiu a muitos sectores do Povo de Deus na região analisar algumas realidades de nossas sociedades, contemplar diversos aspectos da vida da Igreja e descobrir vários sinais de nosso tempo a partir de sua experiência cotidiana. Os documentos anteriores apresentaram muitas situações que nos afligem, tais como a falta de trabalho, a crescente violência, a crise da educação, a incerteza sobre o futuro. Por ser um processo tão amplo com tantas vozes, vamos nos concentrar apenas em alguns poucos sinais relevantes.
41. Na tradição bíblica, a escuta “é um caminho de encontro com Deus” (DDC 30). São Paulo nos ensina que “a fé vem da escuta” (Rom 10,17). Deus nos dá a fé para receber sua Palavra e “para entrar em um diálogo que possibilite descobrir sua ação na história, interpretar o momento presente, e dar respostas de amor que geram vida em cada circunstância que vivemos” (DDC 30). A sinodalidade “se alimenta desta tradição” e reafirma que a escuta é um elemento central e essencial “para buscar e descobrir a vontade de Deus” (DDC 30), de maneira pessoal e comunitária.
42. A Constituição pastoral *Gaudium et spes* do Concílio Vaticano II enfatiza que é um dever da Igreja –não alguma coisa opcional– discernir “a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho” (GS 4). O acontecimento de Aparecida vinculou-a estreitamente ao chamado para assumir uma atitude de conversão pastoral permanente. (cf. DAp 2, 29). Os sinais são desafios à vida e à missão da Igreja. Aqui escolhemos apenas os mais frequentemente mencionados e comentados no processo de escuta e que inspiraram a formulação das Propostas pastorais por parte dos grupos de discernimento.
43. Aparecida mostrou que nossos povos vivem uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam nossas vidas e têm um escopo global. Em 2015, diante da degradação ambiental, o Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si'*, fez um chamado a todos os moradores do planeta para que se comprometessem a cuidar de nossa casa comum. O Sínodo Amazônico celebrado em 2019 nos inspirou a abrir novos caminhos para a Igreja e uma ecologia integral que nasçam de uma conversão pastoral, cultural, ecológica e sinodal. A Assembleia Eclesial segue este caminho, mas

incorpora novos desafios que nos últimos anos se estão interpelando a tarefa evangelizadora da Igreja.

A pandemia, um marco da mudança de época

44. A pandemia do COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) 11 de março de 2020, causou um aumento sem precedentes dos níveis de pobreza nas últimas décadas, como o demonstrou a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL) em 2021 e recolheu o Documento para a Renovação do CELAM (cf. DDR 23-30). Numerosas pessoas pobres foram infectadas devido à precariedade de suas casas e às possibilidades muito limitadas de cuidar de si mesmas. Isto trouxe à tona as deficiências dos sistemas de saúde pública nos países de nossa região e também o fato de que as mulheres têm feito e estão fazendo a maior parte do trabalho de cuidar.
45. Algumas vozes dos participantes no processo de escuta expressam a natureza contraditória da emergência sanitária e todas as suas consequências. Por um lado, “a pandemia causou isolamento e mortes”, “mudou tudo, e nos incitou a repensar tudo”. Outros sublinham a dor, a incerteza, a angústia, a perda de presença e, concretamente, o distanciamento da participação física na Eucaristia e na vida comunitária (cf. DDC 41). Como muitos apontam, a pandemia tem causado “muitas lutas inacabadas de pessoas que morreram, e cujas famílias muitas vezes não conseguiram fazer um velório” (SN p.13).
46. Por outro lado, a pandemia manifestou “a enorme capacidade de reinvenção das comunidades e das pessoas que a este novo contexto de maneira efetiva diante das necessidades e os novos condicionamentos para a ação” (DDC 44). Ela “mudou o ritmo de nossas vidas, nos tornou conscientes do cuidado e da responsabilidade, por exemplo, demonstrando solidariedade com as pessoas vulneráveis”. Além disso, alguns apontam que a pandemia nos reeducou “na forma como fazemos as coisas e na maneira como encaramos a vida”. Aprendemos a valorizar a família, os amigos e a distinguir o que é realmente essencial e necessário em nossas vidas” (SN, p. 13). A pandemia é uma realidade que atravessa os sinais dos tempos porque afeta todas as dimensões da existência.

I. Aspectos significativos da realidade de nossos povos

A vida cotidiana de nossos povos está formada por muitos aspectos, positivos e negativos. Durante o processo da escuta foram destacadas algumas situações críticas da realidade que afetam particularmente à população da região e suas expectativas de um melhor futuro.

1. Âmbito socioeconômico: grandes iniquidades

47. O sistema socioeconômico dominante na América Latina e no Caribe tem produzido inúmeras vítimas de injustiça, marginalização e exclusão social que torna impossível a todas as pessoas afetadas ter acesso a uma vida em condições dignas. Muitos foram descartados de nossas sociedades, abandonados à sua sorte. Durante a pandemia, aumentou significativamente o número de pessoas que, por falta de recursos econômicos, perderam suas casas e estão vivendo nas ruas. O modelo econômico que privilegia o mercado sobre as pessoas e famílias não se baseia em valores e princípios éticos, não aceita função reguladora e não permite o fortalecimento das instituições sociais e estatais que monitoram efetivamente a prática ética.
48. Em nossas sociedades prima um sistema econômico com uma “lógica efficientista e imediatista” (LS 181) que tende a transformar tudo em mercadoria e a priorizar o lucro máximo sem considerar os custos humanos, sociais e ambientais. Este sistema tem gerado lacunas de iniquidade cada vez mais profundas e insuperáveis, entre os reduzidos grupos de pessoas que têm o poder de influir nas políticas públicas, por um lado, e o resto da população privada de bens vitais e condições de vida digna, por outro lado, no processo de escuta é criticada “a cultura da lógica de mercado em detrimento de uma economia fraterna e ecológica” (SN p.16).
49. Como assinalam estudos realizados por entidades internacionais, a pandemia acrescentou ainda mais as desigualdades. O número de pessoas vivendo na pobreza extrema na América Latina e Caribe subiu de 81 a 86 milhões devido ao aprofundamento da crise social e sanitária, e tornou a região na mais vulnerável do mundo. Em seu relatório de 2022, a CEPAL fala de um retrocesso de quase 30 anos na luta contra a pobreza. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO)

e o Programa Mundial de Alimentos (PMA), 12,7 milhões de pessoas na América Latina e Caribe passam fome, principalmente em cinco países da América Central e Caribe: El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Haiti. O último é o país com a maior crise alimentar da região.

50. A desigualdade corrói os processos democráticos e sociais porque prejudica o tecido social e gera violências. Ela não bate da mesma maneira em todos os grupos de excluídos: as mulheres pobres, camponesas e indígenas têm condições de vida muito mais duras que seus pares masculinos. Uma característica comum à maioria de nossos países é a violência institucionalizada, que causa o crime organizado e a violência provocada pela desigualdade socioeconômica. Como foi advertido na escuta, sem as mudanças econômicas necessárias para superar as iniquidades, “haverá um aprofundamento da violência em todos os níveis (familiar, social, político, econômico) que já tem aumentado exponencialmente” (SN p. 17).
51. As vítimas desse sistema são os mais pobres entre os pobres, os descartados que não têm acesso à terra, moradia ou trabalho. Muitas vezes a resposta dos Estados a exigências justas é o uso da força pública para reprimi-las. Em alguns países, há assassinatos seletivos de líderes comunitários e sociais, destruição de suas formas de produção, militarização de grandes territórios e criminalização indevida de suas organizações sociais. Isto é particularmente verdadeiro para a Amazônia e muitas outras regiões afetadas pelo extrativismo e pela poluição ambiental, onde “a depredação do território é acompanhada pelo derramamento de sangue inocente e a criminalização de seus defensores” (SA DF 67), a devastação da terra e de seus ecossistemas, a violação dos direitos das comunidades e dos povos. A América Latina tem o primeiro lugar em homicídios por razões ambientais.
52. É um sinal dos tempos que os grupos minoritários exijam ser considerados como interlocutores e protagonistas dos processos que afetam suas condições de vida e seu futuro. Suas palavras, esperanças e medos devem ser a voz mais poderosa em qualquer mesa de diálogo” (QAm 26). Eles afirmam que suas propostas devem se concentrar na questão de “como eles imaginam o bem viver para si mesmos e para seus descendentes” (QAm 26). Isto não é verdade apenas para a Amazônia, mas também para muitos outros lugares marginalizados e excluídos em áreas urbanas e rurais.

53. Os pobres dos povos e os povos pobres exigem viver com dignidade e continuarão a exigir seu direito de serem reconhecidos como sujeitos fundamentais de transformação social e eclesial. A eles foi confiada a semente da vida de um movimento de solidariedade universal capaz de transformar a história. Ouvir seus gritos é ousar ouvir também a sabedoria deles.

2. Esfera sócio-política: a fragilidade de nossas democracias

54. Um dos âmbitos importantes para o desenvolvimento dos povos é a democracia que rege o sistema de convivência política na maioria de nossas repúblicas. Em Aparecida se reconheceu “um certo progresso democrático que se demonstra em diversos processos eleitorais” (DAp 74). Entretanto, em muitos casos, o poder político está sendo utilizado de forma autoritária por regimes neopopulistas de diferentes ideologias que se aproveitaram do descrédito das instituições públicas do Estado, ao mesmo tempo em que navegam pela agitação popular. A democracia em nossos países é descrita como “frágil” e, em alguns casos, existe uma verdadeira crise democrática.
55. Esta realidade tem sido alimentada por um empobrecimento ético na prática política e da governança. A corrupção é generalizada em vários níveis. Isto se manifesta nos grandes negócios feitos com dinheiro público e na “compra de consciências” por expoentes do poder político e econômico, e, cada vez mais, do tráfico de drogas.
56. Como mostra o processo de escuta, esta lamentável crise ética das instituições estatais e governamentais, juntamente com o fato de que a dignidade humana não parece ser uma prioridade para os governos, levou a graves violações dos direitos humanos. “Alguns parlamentos ou Assembleias legislativas aprovam leis injustas contra os direitos humanos e a vontade popular” (DAp 79). Isto resulta na “perda de legitimidade das instituições públicas, da liderança política e dos sistemas de justiça, sem o surgimento de lideranças democráticas exemplares que promovam uma cultura de encontro e uma busca do bem comum acima dos interesses individuais” (DDC 67-68).
57. Porém, um sinal de esperança é “o despertar da indignação dos jovens diante da corrupção, com uma grande capacidade de resposta e mobilização. Isso

mostra o alto grau de consciência dos jovens” (SN p. 162). Outro sinal positivo é o surgimento de organizações, movimentos e redes com fins sociais. “Em nossa América Latina e Caribe, vão aparecendo formas de articulação e de busca de encontro no âmbito das reivindicações sociais e o direito à participação. Algumas dessas experiências são os movimentos populares para a construção de uma democracia participativa que respeite a dignidade humana, a natureza por uma ecologia integral e que possa realizar ‘os três t: terra, teto e trabalho’, que o Papa Francisco tem mencionado como direitos sagrados. (EG 199)” (DDC 72).

3. Âmbito ecológico: nossa casa comum em grande perigo

58. Os bispos reunidos em Aparecida quiseram gerar uma maior consciência entre os povos da realidade de que a América Latina é a região com “uma das maiores biodiversidades do planeta” (DAp 83). A natureza é uma “herança gratuita” (DAp 471) e que estamos chamados a cuidar dela com um senso de gratidão e responsabilidade. A Conferência de Aparecida denunciou também que a terra foi depredada e que “as águas estão sendo tratadas como se fossem mercadoria negociável pelas empresas” (cf. DAp 84). Os bispos alertaram sobre o derretimento progressivo das geleiras da Antártica e em diferentes partes do mundo, incluindo a América Latina. Eles alertaram para as consequências desastrosas da mudança climática (cf. DAp 87) e sobre a exploração desenfreada das riquezas naturais que deixa “um rastro [...] de morte por toda a nossa região” (DAp 473). Eles têm denunciado que “Nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais têm sido praticamente excluídas” (DAp 84), e que as mais vulneráveis são as mais “ameaçadas pelo desenvolvimento predatório” (DAp 474).
59. No processo de escuta, muitos participantes que vivem em áreas danificadas por grandes projetos extrativistas comentaram com preocupação que esses projetos estão se expandindo a um ritmo cada vez maior, muitas vezes sem consulta prévia e pública. Quando a consulta ocorre, em mais de um caso, sua implementação não obedece a todos os procedimentos e modalidades prescritos por lei.
60. O extrativismo é entendido como “uma tendência desenfreada do sistema econômico para converter os bens da natureza em capital”. Trata-se de ‘extrair’ o máximo de material possível no menor tempo possível,

para convertê-lo em matéria-prima e insumos que a indústria utilizará, transformará em produtos [...] que outros comercializarão, a sociedade consumirá e então a própria natureza receberá sob a forma de resíduos poluentes”¹⁴ O termo se aplica em particular a atividades ilegais, como a extração não autorizada de ouro ou madeira nobre.

61. Várias vozes identificaram numerosos impactos negativos das atividades extrativistas sobre os ecossistemas e a saúde da população. Em fóruns temáticos, eles afirmaram que em suas áreas há uma “emergência hídrica e a demanda histórica das comunidades por um NÃO à mega mineração não está sendo atendida” (SN, p. 201). Muitas atividades de mineração provocam “graves conflitos socioambientais e impactos irreversíveis na socio biodiversidade e comunidades vizinhas” (SN, p. 201). Diante desta situação, membros de comunidades indígenas e afrodescendentes pediram que a Igreja lhes “acompanhe no caminho que defende a vida dos povos indígenas e denuncia dos abusos contra nossa casa comum” (SN p. 67). Algumas contribuições insistem que a Igreja “não deve ficar indiferente, porque quem olha e não faz nada é cúmplice” (SN p. 67).
62. A Amazônia está entre as áreas mais afetadas pelo extrativismo, o que está levando a um desmatamento maciço e a uma crescente perda de biodiversidade. É um sinal alarmante dos nossos tempos que, devido à degradação ecológica progressiva, várias áreas desta região estão se aproximando rapidamente do ponto de transformação sem retorno, com consequências desastrosas para o clima regional e global. Também no Aquífero Guarani e em outros lugares de nossa região, a degradação da terra e os danos ambientais estão aumentando.
63. O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), em 28 de fevereiro de 2022, advertiu que “a mudança climática causada pelo homem está provocando uma perturbação perigosa e generalizada na natureza e está afetando a vida de milhões de pessoas em todo o mundo”.
64. Várias contribuições no processo de escuta chamaram a atenção para o crescimento significativo de refugiados e deslocados (cf. SN p. 27) devido à crise climática, que causa temperaturas extremas, secas prolongadas, chuvas fortes e inundações, furacões e ciclones poderosos que ocorrem

14 CELAM, *Discípulos missionários, custódios da casa comum*, (Carta Pastoral do Conselho Episcopal Latino-americano, Bogotá, 2018)

com mais frequência e são muito destrutivos. Ao mesmo tempo, o aumento contínuo do deslocamento, tanto dentro dos países como entre eles, acarreta o risco de fortes tensões sociais nos locais de chegada dos migrantes. Pode-se observar que cada vez mais conflitos estão surgindo devido à crescente escassez de bens vitais, tais como água potável e alimentos.

4. Âmbito sociocultural: povos, cidades, migrantes

65. A riqueza e diversidade cultural dos povos da América Latina e do Caribe é imensa: comunidades indígenas, afro-americanas, mestiças, camponesas, urbanas e suburbanas (cf. DAp 56). Mas este maravilhoso mosaico de diversidade foi tocado pela mudança dos tempos, cujo nível mais profundo é a crise cultural. A globalização tende a padronizar a cultura de acordo com um modelo dominante. É uma nova colonização através da imposição de modelos artificiais, desconsiderando expressões locais e tendendo a impor uma cultura uniforme, acentuando a autorreferência do indivíduo, o que leva à indiferença para com o outro, do qual ele não precisa e pelo qual não se sente responsável (cf. DAp 46). Uma cultura do descartável está crescendo, na qual os seres humanos não são vistos em sua dignidade como filhos de Deus e irmãos e irmãs dos outros. Na Assembleia Eclesial foi ouvida com preocupação: “somos feridos pela indiferença que existe entre as pessoas em relação ao próximo, a desconfiança, a falta de amor. Parece que está na moda ser prepotente em relação aos outros.” (SN p. 27).
66. Desde meados do século XX, nossa região vem passando por um processo de urbanização crescente. A América Latina é a área mais urbanizada do mundo, com 80% de seus habitantes vivendo em cidades. Destas, 56 cidades têm mais de um milhão de pessoas. Nas novas áreas urbanas e suburbanas, culturas emergentes com novas línguas e simbologias continuam a ser forjadas (cf. DAp 510). Entretanto, em meio a complexidades, desigualdades, ansiedades e sofrimentos, Deus está presente nos povos, em sua vida pulsante e nas potencialidades da cidade. Pela fé, podemos afirmar que “Deus vive na cidade” (DAp 514), mas é necessário procurá-lo e descobrir sua presença nos diversos ambientes e realidades urbanas: (cf. DPC 27).

67. A migração em massa é uma realidade estrutural cada vez mais difundida e angustiante. Elas são uma consequência da falta de trabalho, da violência generalizada, da desordem social, da perseguição política, da falta de um futuro e, como mencionado acima, da degradação ambiental. Nos países do Caribe e da América do Sul, os fluxos migratórios têm aumentado, aprofundando os intercâmbios culturais. Hoje, dez milhões de latino-americanos e caribenhos vivem em um país que não é onde eles nasceram. A migração forçada afeta milhões de pessoas, mas particularmente as mais vulneráveis: crianças, adolescentes e idosos que estão expostos a doenças e ao risco de sua própria morte. Além disso, os traficantes, mercadores da morte, que se dedicam ao tráfico e contrabando de pessoas, sujeitando crianças a várias formas de escravidão e violência sexual e trabalhista ou à remoção de órgãos para transplantes. Esta realidade é um desafio para as comunidades eclesiais nos locais de partida, trânsito e recepção.
68. Mas como Aparecida disse, não podemos ficar com uma leitura pessimista e combativa das mudanças culturais, com uma nostalgia acrítica de que o passado foi melhor. Devemos ser capazes de captar as boas notícias seculares que são as sementes dos processos de humanização e evangelização. Um sinal de esperança é “a existência de pessoas que estão trabalhando na busca de outros caminhos culturais para um modo de vida sustentável” (SN p. 154). Há muitos homens e mulheres, discípulos de Cristo, que estão “comprometidos com uma cultura de paz, com o compromisso de respeitar a diversidade racial e social; ações em favor do bem comum, apelando para uma ecologia integral e ativando a participação política” (SN p. 157).
69. Um efeito positivo da globalização que “podemos estar conectados quase imediatamente com pessoas distantes, portanto como cristãos, temos a oportunidade de estar presentes com toda mensagem fraterna e humanizadora que a Igreja deseja levar aos lares das pessoas”. A fé de muitos cristãos pode atravessar fronteiras e alcançar todos os corações sem dificuldade.” (SN p. 71).
70. Outro sinal de esperança é que há um maior reconhecimento do pessoal e do afetivo. “Aparece o valor fundamental da pessoa [...], (e) a simplicidade e o reconhecimento do fraco e do pequeno na existência surgem como valor, com grande capacidade e potencial que não podem ser desvalorizados [...], uma afirmação da liberdade pessoal e, por isso, da necessidade de questionar em profundidade as próprias convicções e opções” (DAp 52-53). “O problema não é a diversidade, mas a incapacidade de reunir todos esses

significados da realidade em um entendimento integrador que nos permita exercer a liberdade com discernimento e responsabilidade” (DPC 22).

71. Também nos traz esperança a sensibilidade dos jovens aos problemas ecológicos e sociais, assim como a crescente consciência dos direitos da mulher de participar ativamente na sociedade. Sem distinções sexistas, hoje podemos ver nas famílias que os homens participam e desfrutam da paternidade, compartilhando a responsabilidade pela educação das crianças.

5. Âmbito religioso: a fé dos povos

72. Aparecida mostrou que nossas tradições culturais não são mais transmitidas de uma geração para a outra com a mesma fluidez do passado. Isto afeta o núcleo mais profundo de cada cultura, que é a experiência religiosa. A transmissão da fé é difícil em áreas como a educação, na beleza das expressões culturais ou na própria família, que tinha sido um dos veículos mais importantes da evangelização (cf. DAp 39).
73. Em nossos países, houve uma importante mudança na pertença intrarreligiosa. A Assembleia Eclesial destacou o crescimento de outras Igrejas cristãs não católicas, em sua maioria pentecostais, que na América Latina e no Caribe também têm sido chamadas evangélicas. Entretanto, nos últimos anos tem havido uma importante aproximação entre cristãos que se organizaram para defender os direitos humanos, atender às populações migrantes, defender o meio ambiente ou lutar contra todas as formas de discriminação. O fato de haver muitas Igrejas protestantes nos dá esperança na possibilidade de criar uma nova estrutura baseada no valor e na dignidade do ser humano” (SN p.123).
74. Segundo um anuário estatístico da Igreja de 2020, 48% dos católicos do mundo vivem na América e está aumentando no norte do continente. Este é um grande desafio para a vida e a missão da Igreja Católica. Na América Latina e no Caribe, 92% da população se declara cristã, embora aqueles que dizem não ter religião também estejam crescendo. Podemos dizer que por enquanto não há mudança de religião, mas uma transformação dentro do cristianismo.

75. O que alguns identificam como a ruptura do monopólio católico que existia há séculos é impressionante, juntamente com a consolidação de um bloco cristão não católico que reúne protestantes históricos, pentecostais e independentes que se dizem evangélicos. Vários alcançaram influência social e política, inclusive organizando novos partidos confessionais, e que também atraem setores católicos conservadores com suas posições.
76. Enquanto nossa região ainda é predominantemente cristã, a Assembleia também observou uma crescente secularização, especialmente entre os jovens (cf. SN p. 21). Por outro lado, tem havido um processo contínuo de individuação que afeta a pertença a uma comunidade religiosa, especialmente católica, motivada em parte pela afirmação da subjetividade com traços individualistas. Alguns grupos legitimam uma certa teologia da prosperidade, baseada no sucesso e no consumo, que é divulgada através da mídia e das redes. O valor dos outros, da comunidade, da relação com o sagrado, é perdido de vista, e o secularismo penetra como uma cultura que dispensa Deus. Isto leva a uma “secularização institucional” na qual as pessoas preferem se relacionar com Deus por conta própria, diminuindo a prática comunitária e o comparecimento aos locais de culto. Embora seja difícil registrar os sinais de fé, cristãos ou católicos estão crescendo “do meu jeito” e pessoas que se declaram sem religião, não mais cumprindo o papel tradicional de transmitir a fé.
77. Um dos sinais que dão razão à nossa esperança é a persistência e renovação da fé cristã e da piedade mariana de muitos membros simples do Povo de Deus, que vivem o Evangelho no tecido de sua existência diária e renovam sua adesão a Cristo na Igreja em meio a uma sociedade globalizada e fragmentada. A síntese narrativa reuniu contribuições que reconhecem a fé e os valores encarnados na religiosidade ou espiritualidade católica popular (cf. SN ps. 167-170). “Em nossas Igrejas e comunidades há uma fé popular no amor de Deus, e uma devoção a Jesus, à Virgem Maria, a São José e a muitos santos, que sustenta a vida diária mesmo em meio a situações de grande dor. É uma obra do Espírito Santo e um espaço de encontro com Jesus Cristo, sua Igreja e a obra de evangelização” (DDR 42). Esta visão está em consonância com uma das melhores páginas do Documento Aparecida dedicada à piedade popular, que a apresenta como uma espiritualidade ou mística popular, animada pelo Espírito Santo, uma forma inculturada de encontro com Cristo e de transmissão da fé (cf. DAp 258-266).

78. Para muitos crentes na América Latina e no Caribe, a devoção a Maria é um fator fundamental em sua experiência de fé e identidade religiosa. Ela é invocada como a Mãe do Deus por quem se vive, e como uma Mãe atenta às necessidades de seus filhos e filhas. Ela também é reconhecida como a primeira discípula evangelizadora deste continente. É significativo que ela, uma mulher de fé, apareceu a Juan Diego, um representante dos povos originários e dos pobres, e falou com ele em sua própria língua. A *morenita do Tepeyac* é um sinal de reconciliação e interculturalidade que nos incentiva a tecer novas relações entre pessoas, comunidades e povos de diferentes culturas, nas quais nós reconhecemos como irmãos e irmãs em Cristo, ajudando-nos mutuamente a crescer em humanidade e solidariedade e a cuidar da vida, especialmente para os mais vulneráveis (cf. DDC 4).

6. Âmbito dos rostos principais

A Assembleia destacou a necessidade de reconhecer e valorizar o papel de muitos rostos, especialmente os jovens e as mulheres, como agentes de mudança na sociedade e na Igreja.

a) Rostos de jovens

79. Os jovens, nesta nova etapa histórica, têm um importante papel a desempenhar na efetivação das novas transformações sociais e um papel de liderança na promoção das mudanças tecnológicas a nível global. Entretanto, esta revolução digital, que tem um impacto na forma de produzir, de se integrar como cidadão pleno, de forjar novas formas de sociabilidade e de transformar a cultura, não chega a todos e não os integra igualmente. Em alguns casos, ela não foi orientada para o desenvolvimento futuro da humanidade como um todo, mas permaneceu ancorada no modelo dominado pela motivação do lucro e pelo domínio político e econômico. Este modelo está ligado à dinâmica de exclusão para pessoas e grupos que não são de interesse para o mercado.
80. As tecnologias de comunicação e as redes sociais influenciam o pensamento e a mentalidade dos jovens que, quando não têm critérios maduros de análise e discernimento, podem ser manipulados e perder a possibilidade de afirmar sua própria identidade. Este é um modo contemporâneo de colonização que promove uma cultura individualista e consumista.

81. A pandemia agravou os fatores de risco para os jovens, enfrentando situações muito complexas associadas à crise econômica, sanitária, trabalhista e social e limitando as oportunidades de acesso a muitos bens. O desemprego juvenil aumentou, o que favoreceu um aumento da delinquência juvenil ligada a gangues e, sobretudo, ao tráfico de drogas. Situações de abuso sexual e/ou psicológico, aumento da violência doméstica e maus-tratos às mulheres (incluindo mulheres jovens e meninas), ruptura psicoafetiva devido ao confinamento, aumento da migração interna e internacional como única opção para jovens (incluindo menores desacompanhados), aumento de suicídios, uso de drogas e crises espirituais devido à falta de cuidados religiosos e pastorais.
82. A pandemia também mostrou mais claramente as profundas lacunas educacionais, especialmente para as populações mais empobrecidas de crianças e jovens. Eles sofrem com a falta de acesso aos meios digitais educativos, que são novas ferramentas para a aprendizagem e para acompanhar os processos formativos (SN p. 86).
83. Muitos homens e mulheres jovens de setores marginalizados sofrem exclusão total ou parcial do acesso ao trabalho e à educação. O destino mais provável deste grupo social continuará a ser a pobreza. Trabalho decente e educação de qualidade para todos sem distinção é um direito fundamental, mas que muitos setores não desfrutam.
84. Ficamos esperançosos com o protagonismo dos jovens que, apesar dos perigos de contágio e repressão, têm liderado manifestações de massa exigindo mudanças profundas nas decisões governamentais. Muitos deles estão assumindo responsabilidades em vários campos, especialmente na política, assim estão tentando transformar as coisas a partir de dentro e não apenas como espectadores passivos. “Os jovens desempenham um papel muito importante porque são agentes de mudança [...] Devemos nos interessar pelo que está acontecendo em nosso país e no mundo para que as mudanças sejam para o bem e contribuam para um melhor desenvolvimento” (SN p. 93).

b) Rostos de mulheres

85. Nossas sociedades permanecem, em muitos aspectos, patriarcais e machistas, com estruturas que mantêm as mulheres inferiores e invisíveis.

A afirmação ideológica tendenciosa de que as mulheres são inferiores aos homens gerou durante séculos uma profunda desigualdade que se expressa em todas as esferas. Isso também levou a uma consciência histórica distorcida, argumentando que as mulheres nada contribuíram e não merecem ser lembradas na história dos povos, reafirmando sua invisibilidade.

86. A Assembleia Eclesial enfatizou a grande dor gerada pela violência contra a mulher em todas as suas manifestações (machismo eclesial, social e cultural, assim como feminicídios). Estamos profundamente feridos pela violência doméstica à qual nos acostumamos com frequência. Aparecida nos lembrou que a nova vida que Cristo nos traz abrange todas as dimensões de nossa existência, incluindo as relações familiares (cf. DAp 13).
87. É um sinal de esperança a crescente participação das mulheres em cargos públicos e empresariais, sua liderança em movimentos sociais e sua entrada na política em nível nacional, regional e local. Muitas mulheres desempenharam um papel de liderança no enfrentamento da pandemia, promovendo de forma criativa e forte múltiplas iniciativas de profetismo e solidariedade com os mais vulneráveis. Há também um número crescente de mulheres na comunidade acadêmica e científica.

c) Rostos de famílias

88. A realidade continua a desafiar as famílias a “manter-se unidas e fomentar uma convivência baseada no respeito, o amor e o cuidado mútuo, a escuta e o diálogo, além da leitura da Palavra de Deus e a oração comum” (DAp 102).
89. Durante a pandemia, muitas famílias perderam um ou mais de seus membros, gerando um sentimento de orfandade. Além disso, devido às restrições impostas, eles ficaram com feridas internas como resultado de não terem tido a possibilidade de dizer adeus ao membro da família falecido e de lamentar sem o velório.
90. Por outro lado, foi enfatizado que “não há famílias perfeitas; todas elas têm suas falhas e virtudes; uma família tradicional não é mais do que uma família não tradicional e vice-versa. Ambas precisam ser acompanhadas e sentir que fazem parte de uma Igreja inclusiva, compreensiva e tolerante que transmite esperança e segurança” (SN p. 209). É sinal positivo o esforço que é feito para oferecer acompanhamento pastoral às famílias

em suas diversas necessidades, conscientes de que isto requer um trabalho em equipe de pessoas profissionalmente treinadas em diversas áreas, tais como aconselhamento jurídico, atendimento psicológico e apoio espiritual (cf. SN p. 210).

d) Rostos de povos indígenas e afrodescendentes

91. Há quinze anos Aparecida observou que “os povos indígenas e afrodescendentes estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos” (DAp 90). Esta situação, longe de ser resolvida, tem piorado.
92. Na escuta, várias vozes expressaram a profunda dor dos afrodescendentes por causa dos “fortes traços de racismo, exclusão e abuso em nossas sociedades, e até mesmo a falta de sensibilidade na Igreja sobre sua realidade e identidade” (SN p. 68). Os membros das comunidades afro-americanas afirmaram que sofrem uma rejeição da diversidade cultural por parte de outros grupos sociais ou sofrem devido a posturas de superioridade de outros, tanto no ambiente social como eclesial (cf. SN, p. 68). A situação de vida de muitos de seus jovens homens e mulheres é muito angustiante porque é marcada por diferentes tipos de violência, incluindo a violência doméstica, e pela discriminação devido a sua identidade étnica, cultural, sexual e econômica.
93. Um sinal de esperança é que, para enfrentar as crescentes ameaças a seus territórios e identidade, nas últimas décadas os povos indígenas e afrodescendentes criaram suas próprias organizações que fazem ouvir sua voz na sociedade, são interlocutores perante o Estado e têm o poder coletivo de chegar a acordos em defesa de seus direitos.

II. Aspectos relevantes de nossa Igreja

A Conferência de Aparecida fez uma leitura de diferentes aspectos positivos e negativos de nossa Igreja, apontando sombras e luzes da situação (cf. DAp 98-100). No processo de escuta também se identificou desafios, dores e esperanças no caminho

da Igreja da América Latina e do Caribe. Algumas áreas, já mencionadas na seção anterior a partir da realidade de nossos povos, são agora retomadas, mas sob a perspectiva da vida eclesial. Estes não cobrem os vários aspectos da vida e missão da Igreja, mas ordenam os temas mais relevantes e repetidos da escuta recíproca.

1. Igreja Povo de Deus: chamado a superar o clericalismo

94. O clamor de muitos irmãos e irmãs é que eles não sentem que fazem parte ativa da comunidade de discípulos da Igreja. Mais de 50 anos após o Concílio Vaticano II, a distinção entre aqueles que podem e sabem sobre as coisas de Deus e aqueles que simplesmente aceitam e obedecem ainda é muito forte. Alguns, sujeitos, e outros, destinatários passivos da evangelização.
95. Aqui podemos ouvir a voz daqueles que tomaram consciência de que são membros do mesmo Povo de Deus a caminho da comunhão. A força da certeza da fé na igualdade fundamental entre todos os batizados e a diversidade dos membros do Corpo de Cristo é uma oportunidade para o enriquecimento mútuo. “Há um vislumbre de esperança de que há um desejo de que uma Assembleia construa um caminho sinodal, em termos da incorporação dos leigos e que ela comece com um processo de escuta. Isso nos dá esperança de que a Igreja olhe para o mundo de hoje, para se perguntar como fazemos isso?” (cf. SN p. 111).
96. Uma das reivindicações mais fortes é a necessidade de superar o clericalismo: “a tentação de bispos e sacerdotes que interpretam o ministério que receberam como um poder a ser exercido e não como um serviço gratuito e generoso a ser oferecido” (CV 98). Esta realidade também inclui homens e mulheres leigos que, tendo sido formados em um ambiente clerical, adotam inconscientemente formas e atitudes que favorecem as relações de subordinação.
97. Há um desejo cada vez mais firme de crescer em sinodalidade, que significa caminhar juntos em corresponsabilidade no futuro de nossa Igreja. Multiplicam-se os sinais que convidam os consagrados e consagradas a uma autêntica conversão pastoral que abrem caminhos de maior participação de todo o Povo de Deus, com base na vocação comum de assumir a vida e a missão de nossa Igreja, num diálogo e num discernimento comunitário sem cansaço.

98. Precisamos de “uma conversão à experiência sinodal”, o que requer a disposição de todos para “fortalecer uma cultura de diálogo, de escuta mútua, de discernimento espiritual, de consenso e de comunhão, a fim de encontrar espaços e formas de tomada de decisões conjuntas” (SA DF 87). Desta forma, caminharemos “em direção a uma Igreja participativa e corresponsável, que acolhe com gratidão a contribuição dos fiéis leigos, incluindo jovens e mulheres, a contribuição da vida consagrada de homens e mulheres, de grupos, associações e movimentos” (CV 206).
99. Uma Igreja sinodal é chamada a ser uma Igreja poliédrica, em diálogo com todas as diversidades humanas e socioculturais, incluindo a diversidade de religiões, identidades e orientações sexuais. Por exemplo, os membros dos grupos LGTBIQ+ expressaram seu desejo de serem reconhecidos como cristãos comprometidos com a fé e de serem tratados igualmente, de acordo com a dignidade recebida no batismo. Um sinal de nossos tempos é o desejo de que nossa Igreja seja acolhedora e inclusiva.

2. Formação e participação dos leigos

100. Devido a sua condição “eclesial”, a Assembleia foi um espaço único para que os leigos se expressassem de forma autêntica. No processo de escuta, alguns deles fizeram uma forte declaração: “Nós, os leigos, somos a grande maioria do Povo de Deus”. A dignidade vem do Batismo. Não temos uma vocação inferior à dos consagrados. Somos, portanto, sujeitos eclesiais e protagonistas da missão na tomada de decisões. Não devemos aceitar ser considerados como colaboradores dos consagrados, pois temos uma corresponsabilidade eclesial e social que se expressa no caminho sinodal. O clericalismo não entende estas coisas e é um obstáculo para o crescimento da sinodalidade, pois nos impede de viver o chamado do Concílio ao protagonismo dos leigos na Igreja e no mundo” (SN p. 182).
101. Uma Igreja sinodal deve promover a participação dos leigos em áreas de transformação cultural, política, social e eclesial, para que a mensagem se torne carne e habite nas sociedades latino-americanas e caribenhas. Homens e mulheres leigos que lideram setores da sociedade e da cultura com a capacidade de transformar o mundo a partir de dentro.
102. A inculturação do Evangelho tem em muitas comunidades do continente um sotaque marcadamente social e uma firme defesa dos direitos humanos. Os

mártires leigos e as mártires leigas devem ser reconhecidos e incorporados como uma parte essencial da história da Igreja latino-americana.

103. Nas contribuições para o processo de escuta, podem ser identificados sinais de esperança, por exemplo, o fato de que entre muitos cristãos “há uma maior consciência de sua vocação de contribuir ativamente para o cuidado da casa comum” (SDC 55). O forte papel das mulheres de diversos contextos étnicos e culturais, em particular das mulheres indígenas, afrodescendentes e camponesas, empenhadas em cuidar da vida dos seres humanos e da natureza, é também um sinal de esperança (cf. SN p. 27).
104. Entretanto, nem sempre há uma preparação para os muitos desafios que os leigos devem enfrentar nos diversos espaços, o que requer uma sólida formação religiosa. Não existe uma pastoral especializada, a partir das particularidades da paróquia, que fortaleça a preparação para a participação, o cuidado e a transformação social, cultural e política.

a) Jovens no caminho do discipulado

105. Os jovens afirmaram na Assembleia que as mudanças culturais que estão ocorrendo em nossa sociedade os chamam a estar atentos aos sinais dos tempos para não perder a busca de Deus, para serem discípulos missionários e para dar vida a suas comunidades. Eles estão desenvolvendo iniciativas que envolvem toda a comunidade e ainda tem muito a contribuir. No processo de escuta, vários participantes enfatizaram que “não se trata de uma escolha entre jovens e adultos, mas de um trabalho compartilhado, onde tradição e renovação entram em diálogo” (SN p. 89).
106. Há uma intensa demanda dos jovens para que eles tenham um lugar junto com outros, para abrir o caminho para uma Igreja sinodal. Eles afirmam que a incorporação e o fortalecimento da pastoral juvenil são de vital importância para a sustentabilidade da Igreja no futuro. É importante destacar sua sincera e espontânea solidariedade, sensibilidade e capacidade de se desenvolver com grande habilidade em diferentes ambientes, especialmente com as novas tecnologias, o que é vital para a nova evangelização: “Todos nós podemos evangelizar de alguma forma, nós jovens podemos evangelizar através de redes sociais porque elas nos permitem dar testemunho com liberdade de expressão e não ficar em silêncio sobre o que sentimos” (SN p. 86).

107. A Assembleia ouviu os jovens reclamarem da falta de reconhecimento que sentem como protagonistas e agentes de transformação. Por esta razão, os diversos programas pastorais especializados que lhes permitem acompanhá-los em suas buscas pessoais e em seus compromissos apostólicos, políticos e sociais são de grande importância. São experiências que incentivam a liderança em processos eclesiais e comunidades juvenis, e estruturam um caminho integral de encontro com Jesus.

b) Um novo lugar para a mulher na Igreja

108. A Assembleia afirmou fortemente que a presença evangelizadora das mulheres consagradas e das mulheres leigas deveria ser mais visível e reconhecida, e suas contribuições para a história da Igreja e da sociedade deveriam ser valorizadas. Elas são tão invisíveis quanto indispensáveis. A enorme variedade de diferentes grupos sociais, etários e étnicos, que é mais da metade dos membros da Igreja, foi lembrada. Gradualmente as mulheres têm conseguido, com muito esforço, o reconhecimento de seus direitos civis e políticos, e também estão reivindicando seu lugar na Igreja. Mulheres de povos indígenas, afrodescendentes e camponesas estão se capacitando e compartilhando seus conhecimentos, experiências e práticas em suas comunidades eclesiais.
109. As formas de discriminação persistem na Igreja, permeadas ao longo da história pela cultura e sistemas sociais de dominação masculina sobre as mulheres, apesar do fato de que isto é contraditório com a mensagem e a vida de Jesus. Ela exige “a criação de condições efetivas para que as mulheres participem da liderança da Igreja como Povo de Deus, ocupando o lugar que elas merecem. Incluir as mulheres de uma vez por todas na liturgia, na tomada de decisões e na teologia” (SN p. 95), seja no ensino, na formação ou na produção. É um sinal de esperança que já existem mulheres treinadas nesta área que estão gerando teologias com uma abordagem feminina, o que enriquece a reflexão da Igreja.

c) Maior destaque para os povos indígenas e afrodescendentes

110. Aparecida chamou a atenção para o fato de que os povos indígenas e afrodescendentes não só estão emergindo mais fortemente na sociedade como também na Igreja: “este é um kairós para aprofundar o encontro da Igreja com estes setores humanos que exigem o pleno reconhecimento de seus direitos individuais e coletivos, a serem levados em conta no catolicismo

com sua cosmovisão, seus valores e suas identidades particulares, para viver um novo Pentecostes eclesial” (DAp 91).

111. Na Igreja da América Latina e Caribe, passos importantes foram dados para abraçar este kairós. Uma leitura fiel da estrada percorrida desde Aparecida até a Assembleia mostra que, em muitas partes de nossa região, foi feito um compromisso mais forte com as comunidades indígenas e afrodescendentes. Este é um fato que estas comunidades apreciam, como expressou um de seus membros com este comentário: “Mesmo em meio a dificuldades, a pastoral afro busca formas concretas de melhorar as condições de vida” das comunidades afrodescendentes e está comprometida com “a luta pela justiça” (SN p. 68).
112. Aqui gostaríamos de mencionar o compromisso da Confederação Latino-americana de Religiosos e Religiosas (CLAR) de contribuir para a conversão para uma Igreja decididamente ao lado dos povos indígenas e afrodescendentes, que caminha com eles na defesa de seus direitos e territórios, na geração de uma profunda transformação cultural dirigida a um Bem Viver para todas as pessoas e povos e em comunhão com a terra.
113. Na escuta, foi enfatizado que a Igreja deve acompanhar estes povos, “mas não impor”. Para isso “é necessário respeitar suas visões de mundo e diversidade” (cf. SN, p. 67). Também se insistiu na igualdade de tratamento e declarou enfaticamente: “Não queremos que a Igreja nos olhe como ‘pobrezinhos’, porque temos muito a dar e a oferecer de nossa visão de mundo. A Igreja deve aprender e respeitar a diversidade cultural que temos” (cf. SN p. 67).
114. Movido pelos testemunhos que ouviu em seus encontros com os povos indígenas, o Papa chama a atenção para o perigo de continuar a manter as relações colonizadoras. O que ele diz na Querida Amazônia não é válido apenas para este território, mas também para as relações com todos os povos e suas culturas. O Papa Francisco nos adverte que “a colonização não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule, ainda não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente” (QAm 16).
115. Na Igreja, ainda precisamos fazer mais progressos na decolonização de nossas mentes e relacionamentos. Uma voz autorizada na Assembleia expressou que “há uma necessidade de muita conversão por parte de nós, bispos e outros agentes pastorais, para dar a esses povos seu lugar e superar

a marginalização eclesial”. Observamos com tristeza que muitos agentes pastorais continuam a impor uma uniformidade cultural e religiosa, sem conhecer e apreciar a variedade de formas em que Deus se manifesta”. O Santo Padre insiste em nos abrir à “audácia do Espírito” (QAm 94) e viver a conversão cultural porque “não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (QAm 69).

116. Na inculturação da fé cristã, as teologias indígenas e afrodescendentes desempenham um papel importante. É um sinal de esperança que nas últimas décadas tem se desenvolvido teologias que são uma expressão autóctone da fé cristã. Elas são baseadas na apropriação e valorização das experiências e expressões religiosas e culturais de suas comunidades. Representantes de teologias indígenas e afrodescendentes participam ativamente dos diálogos interreligiosos e interculturais, os incentivam e enriquecem com suas contribuições desde as tradições de seus povos. Igualmente, eles também têm muito a contribuir à vivência da sinodalidade em nossa Igreja.

3. Os itinerários formativos em Seminários e Casas religiosas

117. A Assembleia expressou a importância de uma mudança na formação do ministério ordenado, a fim de avançar em direção a uma Igreja sinodal. Ainda hoje há uma ideia em alguns setores que sugere que, quando uma pessoa batizada chega ao sacramento da Ordem Sagrada, ela entra numa esfera diferente, uma categoria superior ao resto dos batizados. Embora nas últimas décadas tenham sido feitos muitos progressos no desenvolvimento de uma formação integral - afetiva, espiritual, intelectual e pastoral - como indicado na *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* da Congregação para o Clero, alguns expressaram que sobrevive um tipo de formação centrada exclusivamente em um currículo de estudo. Eles consideram que não houve progresso suficiente nos processos de discipulado integral, do encontro com Jesus Cristo para a conversão da mente, do coração e da vontade.
118. Muitos seminários e casas de formação religiosa reconheceram a contribuição das ciências humanas e viram a necessidade de avaliar a idoneidade psicológica e espiritual dos candidatos que neles ingressam. É necessário aprofundar a formação afetiva e sexual com a inclusão das mulheres como professoras e diretoras espirituais, excluindo toda misoginia e chauvinismo masculino. A fraca configuração para a vida celibatária

pode levar a conduta de vida dupla e ao abuso, não só sexual, mas também à manipulação da consciência e ao exercício despótico do poder.

119. Cada vocação tem uma forma concreta e distinta de viver a espiritualidade, que dá profundidade e entusiasmo ao exercício de suas tarefas. Assim, a vida no Espírito não nos prende em uma intimidade confortável, mas nos faz pessoas generosas e criativas, felizes na proclamação missionária e no serviço. Isso nos torna comprometidos com as exigências da realidade e capazes de encontrar um significado profundo em tudo o que fazemos pela Igreja e pelo mundo. Como disse um religioso na Assembleia, “a marca da própria identidade torna cada pessoa portadora de um dom, de um carisma e de um estilo concreto, todos únicos e diferentes, e ali convergem as diferentes funções e ministérios da única vocação eclesial: siga-me. É neste “siga-me” que todos nós, leigos, religiosos, ministros ordenados, somos feitos um”.

4. Casos de abuso na Igreja: vozes pedindo escuta e ação

120. Um sinal desses tempos é a necessidade urgente de reconhecer e tornar visível o sofrimento das vítimas de vários abusos de membros da Igreja - de consciência, de poder e de abuso sexual - para ouvir suas vozes e para superar qualquer forma de encobrimento. Outro sinal é a aceitação de que o mau uso da autoridade e do poder favorece relações verticais, abusivas e discriminatórias. “Os crimes de abuso sexual ofendem Nosso Senhor, causam danos físicos, psicológicos e espirituais às vítimas e prejudicam a comunidade dos fiéis”. Estas palavras do Santo Padre na Carta Apostólica “Vós sois a luz do mundo” refletem a magnitude do grave crime de abuso sexual, econômico, espiritual, de consciência e de poder pelo qual vários membros da Igreja têm sido responsáveis.
121. Reconhecemos com pesar diante do Senhor, diante das vítimas e de suas famílias, diante do povo fiel e diante de toda a sociedade os imensos danos que estes comportamentos geraram: a destruição humana, religiosa e social, a erosão dos valores sagrados do ser humano, a perda de credibilidade na Igreja. Confessamos o pecado em que incorremos com nosso silêncio cúmplice, com a falta de credibilidade que demos às vítimas, com a demora nas investigações e, às vezes, com formas de encobrir os crimes ou de desviar responsabilidades.

122. Os abusos de poder, abusos sexuais e de consciência por parte dos ministros da Igreja, religiosos e religiosas consagrados e agentes de evangelização, e a opacidade com que os casos ocorridos são tratados, nos fazem perceber que devemos ser mais transparentes e agir sempre com a verdade. “A imagem do rebanho não deve ser confundida com o Povo sendo uma simples ovelha com a qual o Pastor faz o que quer”. O Pastor acompanha e às vezes corrige, mas ele não é o dono ou mestre do rebanho” (SN p.102).
123. As pesquisas são realizadas, muitas vezes por pessoas além do mundo eclesial, como atores dos meios de comunicação social, têm nos permitido olhar a magnitude do universo das vítimas. Ofensas dirigidas contra apenas um dos filhos de Deus, especialmente os menores dentre eles, são, ultrajes feitos ao próprio Senhor (Cf. Mt 25,31-46). É muito grave que os responsáveis tenham sido nossos irmãos, chamados a acompanhar e liderar o Povo de Deus. Confessamos com tristeza que a falta de um reconhecimento oportuno e sincero, e a falta de investigações claras, tornou o fardo mais pesado sobre os ombros e as consciências daqueles a quem ofendemos.
124. É um sinal dos nossos tempos que esta cadeia do mal é quebrada quando o agressor em atitude penitencial reconhece os fatos, aceita sua responsabilidade, admite os graves efeitos causados à pessoa sagrada das vítimas, submete-se aos devidos processos judiciais, e os líderes e organismos eclesiais colaboram com as vítimas e com a justiça. No processo de escuta, uma das vozes dos participantes resumiu: “Ficamos esperançosos com cada sinal de conversão devido à crise de abuso sexual e de confiança: mais vontade de denunciar e cooperar, novas resoluções mais justas, parte do Clero reconhecendo erros e pedindo perdão, humildade e sinais de reparação” (SN p. 102).

5. Experiência pessoal de encontro com Cristo presente na história

125. Aqueles que seguem a Cristo, Filho de Deus e Homem perfeito, são aperfeiçoados em sua própria dignidade humana (cf. GS 41). Segui-lo não é apenas aceitar certos princípios ou obedecer a certas normas. É uma mudança da pessoa que deve permear todas as dimensões da vida e da cultura. Devemos reconhecer que em nós e em nossos povos nem sempre houve um encontro com Jesus que fosse capaz de transformar tudo. Por exemplo, é uma contradição ter uma maioria pertencente às comunidades

católicas e ter os mais altos níveis de desigualdade, corrupção e violência do mundo. (DAP. 527).

126. Em consonância com o Concílio, São Paulo VI e as Conferências anteriores, Aparecida dá uma visão integral da evangelização, como explicaremos na terceira parte. Vemos como um sinal de esperança que cada vez mais leigos, homens e mulheres, conhecem e se sentem discípulos missionários de Jesus Cristo, eles são configurados com a vida, a mensagem, o estilo, o destino e a missão do Mestre. Eles comunicam sua Vida e vivem a serviço do Reino de Deus em tudo o que isso significa (cf. DDC 44).
127. A Assembleia ouviu o chamado para uma Igreja encarnada e serviçal; não entrincheirada em seu próprio conforto, mas em saída, porque tudo que é humano deve ter ressonância no coração dos discípulos de Jesus (cf. GS 1). É necessário ir em todas as direções para trazer alegria e esperança através da experiência da proximidade e a ternura de Deus (cf. DAp 548). Assim como o Mestre, estamos a serviço da vida com uma opção preferencial pelos pobres e os excluídos. Servir a vida é denunciar a presença do mal e anunciar a Boa Nova da libertação integral.
128. A crise causada pela pandemia em todos os níveis nos chama a ser “uma comunidade samaritana, que prefere aqueles que Jesus mais ama, uma comunidade que mostra firmeza nos passos de Cristo para os frágeis”. Nossa esperança é encorajada pelas respostas dos bispos, sacerdotes e leigos comprometidos” (SN p. 13). Como comunidade evangelizadora, ouvir o grito dos pobres nos ajuda a concretizar nossa opção missionária em uma nova perspectiva histórica. Devemos aprofundar esta forma de olhar a história e a realidade desde o último e para todos, incorporando em nossos planos pastorais e projetos sociais as perspectivas, intuições e visões dos mais humildes, a fim de construir uma nova sociedade e uma nova Igreja.
129. Com a visão projetada para os horizontes de 2031-2033, quando comemoraremos os 500 anos do evento Guadalupano e os 2.000 anos da Redenção, reafirmamos a convicção de que o caminho da Igreja é o ser humano, “o caminho traçado pelo próprio Cristo, o caminho que conduz imutavelmente através do mistério da Encarnação e da Redenção” (RH 14). Jesus Cristo, que vive de uma maneira plenamente humana sua condição de Filho de Deus, nos leva a viver a existência cristã de uma maneira mais humana, como Deus a sonha e nos oferece com amor. Cristo é o Caminho de Deus para o homem e do homem para Deus no coração da história.





Parte II



UMA IGREJA SINODAL E MISSIONÁRIA AO SERVIÇO DA VIDA PLENA

130. Esta parte contém uma reflexão histórica, teológica, pastoral e espiritual sobre o tema da Assembleia. Ela serve para articular e iluminar. Ela oferece contribuições para discernir os desafios da realidade que vemos e ouvimos, e para informar a formulação de orientações pastorais. Ela deseja aprofundar e atualizar a questão com uma reflexão fiel e criativa, que assume as linhas principais da Assembleia e fornece reflexões lúcidas para a missão.
131. O tema se concentra nos novos caminhos para uma Igreja sinodal, discípula e missionária na América Latina e no Caribe ao serviço de uma Vida plena para nossos povos. Ela retoma a tradição pastoral latino-americana e, sobretudo, a Conferência de Aparecida e o Magistério do Papa Francisco. Ela é alimentada pelas fontes da fé das quais a Igreja se nutre e pelos documentos do processo sinodal da Assembleia.
132. Tomamos como lema inspirador as palavras que Jesus diz sobre sua Pessoa e sua missão quando se apresenta como o Bom Pastor: *eu vim para que tenham vida e vida em abundância* (Jo 10,10). Esta frase está ligada ao lema que acompanhou Aparecida: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). No quarto Evangelho, quando Jesus diz “eu”, ele revela seu mistério pessoal e declara sua missão salvadora. O lema escolhido fala de “Vida em abundância” através da efusão do Espírito de Cristo, Senhor e Doador da Vida, que anima a marcha da Igreja.
133. Esta reflexão retoma a mensagem do Papa Francisco para os participantes da Assembleia de 15 de outubro de 2021. Aí ele chamou para a escuta sinodal, o discernimento comunitário e a transbordamento missionário. Ele nos convidou para “o transbordamento do amor criativo de seu Espírito,

que nos impele a sair sem medo para encontrar outros, e que encoraja a Igreja a se tornar cada vez mais evangelizadora e missionária através de um processo de conversão pastoral” (MP). Esta efusão do dom do Espírito vai do interior para a transbordamento da vida teologal, da viagem sinodal e da missão evangelizadora. Uma Igreja em caminho, em peregrinação rumo ao Reino pleno, é missionária porque é sinodal e é sinodal porque é missionária.

134. A estrutura desta parte tem duas seções. A primeira, de caráter histórico-pastoral, situa a novidade da Assembleia Eclesial no caminho de nossa Igreja regional, e mostra sua relação com a Conferência de Aparecida e o processo sinodal promovido pelo Papa Francisco. A segunda seção tem um conteúdo teológico-pastoral de inspiração bíblica e com um sotaque espiritual. Trata-se da Igreja de Jesus como povo peregrino, sinodal e missionário de Deus, e do transbordamento de sua missão realizada pela ação do Espírito Santo, sob o olhar materno de Maria, para promover a vida fraterna nos povos.

I. A Assembleia Eclesial no espírito de Aparecida

135. Esta seção é desenvolvida em quatro pontos. Ela discerne a interpelação que Deus nos faz através da realidade que vivemos, vemos e ouvimos a fim de descobrir novas formas de Vida plena para nossos povos (1). Ela lembra o processo de recepção do Concílio Vaticano II pelas Conferências Gerais dos Bispos da região e apresenta a novidade da Conferência de Aparecida (2). Ela interpreta e narra o momento atual da Igreja Católica, chamada pelo Papa Francisco a seguir o caminho da sinodalidade através de seus sujeitos, estruturas e processos (3). Nesse enquadramento está situada a preparação e a celebração da Primeira Assembleia Eclesial, reunida para agradecer, reavivar e atualizar o espírito de Aparecida com vistas ao futuro (4).

1. A interpelação de Deus nos sinais dos tempos

136. Jesus nos chama a “interpretar os sinais dos tempos” (Mt 16,3) e “interpretar o tempo presente” (Lc 12,56). Como mencionado acima, o

Concílio Vaticano II aceitou este chamado como uma prática inerente ao seguimento de Jesus. A expressão “sinais dos tempos” refere-se, em primeiro lugar, a mudanças profundas, universais e aceleradas, tais como, na época do Concílio, a aspiração à paz, a crescente solidariedade internacional, a exigência de liberdade religiosa, o anseio de unidade entre os cristãos (cf. GS 4-10). Nestes sinais estão expressas as necessidades e aspirações da humanidade que estão presentes em uma época concreta.

a) Trabalhar por uma Vida plena para nossos povos

137. Na primeira parte, apresentamos vários sinais deste tempo que afetam a vida de nossos povos. Somos chamados a lê-los e discerni-los à luz de nossa fé, que procura descobrir nos eventos “os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus” (GS 11). O “discernimento evangélico é a interpretação que nasce à luz e sob o poder do Evangelho, do Evangelho vivo e pessoal que é Jesus Cristo, e com o dom do Espírito Santo” (PDV 10). Ele não toma um fato ou uma situação como um simples dado a ser registrado, “e diante do qual se pode ficar indiferente ou passivo”. Ao contrário, numa perspectiva de fé, entende-se como “um ‘desafio’ ligado a um ‘chamado’ que Deus faz ouvir em uma dada situação histórica” (PDV 10).
138. discernimento deve ser realizado com grande abertura interior para o Espírito, que sopra onde quer. O Espírito de Jesus está atuando na história de nosso mundo ferido, renovando a face da terra, trazendo nova vida em situações de morte. O Espírito já está presente no mundo, de uma forma inicial, e no final dos tempos ele transformará toda a criação para que ela possa participar da Vida plena de Deus. Através do trabalho do Espírito, o futuro da Vida plena trazida por Jesus Cristo já está tomando forma em nosso mundo. Pois, “o Espírito, o laço infinito do amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e promovendo novos caminhos” (LS 238). Uma leitura de fé e discernente dos tempos percebe nos fatos positivos, cheios de significado e humanidade, sinais que geram esperança. Também discerne, em uma realidade marcada por injustiças, divisões e descartes desumanos, o potencial transformador da presença de Deus que promete e promove a Vida plena.
139. A Igreja está chamada a colaborar com Deus para gerar e fazer crescer a vida em nome de Jesus. Segue a Cristo, que caminha no caminho do ser humano (cf. RH 14). A missão de Cristo, o Bom Pastor, é dar vida em

abundância (Jo 10,10). Nossa Assembleia reaviva a proposta de Aparecida: comunicar “uma Vida plena para todos” (DAp 361). Uma evangelização integral irradia a “oferta atraente de uma vida mais digna, em Cristo, para cada homem e mulher da América Latina e do Caribe” (DAp 361). Isto envolve vários dinamismos evangelizadores, incluindo o alcance de movimentos sociais e culturais para compartilhar na busca de uma vida mais plena e ação de libertação integral (cf. DPC 55). A Igreja trabalha pela plenitude da existência humana, em suas dimensões pessoal, familiar, espiritual, social e cultural (cf. DAp 13).

140. Num mundo criado bom por Deus, ferido pelo pecado e diversos males, e recriado pela graça de Cristo, o discernimento percebe sinais de vida e de morte, luzes e sombras, esperanças e ameaças. A parábola do trigo que cresce no meio do joio (cf. Mt 13,24-30) nos fala sobre esta ambígua realidade. “Caminhar juntos, escutando o que o Espírito lhe diz à Igreja, envolve [...] ajuda-nos discernir o trigo que sempre cresce no meio do joio” (SJ 92). Isto sempre demanda que escolhamos o que mais corresponde à vontade de Deus e à vida nova em seu Reino. As Conferências de Santo Domingo e Aparecida nos oferecem um critério para o discernimento evangélico das realidades sociais, que consiste em julgar se elas favorecem ou dificultam uma vida humana mais digna (SD 164-209; DAp 347-430). Na mesma linha, é necessário discernir se algo permite, promove e fortalece a vida em e para nossos povos ou se a coloca em perigo, danifica ou destrói.
141. Deus nos interpela nos sinais de vida danificada e de relações quebradas, de indiferença diante do sofrimento de nossos irmãos e irmãs, de violência nas relações com os outros e com a terra, nas situações sem humanidade, amor ou solidariedade. Em nosso presente existem duas realidades intimamente ligadas que se destacam por seu significado e impacto: a pandemia COVID-19, que marca um quadro de transformação epocal, e a mudança climática, aquela emergência ecológica aguda que põe em perigo os fundamentos de nossa casa comum e a vida na Terra. Nesses dois processos, muitos dos sinais preocupantes e interpelantes em nosso mundo de hoje estão presentes e condensados.
142. A tempestade da pandemia desmascarou “nossa vulnerabilidade” e expôs “aqueles títulos falsos e supérfluos com os quais tínhamos construído nossas agendas, nossos projetos, rotinas e prioridades”. Como o Papa Francisco destacou no Momento Extraordinário de Oração (27/3/2020), não prestamos atenção nas chamadas de Deus, “não despertamos para as

guerras e injustiças do mundo, não ouvimos o grito dos pobres e de nosso planeta gravemente doente”. Continuamos sem perturbações, pensando em nos mantermos sempre saudáveis em um mundo doente”. Através destes sinais Deus nos questiona e nos chama a tomar consciência de que nossa “existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: a relação com Deus, com nosso próximo e com a terra” (LS 66). Deus nos confiou “Irmã Mãe Terra” - como São Francisco de Assis a chama - para que possamos cuidar dela com amor responsável e cultivá-la com respeito sábio, para que ela seja um lar habitável para todos os povos e para a grande diversidade de seres vivos.

143. “Deus, que ama tudo que tem vida” (Sb 11,26), nos encoraja a assegurar uma vida digna para todos, cuidando dos bens comuns da terra que precisamos para viver e conviver. Esta é uma exigência de justiça social, ambiental, climática e intergeracional. As pessoas e grupos mais vulneráveis, que menos contribuíram para a mudança climática, são os mais afetados pela crise ecológica, sanitária e econômica. O Papa Francisco nos lembra que “não há duas crises distintas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS 139). O amor de Deus é expresso no amor ao próximo e no cuidado com a terra. O Espírito nos impulsiona a realizar as transformações necessárias para que nosso povo possa ter vida em plenitude.

b) Avançar na conversão pastoral contínua da Igreja

144. Deus nos interpela e nos encoraja, através dos sinais dos tempos, a avançar no caminho da conversão da Igreja, que é a renovação e reforma. O Espírito de Deus nos convoca ao “caminho da conversão pastoral e missionária” (EG 25). É a mudança pessoal, comunitária, institucional e pastoral de toda a Igreja e de todos os membros da Igreja. A Assembleia Eclesial pretende assumir este desafio audaz lançado por Santo Domingo, renovado por Aparecida e reafirmado pelo Papa Francisco: “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp 370).
145. Santo Domingo deu a perspectiva e as indicações para esta transformação pastoral: “Esta conversão deve ser coerente com o Concílio. Ela abrange tudo e todos: na consciência, na prática pessoal e comunitária, nas relações de igualdade e autoridade; com estruturas e dinamismos que tornam a

Igreja cada vez mais presente como sinal eficaz, sacramento da salvação universal” (SD 30). A conversão prevê mudanças em quatro âmbitos.

146. Conversão no âmbito da consciência da comunidade eclesial. Ser coerente com o espírito e a letra do Concílio Vaticano II implica assumir sua eclesiologia do Povo de Deus (cf. DAp 100b). Ela ultrapassa a noção de uma Igreja composta de duas classes de cristãos em condições desiguais e a entende como a comunidade dos batizados corresponsáveis em uma Igreja toda ministerial.
147. Conversão no âmbito das ações pessoais e comunitárias. A renovação conciliar exige atitudes e práticas consistentes com suas proposições. Uma ação pastoral que promova a vida em plenitude para todos deve ser uma resposta aos desafios de hoje, especialmente ao clamor dos pobres. A Igreja, “advogada da justiça e defensora dos pobres” (DAp 395) deve assegurar que a opção preferencial pelos pobres “atravesse todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp 396).
148. Conversão no âmbito das relações de igualdade e autoridade entre todos os fiéis cristãos. O testemunho do amor fraterno é o primeiro e principal anúncio do Evangelho (cf. DAp 138). Não há mudança nas relações eclesiais sem a erradicação do clericalismo. Aparecida fala da necessidade de uma “atitude de abertura, diálogo e disponibilidade para promover a corresponsabilidade e participação efetiva de todos os fiéis na vida das comunidades eclesiais” (DAp 368).
149. Conversão no âmbito das estruturas. A firme decisão missionária para promover a cultura da vida “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais [em todos os níveis, além de todas as instituições eclesiais, abandonando] as estruturas obsoletas” (DAp 365). Esta conversão é de interesse diretamente para os pastores e os organismos que garantem o exercício da sinodalidade, como são Conselhos e as Assembleias em todos os níveis da vida da Igreja. no âmbito local, a paróquia precisa urgentemente de uma reconfiguração, com sua “setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região” (DAp 372). A nível nacional, as Conferências Episcopais estão desafiadas a integrar de melhor maneira o exercício do *sensus fidei* de todo o Povo de Deus e ajudar às Igrejas particulares a caminhar juntas na ação evangelizadora.

2. Aparecida no caminho da Igreja Latino-americana e Caribenha

a) O caminho evangelizador desde o Concílio Vaticano II

150. A Igreja latino-americana tem uma rica experiência conciliar, sinodal e colegial desde as origens e em sua história contemporânea. Esse caminho comum se intensificou desde 1955 com a celebração da I Conferência Geral do Episcopado no Rio de Janeiro. A pedido dela, Pío XII criou o *Conselho Episcopal Latino-americano* (CELAM), organismo de comunhão e coordenação ao serviço dos bispos e das Conferências Episcopais que estavam se organizando em cada país. A América Latina tornou-se a primeira região com um órgão episcopal colegial.
151. Nossa Igreja percorreu um longo caminho que levou ao aumento da sinodalidade. As quatro Conferências Gerais do Episcopado que se seguiram ao Concílio foram marcos importantes. A II Conferência de Medellín (1968) fez uma primeira recepção do Vaticano II, especialmente da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965), mediada pela encíclica *Populorum Progressio* (1967) de São Paulo VI. A III Conferência de Puebla (1979), à luz da exortação *Evangelii nuntiandi* do mesmo Papa (1975), concentrou a Igreja em sua missão evangelizadora. A IV Conferência de Santo Domingo (1992) recebeu a proposta de uma nova evangelização feita por São João Paulo II para o V Centenário do início da fé cristã na América. A V Conferência, inaugurada por Bento XVI no santuário mariano de Aparecida no Brasil (2007), impulsionou um movimento missionário continental permanente e consolidou “o rosto latino-americano e caribenho de nossa Igreja” (DAP 100).
152. Algumas das novidades desta caminhada estão expressas na recepção original das orientações do Concílio, tais como a centralidade da Palavra de Deus, a reforma da Liturgia, a eclesiologia de comunhão do Povo de Deus, a compreensão do ser humano a partir de Cristo, a presença eclesial no mundo latino-americano. Há também novas categorias, que foram posteriormente assumidas por toda a Igreja, tais como: libertação integral, nova evangelização, opção pelos pobres, pastoral popular, conversão pastoral, missão permanente, itinerário catequético, comunidade de comunidades, dimensão bíblica da pastoral e outras que ajudaram a refletir novos processos eclesiais, ter uma linguagem comum na região e a facilitar o desenvolvimento de uma sinodalidade mais concreta. Hoje, a

dinâmica gerada na periferia da América Latina contribui para a reforma missionária de toda a Igreja, dando origem a um “estado permanente de reforma” (EG 26).

b) A novidade da Conferência de Aparecida

153. A V Conferência foi celebrada no santuário de *Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida*, sob o tema: *Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos nEle tenham vida*. A Conferência partiu de um *Documento de síntese*, que recolheu as contribuições dos episcopados, e das preocupações dos pastores; se desenvolveu num ambiente de oração junto ao povo católico brasileiro, cujos cantos e orações ofereceram a “música do fundo” aos participantes; não se limitou à elaboração de um Documento, mas assumiu o compromisso de uma missão permanente; foi acompanhada pela presença materna da Virgem Negra e a piedade dos peregrinos.
154. Os bispos exerceram o discernimento comunitário que, segundo o Papa Bento XVI, é o método próprio da Igreja reunida em Assembleia como comunhão. O cardeal Jorge Bergoglio guiou o processo de reflexão e obteve os consensos básicos (cf. DAp 1-18; 547-554). Com grande unanimidade, Aparecida tomou a iniciativa de animar uma Igreja essencialmente missionária recolhendo os impulsos dados pelos pontífices anteriores e pelo caminho pastoral percorrido pelas nossas Igrejas locais e nacionais. Ela foi uma síntese de teologia pastoral latino-americana, pôs em ato a eclesiologia conciliar do Povo de Deus em missão, apresentou à Igreja como comunhão discipular e missionária focada em Cristo e ao serviço dos povos.
155. Aparecida entendeu a missão evangelizadora como a comunicação da Vida em abundância em Jesus Cristo (DAp 386). Esta é uma dimensão da vida cristã e da identidade eclesial, como expressa na frase “discípulos missionários”. “Discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva (cf. At 4,12)” (DAp 146). Esta missão não é dada a cada cristão em um sentido individual, nem está separada de sua pertença à comunhão eclesial. A Igreja é “a comunidade de discípulos missionários” (DAp 364) que integra progressivamente seus filhos e filhas em sua vida comunitária e missão apostólica através de itinerários espirituais, catequéticos e formativos.

156. O impulso renovador do Espírito Santo implica “una atitude de permanente conversão pastoral” (DAp 366) e exige a renovação missionária de todas as comunidades e estruturas eclesiais (cf. DAp 365). Este processo de conversão, identificado no início desta segunda parte, se baseia no fato de que a Igreja é missionária por natureza. Aparecida, retomando o Vaticano II, cita o decreto *Ad gentes*, que diz: “a Igreja peregrina é essencialmente missionária” (AG 2; cf. DAp 347).

3. Um pontificado no início de uma nova etapa missionária e sinodal

a) O chamado do Papa Francisco a uma reforma sinodal e missionária

157. O pontificado do Papa Francisco abre uma nova fase na recepção do Concílio Vaticano II. Esta etapa está em sintonia com as palavras de São Paulo VI na abertura da Segunda Sessão do Concílio, quando ele expressou o “desejo, necessidade e dever da Igreja de finalmente se dar uma definição mais completa de si mesma” (29/09/1963). Hoje, neste espírito, notamos que o surgimento de um novo espaço, como a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, aprofunda o caminho comum em nossa Igreja e nos convida a seguir o caminho da “conversão eclesial” (EG 26).
158. A Igreja é o Povo de Deus a caminho. Este Povo “é um *mistério* que tem suas raízes na Trindade, mas tem sua concretude histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende qualquer expressão institucional necessária” (EG 111). A Igreja é “o Povo de Deus presente em todos os povos da terra” (LG 13; EG 114-115). É formado por todos os fiéis cristãos que, com base na fé e no batismo, são sujeitos eclesiais. Unidos na caridade, eles “constituem o Corpo de Cristo” (LG 3), no qual cada membro e cada Igreja “colabora com seus próprios dons com as outras partes e com a Igreja inteira” (LG 13).
159. O presente pontificado retoma o apelo do Decreto sobre Ecumenismo que “todos devem examinar sua fidelidade à vontade de Cristo em relação à Igreja e, como é próprio, devem empreender corajosamente o trabalho de renovação e reforma” (UR 4). O Concílio ensina que “Cristo chama a Igreja peregrina a uma reforma perene, da qual a própria Igreja, como instituição humana e terrestre, está sempre necessitada” (UR 6). Francisco

adota esta ordem para uma Igreja em permanente estado de purificação e reforma (cf. LG 8), uma *Ecclesia semper reformanda*.

160. O chamado a uma reforma missionária responde à natureza peregrina e evangelizadora da Igreja porque “a Igreja existe para evangelizar” (EN 14). O Papa latino-americano formula seu sonho eclesial com expressões neste sentido: “Eu sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo” (EG 27). A Igreja está ao serviço da missão, portanto, todo o Povo de Deus é o sujeito comunitário da proclamação do Evangelho. No seio da Igreja todos os homens e mulheres batizados são chamados a serem protagonistas da missão, pois todos nós somos discípulos missionários.
161. Esta nova etapa exige mudanças na atuação institucional da Igreja. Deve ser “capaz de transformar tudo, de modo que costumes, estilos, horários, linguagem e toda estrutura eclesial se torne um canal adequado para a evangelização do mundo de hoje e não para a autopreservação” (EG 27). Aparecida pediu “abandonar as estruturas caducas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DAp 365). É urgente revisar os estilos de vida, as relações eclesiais, as dinâmicas sinodais –isto é, a escuta, o diálogo, o discernimento e a construção de decisões– para uma melhor efetivação da missão do Povo de Deus.

b) Para uma Igreja sinodal: para o Sínodo sobre a sinodalidade

162. É neste contexto de conversão e reforma que se situa o apelo do Papa Francisco para um Sínodo sobre a sinodalidade. Seu tema é: *Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*. Não é concebido como um evento pontual, mas como um processo que se estende por vários anos. O Santo Padre Francisco convida toda a Igreja a discernir o modelo eclesial para avançar no terceiro milênio, a aprofundar o processo de atualização - *aggiornamento* - iniciado por São João XXIII e pelo Vaticano II, e a responder de forma missionária a esta mudança de época sem precedentes.
163. “A Igreja de Deus é chamada em Sínodo” (DPS 1). O processo 2021-2024, semelhante ao de nossa Assembleia, nos convida a aprofundar a teologia do Povo de Deus, considerando a ação do Espírito nos batizados, que é a unção que constitui o sentido da fé dos fiéis. O Papa comenta sobre esta frase do Conselho (cf. LG 12a): “O Povo de Deus é santo por causa desta unção que o torna infalível ‘*in credendo*’. Isto significa que quando ele acredita que não erra, mesmo que não encontre palavras para explicar sua fé [...] Deus dota

a todos os fiéis um instinto de fé — o *sensus fidei* — que os ajuda a discernir o que realmente vem de Deus” (EG 119). Isto tem animado nossa escuta, tem sido a chave para a Assembleia e deve guiar o futuro do Sínodo.

164. Este modo de proceder na Igreja se realiza no encontro com a Palavra de Deus, a escuta recíproca, o discernimento comunitário, a gestão das diferenças e a procura de consensos a través do diálogo fraterno. É através destas mediações que o Espírito nos fala hoje. A conversão sinodal requer caminhar juntos em todos os níveis da vida eclesial: local, regional e global. Esta forma de inteligência da fé corresponde à função profética dos fiéis através da unção do Espírito, que lhes permite alcançar o consentimento universal em matéria de fé e os costumes.
165. O processo participativo gerado para a Assembleia Eclesial e para o próximo Sínodo colocou em ação uma eclesiologia sinodal que entende a catolicidade como uma comunhão de Igrejas. “A dimensão sinodal da Igreja implica comunhão na Tradição viva da fé das diversas Igrejas locais entre si e com a Igreja de Roma” (SIN 52). O primeiro nível do exercício da sinodalidade ocorre em cada Igreja Local, que tem uma face peculiar que surge dos laços da história, da língua e da cultura, e das comunicações interpessoais e expressões simbólicas próprias. Das Igrejas locais são tecidas as associações de Igrejas em nações, regiões e continentes. Na América, este modo de ser e de fazer a Igreja pode ser visto, de forma emergente, na preparação, celebração e recepção desta Assembleia Eclesial e da fase continental do Sínodo dos Bispos.

4. A novidade da Primeira Assembleia Eclesial

a) Legados de Aparecida e dívidas com Aparecida

166. Valorizamos o evento de Aparecida, que moldou o Povo de Deus peregrino, missionário e sinodal em nossa região, embora a palavra “sinodalidade” não tenha sido usada em 2007. A V Conferência contemplou toda a Igreja com o tema da comunhão missionária. “Nas Igrejas particulares, todos os membros do Povo de Deus, segundo suas vocações específicas, são chamados à santidade na comunhão e na missão” (DAp 163). Na reunião com o Comitê Diretor do CELAM em Bogotá, 10 anos após Aparecida, o Papa Francisco lembrou que “Aparecida é um tesouro cuja descoberta

ainda é incompleta” (09/07/2017). Desde então, ele tem falado do “assuntos pendentes” e tem insistido na implementação de suas diretrizes.

167. Aparecida apresentou o trabalho do CELAM como um serviço fraterno e colegial à comunhão entre as Conferências Episcopais e as Igrejas particulares. A partir de uma eclesiologia de comunhão missionária e com uma ampla visão regional e continental, imaginou novas formas de união entre dioceses em cada nação ou entre países de uma mesma região ou continente. Ele também promoveu formas de cooperação entre as Igrejas da bacia amazônica para uma evangelização inculturada. Ele propôs “Criar nas Américas consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade. Estabelecer [entre as Igrejas locais] uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum” (DAp 475).
168. Estes processos de comunhão sinodal foram intensificados e desenvolvidos de uma nova maneira no último biênio, em consonância com o Sínodo Universal e a Assembleia Eclesial. A renovação e reestruturação do CELAM aprovada em 2021 está localizada na nova dinâmica sinodal de dimensão regional e global. Esta reforma expressa um firme compromisso com a sinodalidade e a colegialidade do órgão episcopal regional. No mesmo biênio, o CELAM colaborou na constituição de duas novas figuras sinodais: a Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA) e a Assembleia Eclesial.
169. Nossa Assembleia lembrou Aparecida com gratidão, desejou reviver seu espírito e fortalecer o progresso da comunidade dos discípulos missionários. Antes de destacar os valores atuais daquela Conferência, que recuperou e fortaleceu o sentido de uma Igreja regional com sua própria fisionomia, citamos algumas questões pendentes: as dificuldades das Igrejas locais e das comunidades cristãs para viver a recepção de Aparecida; a lentidão para traduzir a conversão pastoral em uma práxis que transforma critérios, atitudes, vínculos e estruturas; a redução da missão continental à sua execução programática, perdendo de vista sua dimensão paradigmática; a queda da alegria e do ardor evangelizador diante das incertezas históricas, crises sociais e altos e baixos eclesiais; a persistência do clericalismo e o desejo de autopreservação diante dos pecados e feridas dos membros da Igreja; a resistência ao pontificado de Francisco.

b) Uma assembleia para reavivar o espírito de Aparecida

170. Aparecida enfatizou a identidade discípula e missionária dos batizados porque “O acontecimento de Cristo é [...] o início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo” (DAp 243). O discipulado surge do encontro com o Mestre e molda a vida de uma forma plenamente humana e com um significado escatológico (cf. DAp 243). Seguir Jesus é identificar-se com ele a ponto de compartilhar sua cruz pascal e sua doação salvadora. Seu projeto “não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de novos homens e mulheres que encarnam esta tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que quer se reconhecer na luz e a força do Espírito” (DAp 11).
171. Somos discípulos missionários de Cristo na comunidade do Povo de Deus (cf. DAp 10). A Igreja é um Povo profético, sacerdotal e real-servidor. Todos seus membros são sujeitos da vida teologal rumo à santidade. Eles recebem de Deus carismas diferentes para servir ao bem comum que, através da animação do amor, são levados a “uma unidade que nunca é uniformidade, mas harmonia multiforme que atrai” (EG 117; cf. DAp 162). Deus dota seu povo de um instinto de fé dado pelo Espírito que o capacita a ser um sujeito ativo e a pronunciar uma palavra responsável. Articula-se com a função do Magistério, um carisma dado à hierarquia para integrar, guardar e atualizar “a fé da Igreja de todos os tempos, na qual a voz da tradição deve ressoar” (EG 240).
172. A sinodalidade impulsiona ao Povo de Deus a viver em saída para todas as periferias existenciais, sociais e geográficas. Aparecida enriqueceu a compreensão da nova evangelização, que não se reduz à criação de novos métodos e expressões, mas acentua o ardor do Espírito e a renovação da vida cristã em uma chave pastoral. Nesta perspectiva, a alegria de comunicar a beleza do Evangelho é revitalizada. O Santo Padre nos chama a sair de nós mesmos e deixar nossa zona de conforto para “ousar alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20). Trata-se “de sair de nossa consciência isolada e de nos lançar, com coragem e confiança, na missão de toda a Igreja” (DAp 363). Na pastoral urbana, Aparecida incentivou a “chegar aos moradores dos centros urbanos e suas periferias, crentes ou não crentes” (DAp 518). As periferias não são só espaços privilegiados da missão, mas também horizontes hermenêuticos para entender a realidade.

173. No processo de escuta, as pessoas disseram: “não podemos ficar esperando que as pessoas cheguem, temos que sair e procurar por eles em suas próprias realidades” (SN p. 134). A Assembleia nos convida para sermos uma Igreja de portas abertas e ir para onde o povo está. Este caminho envolve dificuldades, porém é preferível “uma Igreja acidentada, ferida e manchada por sair às ruas, a uma Igreja doente por estar fechada e pelo conforto de agarrar-se à própria segurança” (EG 49), uma Igreja que “sai” às periferias, mais do que uma Igreja com medo de errar e submetida a estruturas anquilosantes.
174. A Igreja tem a missão de comunicar “uma vida em abundância para todos” (DAp 361). A vida cristã é plenamente humana e mais que humana. Portanto, evangelizar é dar uma mensagem de esperança para aqueles que sofrem tanta necessidade e dor. Desde Medellín e Puebla, a preocupação com a vida do povo inclui uma opção preferencial pelos mais pobres (cf. DDC 9). A sinodalidade nos conduz a caminhar juntos com os povos pobres e os pobres dos povos porque “A mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino” (DAp 257). Queremos ajudar a gerar “uma sociedade sem excluídos” (DAp 135) porque “na defesa dos direitos dos excluídos encontra-se a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo” (DAp 257). A Assembleia promove a proclamação de uma vida digna, a libertação integral e a globalização da justiça e da solidariedade (cf. DAp 399ss).
175. A Igreja concretiza sua missão no cuidado do matrimônio e da família, que são fonte de vida, escola do amor e templo da fé (cf. DAp 431-475), na evangelização das culturas e a inculturação do Evangelho (cf. DAp 476-480), na transformação das estruturas sociais em vista do Reino de Deus (cf. DAp 210), o “que entranha proximidade afetuosa, escuta, humildade, solidariedade, compaixão, diálogo, reconciliação, compromisso com a justiça social e capacidade de compartilhar, como Jesus o fez” (DAp 363). “A Igreja encara o grande desafio de promover a dignidade de todas as pessoas, no desde uma caridade simplista que se esgote na simples esmola, mais como promotora da humanidade, de trabalho e vida digna, e nas condições adequadas que todos merecemos, independentemente da cor ou raça” (SN p. 54).

II. O transbordamento evangelizador do Povo de Deus em clave sinodal

176. Na Assembleia ressoou um forte apelo de muitos participantes para viver um encontro mais pleno com Cristo, como fonte de renovação da vida cristã e da missão eclesial. Jesus Cristo é o centro do Evangelho e da evangelização. Ele é o Homem Novo (Col 3,11), que faz novas todas as coisas (DAp 21,5), o mesmo ontem e hoje e sempre (Hb 13,8). Por isso, o Documento para o discernimento exprimiu: “Ao caminharmos para os 2000 anos de nossa redenção em Jesus Cristo, tenhamos em mente que o centro de nossa fé está no fato de que Deus manifestou seu imenso amor em Cristo morto e ressuscitado. O Cristo ressuscitado caminha com seu povo e é uma fonte constante de novidade. Esta verdade quer ser aceita com assombro e abertura pela Igreja, que todos nós formamos juntos” (DDC 5).

1. O sonho de Deus: a Vida em abundância do Espírito de Cristo

177. Jesus segue presente na Igreja, que é seu sacramento, e age além de sus limites visíveis com a força salvadora de seu Espírito. “A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo os lados os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual [...] Esta é a força da ressurreição, e cada evangelizador é um instrumento deste dinamismo” (EG 276). Na ressurreição de Jesus, Deus recria a criação. Somos chamados a testemunhar a vida que recebemos como um presente de Deus em Cristo, e a compartilhar livremente o Filho de Deus com todos. Na Assembleia renovamos esta fé e nos comprometemos a comunicar a todos a alegria do Evangelho.

a) Jesus: Evangelho de Deus e Evangelizador do Reino de Deus

178. A humanidade é fruto da efusão do coração de Deus, de seu desejo de compartilhar a abundância de sua vida. É assim que nós cristãos entendemos a frase bíblica: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1,26). Deus começa a cumprir seu plano chamando algumas pessoas, fazendo surgir em seus corações um desejo de plenitude,

tirando-os de suas seguranças, tirando-os de sua cultura, tempo e lugar: “Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (Gn 12,1). A vocação de Abraão e as origens do Povo de Deus estão marcados pela dinâmica do dom e da saída.

179. Como seu sonho tem uma dimensão comunitária essencial, o Senhor escolheu um povo com o qual compartilhou seu projeto: “se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,5-6). Nem todos aceitaram o projeto social que Deus lhes deu na aliança para serem o Povo de Deus; mas, sempre houve pessoas que acolheram seu projeto e receberam a capacidade de ver com os olhos de Deus, de sentir com seu coração e de sonhar seus sonhos. Temos confiança que o sonho de Deus não falhará porque Ele sempre acompanha a caminhada de Seu povo, vê sua opressão, conhece sua dor (cf. Ex 3,7) está preocupado em libertá-lo. Deus traz esta mesma preocupação em pessoas concretas e as envia para tirá-las da terra da escravidão e levá-las a “uma terra boa e vasta, onde corre leite e mel” (Ex 3,8).
180. Os profetas mantiveram vivo o sonho de Deus em meio à fragilidade de seu povo e alimentaram essa esperança: “me regozijarei e em meu povo terei prazer; nunca mais se ouvirão nela [Jerusalém] voz de pranto e choro de tristeza. Nunca mais haverá nela uma criança que viva poucos dias, e um idoso que não complete os seus anos de idade. [...] Construirão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão do seu fruto” (Is 65,19-21). Os profetas perceberam dolorosamente a dissonância entre esta vocação e a triste realidade de traição, injustiça e violência que reinava entre seu povo (cf. Is 1,4-9.21-27). O mesmo carisma profético é dado aos membros da Igreja de Jesus através do dom do sentido da fé recebida no Batismo. A visão da realidade reunida no processo de escuta manifesta esta dupla faceta de tristeza e esperança.
181. Nós cristãos acreditamos e confessamos um acontecimento sem precedentes “a Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). A expressão máxima do compromisso de Deus com a vida da humanidade é a Encarnação de seu Filho: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Jesus é o dom insuperável do amor do Pai, que nos diz: *Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham plenamente* (Jo 10,10). Pelo

dinamismo pascal de seu amor e sua vida constantemente dada, ele semeia em seus discípulos a caridade que brota do coração de Deus e comunica o dom de sua alegria: “Como o Pai me amou, assim eu os amei; permane no meu amor!” (Jo 15,9).

182. Com sua pessoa, palavras e gestos, Jesus manifesta que o sonho de Deus, seu reino, está se tornando presente em sua vida. É o reino do Deus da Vida e da Vida de Deus, um reino que não vem deste mundo, mas que Jesus traz ao nosso mundo para que ele possa crescer nele como uma semente até que Deus seja tudo em todos. Jesus conhece o mal que se esconde no coração humano, ele sabe o que está dentro dele (cf. Jo 2,25) e a necessidade que temos de nascer de novo para viver sua novidade (cf. Jo 3,3). Para libertar o mundo dominado pelo mal (cf. Jo 12,31), Jesus “amou-os até o fim” (Jo 13,1), deu sua vida por aqueles que o Pai lhe confiou e se tornou o Salvador de todos.
183. Em Pentecoste se tornou realidade o sonho de Deus sobre a humanidade. O Espírito do ressuscitado fez nascer uma nova humanidade que proclama a fé em todas as línguas (cf. At 2,1-9) e vive a novidade do amor no serviço mútuo (cf. Jo 13,1-20.34-35). É a comunidade que se reúne assiduamente, escuta o ensinamento apostólico, participa da vida comum, frequenta a fração do Pão e as orações, compartilha os bens, come com alegria e simplicidade, louva a Deus e é amada por todo o povo (cf. Atos 2,42-47). A Igreja nascida da Páscoa é sinal e instrumento do reinado de Deus que se estende por sua graça no curso da história. O Espírito de Verdade e Amor nos ensina e nos lembra o que Jesus nos disse, atualiza a fé e a mantém sempre jovem. O Espírito Santo não está ligado às épocas ou modas, mas traz para o presente a atualidade de Jesus. A Igreja, a comunidade do Espírito de Cristo, deve ser “sal da terra” e “luz do mundo” (Mt 5,13-14). Ela é chamada a ser como “uma cidade construída sobre um monte.” (Mt 5,14) e como “fermento em meio da massa” (Mt 13,33).

b) O Espírito Vivificador de Jesus, fonte de amor e da missão

184. Jesus ressuscitado, com o poder de Deus, envia seus discípulos: “ide e fazei discípulos todos os povos” (Mt 28,19). Ele os move para um alcance centrífugo para as nações. A força mobilizadora de seu envio é intensificada pelo fato de estar ligada ao verbo “evangelizar”, que é proclamar a Boa Nova. O mandato missionário é: “ide... e proclamai o evangelho” (Mc 16,15). A Igreja, ouvinte e crente da Palavra de Deus, é uma comunidade em

“caminho exodal, desinstalada, peregrina, aprendiz, sempre discípula, agradecida, auscultadora da vida que quer nascer, que escuta o que bate dentro das pessoas, das coisas, porém, sobretudo, de Deus”. Os discípulos devem dirigir-se a “todos os povos” (Mt 25,32; 24,9.14; 28,19). Os indivíduos não vivem separados, visto que são pessoas sociais que constituem famílias e nações. A missão não está dirigida a seres isolados mais comunicados, que constituem comunidades.

185. Jesus define o propósito da missão dizendo: “fazei discípulos”. Sabemos que “discípulos” era uma autodesignação das comunidades cristãs mais antigas (cf. At 6,1; 9,25; 13,52), que seguiam “o caminho do Senhor” (At 18,25). O mandato missionário implica fazer comunidades de discípulos em todos os povos de acordo com a práxis do Reino de Deus. Duas ações indicam o caminho para introduzi-los no discipulado: “batizar” e “ensinar”. Ser batizado é imergir na vida trinitária, invocando os nomes do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. 2Cor 13,13). A pessoa batizada é o discípulo que segue os ensinamentos do Evangelho de Jesus, o único Mestre (Mt 23,8). Isto é “tudo” que Ele nos ordenou e que todas as povos devem aprender. Os discípulos de Jesus, que se tornaram missionários, ajudam a fazer surgir novos discípulos.
186. Jesus Cristo é o centro da fé e da missão. Evangelizada pelo Espírito, a Igreja anuncia a mensagem de Cristo morto e ressuscitado. Este *querigma* é a primeira coisa que temos que ouvir e proclamar; porque a graça do Evangelho tem a primazia absoluta. É o primeiro e o mais importante, ao qual devemos sempre voltar no testemunho do Evangelho (cf. DAp 348; EG 164). Na cruz Jesus revelou o amor de Deus a ponto de se entregar e ensinou que o sentido da vida está em amar como Ele nos ama (cf. Jo 13,1.34). O querigma proclama o amor do Deus que se comunica no dom de seu Filho e na efusão de seu Espírito. O conteúdo da fé cristã pode ser resumido em dois textos do Novo Testamento. Um é de São João, que proclama: “Deus é Amor” (1Jo 4,8); o outro corresponde a São Paulo, que ensina “o mais importante é o amor” (1Cor 13,13).
187. Jesus promete sua presença constante na comunidade dos discípulos missionários (Mt 28,20). Seu glorioso retorno, que concluirá o tempo da missão (Mt 10,23; 24,14; 26,64), começa a ser cumprido quando ele permanece entre nós. Ele estará presente quando os discípulos se reunirem (Mt 18,20) e partirem o pão (Lc 24,30; At 2,46); pois Ele é “Emanuel” [...] “Deus conosco” (Mt 1,23). A partir daí o ressuscitado caminhando com

seu povo, forma-os em discipulado e os envia à missão. São Lucas narra os Atos do Espírito pelos quais os discípulos seguiram o caminho de Jesus e se tornaram apóstolos das nações. Como foi dito, “com este paradigma fundador, a missão da Igreja deve ser continuada e constantemente assumida por cada nova geração”.

188. Outras intervenções na Assembleia também lembraram esta vocação. “Aparecida foi uma sacudida que o Espírito Santo nos deu a toda a Igreja em peregrinação na América Latina. Nem todos nós nos deixamos abalar pelo Espírito. A começar por nós, pastores, sacerdotes, leigos, consagrados... O grande desafio é aceitar os desafios que o Evangelho e Aparecida nos propuseram”. “A conversão pastoral começou na manhã de Pentecostes. As primeiras comunidades tiveram que discernir o que fazer diante dos novos desafios da missão. O Espírito Santo estava mostrando os lugares e as atitudes que os novos cenários desafiavam a evangelização”. Sem o Espírito não há seguimento de Jesus, não há *kairós*, não há paixão evangelizadora. Sabemos que “o Espírito de Jesus está atuando fortemente em nossa Igreja da América Latina e Caribe, criando algo novo que já está surgindo”.

2. O Povo de Deus em comunhão sinodal e saída missionária

a) A comunhão sinodal: uma dimensão constitutiva da Igreja

189. Ao comemorar o 50º aniversário do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco disse que “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio”. O que o Senhor nos pede, num certo sentido, já está tudo contido na palavra “sínodo”. Para caminhar juntos: leigos, pastores, bispo de Roma”. A sinodalidade não é um slogan teológico, nem uma moda pastoral. Através do Sínodo nos tornamos o Povo de Deus em caminho. Não designa um procedimento operacional, nem uma prática organizacional, mas a forma particular de ser, de viver e de agir da Igreja no tempo.
190. A palavra “sinodalidade” vem de “sínodo”. Esta é uma palavra antiga, reverenciada pela Tradição da Igreja. Composta pela preposição *syn* (junto com) e o substantivo *hodós* (caminho), indica a forma como os membros do Povo de Deus caminham juntos na história. Refere-se a Jesus, que se apresenta como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), e ao fato de que

no início seus seguidores foram chamados de “os discípulos no caminho” (At 19,9.23). O Povo de Deus tem Cristo como cabeça e é o sujeito da comunhão sinodal, discipula e missionária.

191. A vocação sinodal do Povo de Deus expressa sua condição de peregrino. A Assembleia é um sinal de que a Igreja em nossa região iniciou outra fase na recepção do Concílio. Trata-se de uma experiência sem precedentes que pode se tornar um novo corpo sinodal. Testemunha que a sinodalidade “indica a forma específica de viver e de agir (*modus vivendi et operandi*) da Igreja Povo de Deus que manifesta e concretiza seu ser de comunhão na caminhada conjunta, na reunião em Assembleia e na participação ativa de todos os seus membros em sua missão evangelizadora” (SIN 6).
192. A sinodalidade promove a participação de todos de acordo com a vocação de cada um. A identidade batismal compartilhada nos move a enriquecer a ligação entre o *sensus fidei*, o discernimento comunitário e a autoridade pastoral. É por isso que não deve ser confundida com uma estrutura particular, como um sínodo ou uma assembleia, ou como um instrumento a serviço da colegialidade episcopal. A sinodalidade do Povo de Deus e a colegialidade do Episcopado enriquecem um ao outro de forma orgânica. A primeira pode ajudar a renovar o exercício da colegialidade episcopal - em nível local, regional e global - que expressa a comunhão própria dos bispos entre si, com e sob Pedro, o Bispo de Roma, e designa a dimensão comunitária - afetiva e eficaz - da autoridade apostólica e pastoral dos bispos. A sinodalidade define toda a Igreja e se manifesta na vida, estruturas, processos e eventos sinodais.
193. Já a colegialidade episcopal tem o desafio de estruturar novos processos que aproveitem a dinâmica sinodal e estes devem assumir o serviço da autoridade pastoral. Todos os fiéis, especialmente os bispos e seus colaboradores, podem contribuir para a sinodalização de toda a Igreja. Se todos reconhecermos a natureza apostólica, a autoridade sacramental e a natureza colegial dos bispos, os pastores podem exercer sua liderança pastoral à luz de uma colegialidade renovada.
194. A vida sinodal leva a uma viagem com outras Igrejas e confissões cristãs em direção à unidade querida por Cristo: “que todos sejam um” (Jo 17,21). Uma Igreja sinodal aprofunda sua relação com as comunidades às quais está unida pela fé trinitária e pelo batismo. Observamos com alegria que o diálogo entre algumas Igrejas alcançou nestes anos uma convergência

no reconhecimento em sinodalidade de uma dimensão reveladora da natureza da Igreja como *koinonia* – comunhão e, como tal, constitutiva de sua unidade na multiplicidade de suas expressões. Esta convergência expressa o mistério da Igreja e guia os passos para uma unidade entendida como uma harmonia reconciliada.

195. A Igreja Sinodal é alimentada pela espiritualidade trinitária, cristocêntrica, eucarística e mariana. As vozes dos membros da Assembleia insistiram na necessidade de tirar desta fonte espiritual. “Este é um tempo propício para a humildade e o radicalismo evangélico, e para viver uma espiritualidade centrada em Cristo como nos pede também o documento de Aparecida, que exige um processo constante de discernimento espiritual para colocar em prática a vontade de Deus”. “Não há sinodalidade sem espiritualidade e devemos primeiro sair de nós mesmos e depois sair ao encontro de nossos irmãos e irmãs”. É por isso que “a comunhão viva é a tarefa inacabada”. A Igreja deve oferecer esta espiritualidade de comunhão para que o mundo possa acreditar”. Recordamos que a Eucaristia é a fonte, o centro e o cume de toda a vida sinodal. O Corpo de Cristo, unido a Cristo, sua Cabeça, é o sujeito da ação litúrgica e vive da mesa compartilhada. A comunhão alimenta seu dinamismo sinodal e missionário.

b) Participação sinodal pela escuta, o diálogo e o discernimento

196. Na Assembleia foi dito que “o projeto Aparecida só será posto em prática se formos verdadeiramente Uma Igreja sinodal”. A sinodalidade exige compreensão e vivência do fato de sermos todos Povo de Deus. Do sacerdócio comum, todos os fiéis, unidos pela igualdade radical concedida pela dignidade batismal, são chamados à participação ativa na Igreja e em sua missão. Podemos falar do surgimento de uma nova eclesialidade sinodal na região.
197. A conversão sinodal e missionária deve se manifestar no estilo e na maneira de proceder, por exemplo, em relação ao reconhecimento do papel da mulher na Igreja e na sociedade. Aparecida ressaltou que as mulheres continuam sendo as grandes excluídas em nossas sociedades (cf. DAp 454) e são as vítimas “da mentalidade machista que ignora a novidade do cristianismo” (DAp 453). Sua participação na Assembleia foi notável nas apresentações, nas orações, na coordenação, nos grupos. Isto mostra o avanço ao respeito de outras experiências eclesiais, mas também

assinala um desafio para procurar que mulheres e homens cresçam em “reciprocidade e complementaridade” (DAp 457).

198. Além disso, a conversão sinodal implica compreender “a circularidade dinâmica do consenso dos fiéis, da colegialidade episcopal e do primado do Bispo de Roma, [para o qual a Igreja] é chamada a ativar a escuta de todos os fiéis que juntos formam o Povo de Deus” (cf. SIN 94). Na busca de uma nova forma de ser e de proceder como Igreja, a Assembleia busca o amadurecimento dos mecanismos de participação. Essas práticas de escuta recíproca, diálogo institucional e discernimento comum para elaborar decisões conjuntas têm surgido na tradição latino-americana, mas elas precisam ser integradas na vida ordinária da Igreja.
199. A escuta é um reconhecimento da identidade e da missão dos diferentes sujeitos eclesiais com base em relações horizontais fundadas na dignidade batismal e na participação no sacerdócio comum (cf. LG 10). Todos os fiéis são capacitados e chamados a colocar os dons recebidos do Espírito Santo a serviço dos outros. Este modelo pressupõe a incorporação da lógica da “necessidade mútua” (LG 32) e a superação das relações desiguais de superioridade e subordinação.
200. A escuta não é um fim em si, mas é realizada num processo maior quando “toda a comunidade, na livre e rica diversidade de seus membros, é chamada a rezar, ouvir, analisar, dialogar e aconselhar para que as decisões pastorais possam ser tomadas em conformidade com a vontade de Deus” (SIN 53). Nestas dinâmicas comunicativas, cria-se um ambiente favorável para a tomada de conselhos, aprendizado em conjunto e construção de consensos para gerar decisões compartilhadas. Porque se o que é ouvido, dialogado, discernido “não se encarna em estruturas e processos, o estilo de sinodalidade cai facilmente do nível de intenções e desejos para o de retórica, enquanto os processos e eventos, se não forem animados por um estilo adequado, tornam-se uma formalidade vazia” (DPS 27).
201. O discernimento sinodal e a tomada de decisões compartilhadas ajudam a superar o clericalismo. Este pode às vezes ser um fenômeno ideológico, mas é sempre um afeto desordenado ao poder de decisão pastoral, que gera abusos de indivíduos e comunidades. Diante dos sinais de um estilo eclesial muito clerical e dos abusos cometidos pelos ministros da Igreja, o bispo de Roma contrasta o espírito e a prática da sinodalidade. Para o Papa Francisco, o clericalismo leva a esquecer a verdade de que todos nós

compartilhamos a graça do batismo e o dom do Espírito e, portanto, somos todos membros do Povo de Deus. Vale lembrar que “todos entramos na Igreja como leigos”, dado que o primeiro sacramento que recebemos e que “sela para sempre nossa identidade é o batismo” (CV 98). A espiritualidade evangélica de comunhão requer transformar o poder em serviço e instâncias arbitrárias de cuidado e controle institucional. Um membro da Assembleia disse: “Temos que lembrar que a autoridade de Jesus era de serviço e não de poder”.

c) Sinodalidade missionária e aberta: caminhar com a família humana

202. A expressão “caminhar juntos” se refere principalmente à vida interna das Igrejas locais. Atendendo aos objetivos pastorais comuns, “o importante não é chegar primeiro, mas chegar juntos e na hora certa”. A frase tem outro significado: a caminhada da Igreja junto com a marcha do povo. O foco, portanto, está nos relacionamentos, no diálogo e em possíveis iniciativas comuns com crentes de outras religiões, com pessoas longe da fé, bem como com ambientes e grupos sociais específicos. A Igreja acompanha a jornada de toda a família humana.
203. Em continuidade com o Papa Francisco e Aparecida, a Assembleia reafirmou que uma Igreja sinodal é chamada a olhar para a realidade e evangelizar todas as periferias. Deve despojar-se da autorreferencialidade e compreender a si mesma como uma serva da humanidade. A realidade é melhor compreendida a partir das periferias. As grandes mudanças na história foram feitas quando a realidade foi vista não a partir do centro, mas da periferia. A conversão implica uma mudança de paradigma pela qual a Igreja está constantemente centrada em Cristo e descentralizada de si mesma a fim de alcançar os “resíduos” que o mundo descarta.
204. Sair às periferias implica reconhecer a presença plena de Cristo na Eucaristia e também descobrir os pobres como um sacramento de Cristo. Isto é o que São Paulo VI disse aos camponeses da Colômbia (23/8/1968): “Vimos aqui para celebrar a presença do Senhor [...] em vós [...] sois um sinal, uma imagem, um mistério da presença de Cristo [...] sois um sacramento, ou seja, uma imagem sagrada do Senhor em nosso meio. Toda a tradição da Igreja reconhece nos pobres o Sacramento de Cristo, não certamente idêntico à realidade da Eucaristia, mas em perfeita correspondência analógica e mística com ela”. É por isso que a Assembleia reconhece o Senhor na mesa eucarística e que a fé dos pobres é um tesouro de toda a Igreja.

205. A Igreja peregrina com a família humana e oferece o dom do Evangelho. O mundo precisa da perspectiva sinodal para superar confrontos e desacordos paralisantes, e para amadurecer processos de diálogo que ajudem a construir pontes e caminhar juntos. A diaconia social da sinodalidade pode estar a serviço da fraternidade universal e da amizade social e ajudar a cultivar a justiça, a paz e o cuidado da casa comum em uma sociedade globalizada e fragmentada. É uma “*diakonia* profética na construção de um *ethos* social fraterno, solidário e inclusivo”. (SIN 103).
206. A sinodalidade missionária é nutrida por uma espiritualidade de proximidade amorosa com o povo e de fidelidade à missão recebida. Como disse um membro da assembleia: “o maior impulso de um discípulo missionário está na proximidade de Jesus em seu povo e tem seu fundamento no fato de eu ser *uma missão* nesta terra e para isso estou no mundo” (cf. EG 273). Em outras palavras, a missão não é um acréscimo à minha vida ou um pedido, mas uma gratuidade, um presente precioso no batismo. Mas o que eu sou, tenho que ativá-lo, alimentá-lo e exercitá-lo.

3. Uma Igreja samaritana ao serviço da vida fraterna

a) O bom samaritano: paradigma de uma nova fraternidade

207. O cristianismo inaugura uma nova fraternidade pela livre adesão da fé à vontade do Pai que está nos céus. “Aqui estão (os discípulos) minha mãe e meus irmãos. Porque quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,35). Jesus usa uma fórmula declaratória que era habitual para fundar uma família: “Esta é minha mãe e eles são meus irmãos”. Seus discípulos formam uma fraternidade segundo o dom do Reino de Deus: “todos vocês são irmãos” (Mt 23,8). Por isso no cristianismo das origens os discípulos chamam-se mutuamente “irmãos” (1Ts 1,4; Rm 16,14; At 12,17).
208. A Igreja é uma fraternidade compassiva num mundo ferido. A primeira carta de Pedro exorta: “Resistam-lhe, permanecendo firmes na fé, sabendo que os irmãos que vocês têm em todo o mundo estão passando pelos mesmos sofrimentos” (1Pd 5,9). A nova irmandade deve simpatizar com aqueles que passam pelos mesmos sofrimentos: “amem os irmãos” (1Pd 2,17). Uma Igreja fraterna vive o amor mútuo (cf. Gl 5,13-15). A fraternidade é um critério

de discernimento das comunidades cristãs. Querendo o bem de outro, “o irmão pelo qual Cristo morreu” (1Cor 8,11), orienta nossa conduta.

209. A paternidade divina é a fonte profunda da fraternidade humana universal, pela qual reconhecemos que os outros são irmãos e irmãs. “Sem uma abertura ao Pai de todos, não haverá razões sólidas e estáveis para o chamado à fraternidade” (FT 272). Jesus é o Filho único e amado do Pai que, por sua encarnação, se tornou o primogênito de muitos irmãos. Ele não tem vergonha de ser nosso irmão (Hb 2,11) e continua presente nos últimos (Mt 25,31-46). Sua Páscoa mostra que a vida é mais forte que a morte, e a fraternidade derrota o fratricídio.
210. O Espírito de Cristo nos une para formar “uma fraternidade mística e contemplativa, que sabe olhar para a grandeza sagrada do próximo, sabe descobrir Deus em cada ser humano, sabe tolerar o desconforto de viver juntos, agarra-se ao amor de Deus, sabe abrir seu coração ao amor divino a fim de buscar a felicidade dos outros como seu bom Pai a procura” (EG 92). A Assembleia foi uma experiência fraterna na qual homens e mulheres se sentiram irmãos e irmãs, uma experiência familiar da Igreja, uma mesa fraterna, “um lugar aberto onde todos se sentem em casa e podem participar”.
211. A figura do Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37) lança luz sobre nossa situação. Na encíclica *Fratelli Tutti* o Papa Francisco mostra como Jesus nos chama a passar do afastamento à proximidade, da estranheza à vizinhança (cf. FT 84-86). Nesta parábola, Jesus inverteu a pergunta do médico da lei: “Quem é meu próximo?” (Lc 10,29) e produziu uma descentralização radical: “Quem se fez próximo dos caídos?” (Lc 10,36); trazendo o ser humano jogado na beira ou à margem do caminho para o centro da parábola.
212. Alguém se torna um próximo quando ele se aproxima e se concentra em outro que precisa de ajuda: “Qual dos três se comportou como um próximo” (Lc 10,36). Não era o advogado que precisava de um próximo para amar; era o necessitado que precisava de amor. Jesus revoluciona o amor com duas novidades: sua universalidade sem limites e sua forma prática que leva à simpatia e à ajuda. Tornar-se um próximo é ser movido ternamente no coração e ajudar com atos concretos. A misericórdia tem compaixão diante da miséria, inclina-se para a vítima, levanta os caídos, suporta os frágeis, integra os excluídos. Diante de tanta dor que aflige o mundo, a única saída é amar como o samaritano.

213. A fé cristã nos leva a ver e amar os outros como um irmão. O outro é o próximo, quer seja parente, amigo ou vizinho, quer seja companheiro, colega ou compatriota. Mas o Bom Samaritano reformula a proximidade através de um gesto de ternura e de solidariedade para com outro ser humano em necessidade. Para aquele que se aproxima com amor, cada outro é um irmão, cada outro é uma irmã, com quem se pode estabelecer um vínculo fraternal. O cristianismo fomenta a unidade plural da família humana.

b) A diaconia social da fraternidade na América Latina e Caribe

214. Somos uma Igreja Samaritana na qual o primado do amor é realizado pela misericórdia que acompanha, discerne e integra as misérias humanas. São João Paulo II ensinou sobre Deus rico em misericórdia, Bento XVI lembrou que Deus é Caridade, Francisco diz que o nome de Deus é Misericórdia. Seu Amor transborda, vai além e toca as feridas daqueles que sofrem o mal, a violência e a morte em nossos povos.

215. A misericórdia é uma linha de base e um critério hermenêutico deste pontificado. O Bispo de Roma transmite uma espiritualidade, uma pastoral e uma teologia centradas na revolução da ternura de Deus. Ele nos convida a ser a Igreja da compaixão, da ternura e da proximidade. Maria, “nossa vida, nossa doçura e nossa esperança”, simboliza o rosto materno de Deus: “Toda vez que olhamos para Maria, acreditamos mais uma vez na revolução da ternura e do afeto” (EG 288).

216. Uma Igreja servidora sai para todas as periferias, especialmente para aquelas marcadas pela pobreza mais sofredora. A Assembleia confirma sua opção pelo último e reforça o papel do descartado. Na assembleia foi dito: “Precisamos trabalhar para que possamos ser uma Igreja despojada, serva e consciente de sua natureza missionária”, uma Igreja chamada a ouvir “o clamor dos pobres que têm múltiplos rostos e o grito da terra, ambos cada vez mais intensos e intimamente ligados”. Uma Igreja compassiva que descubra a presença de Jesus em seus irmãos e irmãs mais pequenos (cf. Mt 25,31-46) a partir da vulnerabilidade compartilhada. Uma Igreja que dilate o Reino de Deus na história trabalhando junto com outras pessoas e instituições para que os pobres se tornem sujeitos de seu desenvolvimento e seu destino (cf. DAp 384; 394).

217. A fraternidade samaritana também se manifesta no acolhimento hospitaleiro do estrangeiro: “Entre as pessoas mais afetadas pela grave

crise ecológica, climática e social nos países de nosso subcontinente estão os migrantes. Muitos se expõem a altos riscos para suas vidas, segurança e saúde ao migrarem para outro país porque não veem um futuro viável para si e suas famílias em seu local de origem” (SN p. 18). Jesus continua a nos dizer: “fui estrangeiro, e vocês me acolheram” (Mt 25,35). A Regra de São Bento consagrou a fórmula da hospitalidade: “todos os hóspedes devem ser acolhidos como Cristo” (Cap. 53). A fé nos leva a olhar e acolher os outros como Cristo. É por isso que a migração é um desafio para reconhecer a alteridade e desenvolver atitudes de hospitalidade: acolher, proteger, promover e integrar. A hospitalidade é um grande desafio na América, um continente com muitos migrantes de sul a norte. Somos chamados a colaborar na inclusão de todos e a favorecer um intercâmbio entre irmãos e irmãs de diferentes culturas.

4. O transbordamento do Espírito em Maria e na Igreja

a) O chamado ao “transbordamento” criativo no Espírito

218. Na Introdução Geral, falamos de “transbordamento” e dissemos que o fazemos no sentido positivo que o Papa Francisco lhe dá quando usa a palavra no Sínodo para a região amazônica. Ele ressaltou que os desafios estão além de nós e o dom de Deus gera uma efusão criativa para anunciar o Evangelho e inculturar a Igreja segundo o caminho de Deus, que respeita as pessoas e as culturas (cf. QA 104-105). O termo aponta para a magnitude dos desafios que nos sobrepõem; a abundância de amor que compadece e cura feridas; a efusão sinodal que busca horizontes que superam.
219. O Espírito Santo anima o transbordamento missionário para anunciar o Evangelho numa saída permanente. Já Aparecida pediu “mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo” (DAp 14). A missão segue a lógica do dom e da generosidade, porque surge de uma plenitude de alegria e entusiasmo, gratuidade e gratidão.
220. Para o atual Bispo de Roma, esta palavra anima e ilumina os processos sinodais. “Na dinâmica de um sínodo, as diferenças são expressas e polidas até se chegar a uma harmonia que não precisa cancelar as características

distintas ou as particularidades das diferenças”. Isto é o que acontece na música: com as sete notas musicais com seus altos e baixos, cria-se uma sinfonia importante, capaz de articular as particularidades de cada uma. Aí reside sua beleza: a harmonia resultante pode ser complexa, rica e inesperada. Na Igreja, é o Espírito Santo que realiza esta harmonia” (SJ 85). O Espírito gera uma inesperada superação de posições e oposições aparentemente irresolúveis. Sua ação discreta e harmoniosa ultrapassa nossos horizontes limitados e nos abre à sabedoria da cruz, ao dom da vida em abundância, à criatividade do amor pastoral, à síntese superadora.

221. O Papa Francisco nos convida a descobrir, pela luz superabundante da fé, a presença de Deus nas culturas urbanas, na vida dos cidadãos e de tantas “sobras” mega urbanas (cf. EG 71-75). Isto requer contemplar o rosto visível e ouvir o murmúrio audível de cada cidade, que é uma imagem espelho e um eco da voz de seus habitantes, transeuntes e visitantes: “Uma Igreja em saída nas cidades” (SN p. 84). A Jerusalém celeste, a plenitude do Reino de Deus, ilumina o conhecimento, o amor e a evangelização de pequenas e grandes cidades. Ele vem de cima e nós vamos ao seu encontro. A dimensão escatológica do Reino, da Igreja e da missão encoraja a esperança no caminho da conversão missionária e sinodal, incluindo o compromisso social do povo de discípulos missionários.

b) A visitação missionária de Nossa Senhora de Guadalupe

222. A Igreja tem por mãe e modelo Maria, a Mãe de Deus, primeira discípula missionária de Jesus, seu Filho e Salvador. Na Anunciação, ela acolheu a Palavra de Deus com fé e a fez carne. Ali ela nos ensina a escutar, a nos questionar, a discernir a vontade de Deus e a obedecê-la com o poder do Espírito. Assim, ela nos forma nas atitudes que modelam uma Igreja acolhedora, orante e discípula. Na Visitação, Maria vai apressadamente visitar e ajudar sua prima Isabel (cf. Lc 1,39-56). Nossa Senhora da Visitação é um exemplo de uma Igreja em saída e no caminho, que visita e permanece, comunica Jesus com sua presença, proclama e serve, ajuda com amor os necessitados e comunica a alegria de Cristo. Ela celebra as maravilhas do Deus misericordioso, faz memória da salvação na história de seu povo, canta o Magnificat ao Deus que eleva os humildes e contempla em seu coração os mistérios da fé no meio da vida cotidiana.
223. No acontecimento, a imagem, o nome e o santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, a Mãe de Deus visitou nosso povo e nos deu Jesus, o fruto

bendito de seu ventre. Em 2031, passarão cinco séculos desde a visita missionária de Maria a estas terras. A Virgem de Guadalupe é a primeira discípula missionária do continente. Em 1984, no início da novena de anos para preparar o V Centenário do início da primeira evangelização na América, São João Paulo II afirmou que “a América Latina se tornou a terra de uma nova Visitação”. Aparecida declarou que “Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários” (DAp 269).

224. Desde o início de nossa história eclesial americana, a Mãe de Deus sustenta a esperança do povo do continente e é o grande elo espiritual em toda a América. “No acontecimento em Guadalupe, presidiu, junto com o humilde Juan Diego, o Pentecostes que nos abriu aos dons do Espírito. A partir desse momento, são incontáveis as comunidades que encontraram nela a inspiração mais próxima para aprenderem como ser discípulos missionários de Jesus” (DAp 269).
225. A fé cristã e a espiritualidade católica se refletem nos rostos dos Cristos sofredores e gloriosos da cultura barroca latino-americana - o Cristo negro de Esquipulas na Guatemala ou o Senhor dos Milagres em Lima - que simbolizam as cores de nossa América. A face marrom da Virgem de Guadalupe desde 1531, a face preta de Nossa Senhora de Aparecida desde 1617, e tantas outras imagens mostram o amor materno de Deus pelos mais pobres dos pobres.
226. A Visitação ilumina a evangelização como uma saída, uma viagem e um encontro. Ela concretiza e atualiza a presença divina porque em Cristo “o Deus de Israel, visitou e libertou o seu povo” (Lc 1,68). Esta visita de Deus em Jesus continua através da presença missionária da Igreja em nossas vilas e cidades. A Virgem é a estrela de uma evangelização sempre renovada. Ela reflete maternalmente “as ternas misericórdias de nosso Deus” (Lc 1,78). Sabemos que “Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto [...] Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d’Ela um modelo eclesial para a evangelização” (EG 288). Por isso lhe dizemos à Virgem: *Salve, Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! [...] esses Vossos olhos misericordiosos a nós voltei.*



Parte III



TRANSBORDAMENTO CRIATIVO EM NOVOS CAMINHOS A PERCORRER

227. A Assembleia Eclesial convida a Igreja na América Latina e Caribe a uma efusão criativa no Espírito, a fim de percorrer novos caminhos em sua missão evangelizadora. Esta terceira parte retoma, em sua primeira seção, conceitos fundamentais expressos anteriormente como uma estrutura de iluminação e discernimento para a apresentação das Propostas pastorais. A segunda seção oferece orientações pastorais e linhas de ação discernidas na Assembleia. É claro que não são todas as que poderiam ser apontadas para a vida pastoral concreta. Mas eles nos convidam a caminhar de forma sinodal e a sair para as periferias, a partir de nossa realidade e à luz do Espírito.

I. Uma Igreja evangelizada e evangelizadora em perspectiva missionária

228. O caminho pastoral latino-americano traçava o rosto de uma Igreja evangelizada e evangelizadora em uma perspectiva missionária. Já a Conferência de Medellín propôs superar uma “pastoral de conservação” e colocar mais ênfase na evangelização (Med 6,1). Na *Evangelii Nuntiandi* São Paulo VI afirmava que a Igreja “existe para evangelizar” (EN 14) e que, sendo evangelizadora, ela começa por evangelizar a si mesma. Ela “precisa ser sempre evangelizada se quiser reter seu frescor, seu impulso e sua força para proclamar o Evangelho” (EN 15).

a) Evangelizar para fazer presente o Reino de Deus no mundo

229. A evangelização visa “renovar a humanidade” (EN 18; 23; 75) com base na absoluta novidade de Jesus Cristo que torna o Reino de Deus presente em palavras e obras (cf. EN 7-9). O Documento de Puebla reforçou os laços entre evangelização, cultura e libertação, expressando as principais ênfases de nossa teologia pós-conciliar (cf. DP 394-395; 479-485). Santo Domingo, em 1992, chamou a uma nova evangelização que fomentasse uma promoção integral e inculturação do Evangelho (cf. SD 23-30; 287-303). Aparecida convidada para uma evangelização missionária continental contínua, que tende a “pôr à Igreja em estado permanente de missão” (DAp 551).
230. Em continuidade criativa, o Papa Francisco afirma que o Povo peregrino de Deus está chamado a evangelizar e ser evangelizado para “tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). O Reino “é libertação de tudo aquilo que oprime ao ser humano” (EN 9) e renova todas as coisas, pois leva a “uma conversão radical, a uma mudança profunda do coração e do modo de ver” (EN 10).
231. O Papa Francisco ensina que: a “ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG 15); e acrescenta: “Espero que todas as comunidades se esforcem para atuar com os meios necessários em vista de avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25). O Papa faz distinção entre o aspecto paradigmático e o aspecto programático da missão. O primeiro sentido considera a missão como o fim da Igreja peregrina e a ideia para reformar a vida pastoral. A missão é o paradigma dinamizador. A segunda acepção expressa os programas pastorais que concretizam a missão na vida cotidiana das Igrejas locais: os gestos simbólicos, os eventos pontuais, os planos específicos, todos os atos evangelizadores.
232. Acolhendo o convite de Aparecida, a Assembleia Eclesial incentiva a conversão ao discipulado missionário na comunhão sinodal, mobilizando a Igreja para um renovado protagonismo de todos os batizados, especialmente os jovens e as mulheres (cf. DAp 458). Ao mesmo tempo, chama à renovação de cada estrutura eclesial “para que [...] se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27; cf. DAp 172).

b) Uma evangelização integral e integradora

233. Caminhar rumo a uma Igreja que serve ao Reino de Deus implica realizar uma evangelização integral que abrace “toda a pessoa e toda a humanidade” (PP 14), assim como toda a obra da criação. Consiste em tornar o Reino de Deus presente no mundo, incluindo a promoção humana e o desenvolvimento integral (cf. EG 178). Consequentemente, a Igreja é chamada a estar presente em todas as esferas da vida, realizando ações pastorais além das fronteiras eclesiais, ou seja, também nas esferas socioeconômica, política, cultural e ecológica.
234. Em *Querida Amazônia*, o Papa Francisco projeta o horizonte de uma evangelização integral, com diretrizes de ação em quatro âmbitos a partir dos quatro sonhos que também interpelam o continente e a Igreja inteira (cf. QAm 7). Um *sonho social*: uma América Latina e um Caribe lutando pelos direitos dos mais pobres. Um *sonho cultural*: um povo que ame suas raízes e preserve suas identidades. Um *sonho ecológico*: um continente que preserve sua beleza natural, conectado a uma ecologia humana e social. Um *sonho eclesial*: uma Igreja com rosto latino-americano e caribenho, que proporcione “uma presença capilar que só é possível com um incisivo protagonismo dos leigos” (QAm 94).
235. A salvação implica “a passagem de situações menos humanas para situações mais humanas” (Med, Introdução, 6). Portanto, o sonho eclesial está intrinsecamente ligado aos sonhos sociais, culturais e ecológicos. Na realidade, só haverá comunidades eclesiais com uma face latino-americana e caribenha, centradas na missão, se elas se encarnarem nas culturas do continente, na harmonia da natureza que as abriga e no coração de uma sociedade sem exclusão.

II. Propostas pastorais e linhas de ação

236. Na perspectiva do Concílio Vaticano II, uma ação evangelizadora integral e integradora compreende, pelo menos, estas seis dimensões: a dimensão querigmática e missionária; a dimensão profética e formativa; a dimensão espiritual, litúrgica e sacramental; a dimensão sinodal e participativa; a dimensão sociotransformadora e a dimensão ecológica. Tomamos estas

dimensões como um esquema básico para classificar os desafios pastorais elaborados nos grupos de discernimento pela Assembleia Eclesial e as sínteses que se fizeram das propostas.

237. As citações numéricas indicadas entre parênteses que começam com a letra D correspondem à ordem dos 231 Desafios tal como aparecem no registro da Assembleia. Entre elas estão as 41 propostas que sistematizaram os desafios e nas quais os grupos de discernimento trabalharam elaborando Diretrizes Pastorais - aqui chamadas Linhas de ação - em vista de sua implementação. Muitas linhas são transcritas literalmente, outras são retrabalhadas para refinar sua redação, outras explicitam algumas orientações implícitas, em linha com as anteriores. A forma como retomam-se as linhas da Assembleia leva a algumas repetições, embora tenha sido feita uma tentativa de sintetizar o máximo possível.
238. As Propostas pastorais e as linhas de ação são frutos do processo realizado pela Assembleia em suas diversas etapas. Portanto, a fim de caracterizá-los, levamos em conta também o *Documento para o caminho*, destinado a preparar o processo, a *Síntese narrativa*, que reúne as contribuições da escuta, e o *Documento para o discernimento comunitário*, um instrumento de trabalho para a Assembleia, e as contribuições dos Atos da Assembleia. Assumimos estas propostas e linhas de ação com as diferentes formulações expressas ao longo de toda a jornada. Em sua formulação, os sujeitos são omitidos e a frase começa com verbos que indicam ações prioritárias.

1. Dimensão querigmática e missionária

239. Quando falamos da dimensão querigmática e missionária nos referimos ao coração mesmo de toda ação evangelizadora que, desde a centralidade da Palavra de Deus, deve chegar a ser um anúncio, proposta e acompanhamento da fé no Senhor Jesus. Deve ser, desde suas diversas manifestações, um anúncio apaixonado da pessoa de Cristo para levar os povos a um encontro com Ele e a seu seguimento, o qual desencadeia o discipulado missionário, a caridade fraterna, a vida eclesial desde o mandamento novo do amor (cf. QAm 64-65).
240. “Não temos outro tesouro a não ser este. Não temos outra felicidade nem outra prioridade senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado,

anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências. Este é o melhor serviço – o seu serviço! – que a Igreja deve oferecer às pessoas e nações” (DAp 14).

241. A dimensão querigmática e missionária, como todas, é transversal e se desenvolve particularmente no itinerário das três etapas da evangelização: “a ação missionária o primeiro anúncio, a ação catequéticas-iniciática e a ação pastoral, com metas e meios diferenciados” (DPC 31-37). Os exercícios de diálogo e discernimento realizados na Assembleia assinalam estas Propostas.

a) Uma Igreja signo e instrumento do encontro com Jesus Cristo

242. É necessário comprometer-nos para que as ações das comunidades eclesiais sejam um verdadeiro espaço de anúncio e encontro com Cristo ressuscitado e presente em seus próprios contextos (cf. D 13, 65,176; SN p. 126-132; DDC 11-14). Reconhecemos que deste encontro brota a conversão, a vontade de ser discípulo missionário, o crescimento na fé, o sentido de pertencimento à comunidade eclesial e a participação em seu caminhar sinodal. Dali também nasce o coração misericordioso que suscita a compaixão com os pobres e com aqueles que estão nas periferias do sofrimento humano. Renova o impulso missionário que nos leva a sair para os demais, para levá-los, com Jesus, ao Pai misericordioso, comunicando-lhes a alegria de nosso próprio encontro com Ele.
243. Evangelizar é também favorecer uma aproximação renovada a Cristo, desde a centralidade da Palavra de Deus, a de todos aqueles que temos decidido seguir ao Senhor. “Precisamos ainda mais deste estar sozinhos com o Senhor para redescobrir o coração da missão na América Latina em suas atuais circunstâncias [...] Se não saímos com Ele na missão, logo perderemos o caminho”.¹⁵
244. O encontro com Cristo é o critério fundamental para o discernimento e planejamento de toda atividade evangelizadora. Somos chamados a ser, pessoalmente e como comunidade, os melhores instrumentos para que muitos possam também descobri-lo, conhecê-lo, amá-lo e segui-lo nas circunstâncias atuais (cf. DAp 14). Devemos realizar as palavras do apóstolo: “Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos.

15 Francisco, *Discurso ao Comitê Diretivo do CELAM*, 7 de setembro de 2017.

Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do Evangelho, para ser coparticipante dele” (1Cor 9, 22-23). Precisamos nos reapropriar dos verbos que o Mestre conjuga em sua missão: “enquanto caminha, encontra; quando encontra, acerca-se; quando se acerca, fala; quando fala, toca com seu poder; quando toca, cura e salva. Trazer tantos quantos ele encontrar para o Pai é o objetivo de sua saída permanente”.¹⁶

245. *Linhas de ação no primeiro anúncio:*

- Promover o encontro com Cristo através da instauração e o desenvolvimento de uma ação missionária criativa, que impulse novas formas de abordagem e diálogo com as pessoas afastadas da fé, com aqueles que afirmam ser agnósticos ou ateus, e com aqueles que dizem acreditar, mas não estão interessados em fazer parte de uma comunidade de fé.
- Anunciar o Evangelho com uma metodologia renovada para que chegue a todos, mostrando Jesus, que acolhe a todos sem distinção, junto com sua forma de interagir com as pessoas e com a criação.
- Propor a fé em Jesus Cristo, reconhecendo, em diálogo, as sementes da Palavra já presentes em muitas culturas e fazer da primeira proclamação a porta de entrada para a catequese.

246. *Linhas de ação na iniciação cristã:*

- Promover a renovação da catequese como um encontro com o Cristo vivo e a serviço da iniciação à vida cristã, especialmente através da formação de pessoas em comunidade e do compromisso social com a fé.
- Passar de uma catequese entendida unicamente como preparação para receber os sacramentos, para o desenvolvimento de itinerários de iniciação cristã que formam discípulos missionários de forma integral, identificados com os pensamentos, os sentimentos, as atitudes, as decisões e os projetos de Jesus, em seu serviço ao Reino de Deus.
- Oferecer formação aos catequistas na chave da iniciação à vida cristã e dar maior importância à catequese de adultos.

16 Francisco, *Discurso ao Comitê Diretivo do CELAM, 7 de setembro de 2017.*

- Promover o ministério de catequistas leigos, homens e mulheres, de acordo com o *motu proprio Antiquum ministerium*.

247. *Linhas de ação na formação permanente da fé:*

- Agir para alcançar uma experiência de fé cada vez mais madura, que supere as atitudes de indiferença aos desafios do contexto atual, através de uma formação integral, abrangente e acessível, buscando que cada pessoa experimente uma conversão que leve a uma Vida plena, comprometida com as necessidades de seu ambiente e congruente com sua identidade cristã.
- Promover o encontro com Cristo a partir das realidades de nossos territórios e contextos, à luz da Palavra de Deus, buscando uma experiência comunitária em diferentes âmbitos: famílias, CEBs, pequenas comunidades, paróquias, escolas, movimentos, Igrejas particulares.
- Promover processos de animação bíblica do ministério pastoral e uma pedagogia renovada de discernimento para catequistas e ministros ordenados, a fim de que saibam como acompanhar a formação da fé.

b) Uma Igreja que cultiva a espiritualidade da missão

248. Diante dos grandes desafios que o mundo contemporâneo nos coloca, foi expressa a necessidade de um trabalho constante na promoção e cultivo da vida espiritual dos discípulos missionários (cf. D 44). Para que se enraíze no encontro com Cristo, é necessário que seja alimentado nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia, e na meditação orante da Palavra; que seja enriquecido pela participação ativa na vida e no serviço do Povo de Deus fiel e pela reflexão crente sobre os acontecimentos, os contextos e a própria ação evangelizadora.

249. Precisamos de uma espiritualidade que “acrescente a alegria do Evangelho na própria vida e nos encoraje a comunicá-lo a todos, através do testemunho pessoal” (cf. D 22). Que ele “nos encoraje a reconhecer nossas próprias fragilidades e a perder o medo de cometer erros, superando a autorreferencialidade e as ideologias que colocam a confiança do sucesso em nossas próprias forças e projetos” (D 109). Isso “une o transcendente e o imanente, a fé e a realidade social na evangelização” (D 224). Uma espiritualidade encarnada que nos leva à periferia, ao encontro com as

vítimas da injustiça social e nos sustenta em nosso trabalho de promoção do desenvolvimento humano integral e sustentável.

250. *Linhas de ação:*

- Aprofundar a formação espiritual como um processo permanente que começa com a iniciação cristã.
- Promover uma espiritualidade centrada numa relação pessoal e comunitária com Jesus Cristo que nos abre a uma experiência mistagógica e encarnada.
- Promover uma vida de oração e de contemplação do Evangelho em nossos grupos e na atividade missionária da Igreja, a fim de sermos fiéis a Cristo missionário do Pai, que nos ajuda a viver e transmitir a alegria da missão.
- Dar novo impulso à Animação Pastoral Bíblica na vida comunitária e pessoal.
- Trabalhar para o maior reconhecimento da piedade popular como espaço de encontro com Jesus Cristo, de uma espiritualidade encarnada na cultura do simples, pela qual o povo cristão evangeliza e cumpre a vocação missionária da Igreja.
- Acompanhar e promover a espiritualidade em todas as instâncias da vida do Povo de Deus, que, acima de tudo, deve ser implorado como um presente do Ressuscitado.
- Dar particular atenção à piedade mariana, amplamente difundida em nosso continente, centrada especialmente nos santuários dedicados a Nossa Senhora.
- Promover uma pedagogia pastoral mariana renovada para que a Igreja seja como Maria na Visitação, levando Jesus, e como no Magnificat, proclamando as maravilhas de Deus.

c) Uma Igreja à escuta do clamor dos pobres, excluídos e descartados

251. Como Igreja em saída queremos ouvir mais o grito dos pobres, dos excluídos, dos descartados, do Povo de Deus e da terra que sofre. Desta forma, a Assembleia é fiel às raízes bíblicas de toda ação salvífica, que é a manifestação da misericórdia divina no grito de seu povo (cf. Ex 3,7-8)

e diante do “grito” de seu Filho (Mc 14,37; At 2,24). Ela também deseja seguir o recente Magistério da Igreja, pelo qual o grito vem, sobretudo, dos pobres (cf. EG 187), de povos inteiros (EG 190), da terra (LS 49, 53). e que “brada ao céu” (QAm 9) e “clama por justiça” (EG 188). A Assembleia recupera a Tradição eclesial do continente, que fala de um grito surdo que brota de milhões de pessoas (cf. Meditação 14,2), que vem do grito de um povo que sofre e exige justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais do homem (cf. DP 87, 89). Um grito que vem sobretudo das mulheres mais pobres que estão sujeitas a muitas formas de exclusão e violência em todas as etapas de suas vidas (DAp 454) e que é tantas vezes silenciado (SN p. 99).

252. Entre as vozes ouvidas, ressoa fortemente o apelo ao fortalecimento da dimensão social do Evangelho na vida cristã e em toda a missão evangelizadora. Os frutos tornam-se concretos na quinta dimensão sócio transformativa, mas isto deve ser cultivado a partir da própria proclamação querigmática. A semente é lançada nos processos de iniciação, quando o coração do cristão é formado como discípulo missionário, e a Igreja como escola de caridade, hospital de misericórdia e fermento de transformação em seu próprio território e na sociedade.

253. Para que estas ações se tornem realidade, a Igreja deve se tornar próxima, aberta, sensível e comprometida com os problemas experimentados pelo povo. Isto lhe permitirá escutar, acompanhar e assumir como central a voz dos mais vulneráveis e dos descartados, à maneira de Jesus, recuperando o senso de testemunho e profecia diante das situações sociais que surgem. Para isso, não pode permanecer em silêncio diante da injustiça, mas deve ser também (uma ponte) elo de reconciliação.

254. *Linhas de ação:*

- Gerar novas e adequadas pedagogias e metodologias de primeira proclamação, de catequese de iniciação e de formação permanente da fé, que alcancem, de acordo com o Evangelho, o cultivo e desenvolvimento de uma visão mais social e solidária do ser humano.
- Fortalecer a dimensão social da evangelização, revitalizando os processos que afetam a transformação das realidades sociais.
- Implementar uma evangelização capaz de promover uma cultura cristã nos diferentes espaços culturais, com especial atenção à nossa casa comum.

- Desenvolver uma ação missionária em favor das vítimas de diferentes tipos de violência e danos através de métodos eficazes de inclusão social, fraternidade e solidariedade.
- Criar espaços que gerem processos de defesa da dignidade humana e responder a situações de injustiça em diferentes culturas, particularmente com os povos originários.

d) Uma evangelização inculturada e na interculturalidade

255. O continente latino-americano e caribenho é marcadamente pluricultural. O reconhecimento desta característica tem várias implicações para a vida pastoral, que deve levar em conta a integração dos países da região. A consciência da diversidade cultural já estava presente em Medellín (cf. Med, Introdução 1: 1,2; 4, 3; 5,11) e em Puebla (cf. DP 19, 52, 53, 201). De Santo Domingo em diante, a esta consciência se soma uma reflexão sobre a inculturação (cf. SD 13, 24, 30, 49), retomada por Aparecida (cf. DAp 94, 479). Na *Síntese narrativa* e no *Documento para o discernimento comunitário*, a necessidade de sua implementação foi apontada (SN p. 51, 66, 165; DDC 93).
256. Em relação à promoção da interculturalidade e da Inter religiosidade, a Assembleia expressa que a inculturação é um processo bidirecional. Deve ser pensado numa perspectiva de reciprocidade, na qual as diferentes culturas não só são enriquecidas pelo mistério cristológico, mas também trazem a ele suas próprias riquezas. Por esta razão, todas as formas de colonialismo devem ser rejeitadas.
257. Como uma voz do Espírito dirigida a nossas Igrejas, ressoa o chamado ao reconhecimento, afetivo e efetivo, da multiculturalidade que nos caracteriza como continente. Assumir esta diversidade de identidades de nossos países e regiões é um elemento fundamental de nossa conversão. A evangelização não pode ser a construção de uma forma cultural única. A comunidade eclesial põe o Evangelho em diálogo com as culturas para procurar um enriquecimento mútuo.
258. Esta crença nos leva ao compromisso, tão insistentemente solicitado, de evangelizar, abordando com respeito as diferentes culturas. Trata-se de entrar em diálogo com aqueles que vivem nestes contextos sociais e discernir os sinais dos tempos, as sementes da Palavra e os frutos do Evangelho já semeados. Desejamos propor de maneira apropriada e adaptada o encontro com Cristo e seus seguidores como um autêntico projeto de vida. Este

processo deve favorecer a diversidade das expressões teológicas, litúrgicas e espirituais, como um verdadeiro poliedro eclesial.

259. *Linhas de ação:*

- Acolher afetiva e efetivamente, com respeito e humildade, as diversidades culturais, sociais, religiosas, intergeracionais, juvenis e das periferias humanas.
- Reconhecer as sementes da Palavra em diferentes culturas a fim de abordá-las num espírito de inculturação e interculturalidade.
- Incentivar a expressão teológica, litúrgica, catequética e espiritual dos povos originários e afrodescendentes.

e) O protagonismo missionário dos jovens na Igreja e no mundo

260. “Que vocês (jovens) possam ir contra a maré e saber como compartilhar Jesus, comunicar a fé que Ele lhes deu”. Que vocês sintam em seus corações o mesmo impulso irresistível que moveu São Paulo quando disse: ‘Ai de mim se eu não proclamar o Evangelho’ [...] Não tenham medo de ir e levar Cristo a qualquer ambiente, mesmo às periferias existenciais, mesmo àqueles que parecem mais distantes, mais indiferentes” (CV 176-177). O processo de discernimento da Assembleia sublinhou claramente este anseio do Papa.
261. A Assembleia pediu, com urgência, reconhecer que os jovens são sujeitos fundamentais da comunhão, da participação e da missão da Igreja. É um desafio deixá-los nos mostrar os caminhos do novo e não ter medo de abraçar as culturas que eles encarnam, que manifestam o modo como a história se transforma. Isto significa incentivá-los à liderança social e política.
262. Esta prioridade também se baseia nos sinais de esperança dados pelos jovens. Um número considerável deles está interessado e disposto a participar de trabalho voluntário com um enfoque social, ecológico, ecumênico e inter-religioso. Para muitos, estas experiências foram inspiradoras e os ajudaram a encontrar um “sentido de vida” e “seu lugar na Igreja”.
263. A Assembleia Eclesial está comprometida com uma sólida formação dos jovens no presente, para que eles possam ser testemunhas da fé hoje e amanhã. Para este fim, é indicado o trabalho em habilidades específicas como comunicação assertiva, escuta e discernimento. Ao alcançar a

maturidade na fé, eles estarão mais conscientes do papel de liderança e corresponsabilidade dos jovens leigos na vida da Igreja. Um fator importante é o acompanhamento vocacional e profissional, que deve ser dado no âmbito de um projeto de vida com especial atenção à dimensão afetiva, social e política.

264. *Linhas de ação:*

- Promover espaços de acolhimento, escuta, treinamento e liderança para que os jovens possam encontrar Cristo, ser acompanhados em sua jornada de fé como discípulos missionários e aprender a ser protagonistas da vida e da missão da Igreja no mundo.
- Criar ambientes que sustentem suas ideias inovadoras, capazes de gerar novos caminhos na evangelização, que integrem seus novos estilos e idiomas.
- Mobilizar os jovens para serem missionários em todo o continente e além de suas fronteiras.
- Apoiar experiências positivas e procurar reorientar ministérios da juventude que não respondem às identidades e necessidades dos jovens, em coerência com o seguimento do Senhor.
- Fazer pleno uso das orientações da exortação *Christus vivit* e dos documentos do Sínodo sobre a juventude.
- Reconhecer e promover a participação e a liderança dos jovens no uso das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) para ações evangelizadoras.

f) Da pastoral na cidade à pastoral urbana

265. Confirmamos o desafio de passar de uma pastoral na cidade para uma pastoral urbana mais definido. Trata-se de promover uma ação encarnada na realidade das cidades, tão difundida em todo o continente, e caracterizada por seus próprios desafios, estilos de vida, culturas, línguas, símbolos e imaginários, assim como uma simples pastoral no contexto da cidade.

266. As vozes ouvidas mencionam a presença e o serviço de muitos discípulos missionários nas cidades, buscando a mudança para melhores condições de vida e um melhor serviço evangelizador. Eles também apontam para a necessidade de uma maior proximidade da comunidade eclesial com as

vítimas da cultura do descarte e das injustiças que se concentram nas cidades. Há uma necessidade urgente de desenvolver uma pastoral urbana capaz de alcançar os pobres e excluídos, bem como os centros de tomada de decisão, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias.

267. Da mesma forma, a principal afirmação de Aparecida sobre a pastoral urbana continua a ressoar em nossas mentes: “Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, com também em meio a suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como exemplo a violência, pobreza, individualismo e exclusão, não nos podem impedir que busquemos e contemplemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos” (DAp 514).

268. *Linhas de ação:*

- Reconhecer que a cidade é o laboratório da cultura contemporânea, complexa e plural, com uma nova linguagem e uma nova simbologia, e que ela também se estende ao mundo rural.
- Desenvolver processos de formação, baseados na Palavra de Deus, que preparem os leigos para reconhecer as condições de vida da cidade e para assumir suas tarefas como cidadãos, dando testemunho do Evangelho nos diferentes contextos urbanos.
- Reorientar os diferentes ministérios pastorais e ligá-los aos bairros - com um reconhecimento das Comunidades Eclesiais de Base - acompanhando e fortalecendo a piedade católica popular.
- Ir aos setores paroquiais, às ruas, às casas, aos centros educativos, aos diferentes espaços urbanos, às organizações de bairro, para tornar real o chamado a ser uma Igreja em saída e entrar no coração dos desafios como fermento testemunhal.
- Conhecer e cuidar de crianças, adolescentes, idosos e pessoas vulneráveis que vivem e trabalham nas ruas, para acompanhá-los na defesa de sua dignidade e direitos.
- Promover o diálogo entre fé e cultura em novos espaços artísticos, comunicativos, educativos, profissionais e científicos.
- Rever os processos de formação dos Seminários e Casas Religiosas para que os futuros ministros ordenados tenham um melhor conhecimento

das condições da cidade e possam servir melhor à vida e ao acompanhamento da fé.

g) Uma Igreja em saída aos novos areópagos

269. O continente digital, com suas tecnologias de informação e comunicação, aparece de muitas maneiras na escuta. Por um lado, sua importância em tempos de pandemia é lembrada. Por outro lado, nota-se a lacuna no campo da educação, que já possui muitas plataformas para este fim, mas que não são acessíveis a todos. Observa-se que a globalização também está ocorrendo neste campo, que é marcado por muitas disputas ideológicas e comerciais. O mundo da comunicação oferece recursos importantes para as diversas formas de evangelização, desde os meios de comunicação de massa - que devemos continuar a utilizar - até as novas tecnologias online.
270. Existe um novo espaço digital, sustentado pela expansão da internet, das redes sociais e da massificação dos smartphones. Nestas esferas, que estão em constante mudança, há um chamado concreto para sair de si mesmo, para deixar para trás os títulos de outros tempos, a fim de enfrentar os novos desafios antropológicos, sociais e culturais que estão ocorrendo ali.
271. Na Assembleia, o chamado para aproveitar as tecnologias de comunicação na transmissão da fé, especialmente com o protagonismo dos jovens, tem ressoado repetidamente. A partir de um bom uso das tecnologias, somos desafiados a evangelizar o mundo digital, que constitui um novo espaço social e cultural, onde muitos vivem e constroem suas vidas.¹⁷ Estamos diante de um processo que gera grandes transformações na mentalidade, no comportamento, nos critérios de análise e discernimento. Daí a oportunidade de reconhecer e promover redes sociais e espaços comunicativos para o encontro com Jesus Cristo e a contemplação da realidade através dos olhos da fé. A pandemia tem sido um cenário social que levou a entrar neste mundo cibernético como uma ferramenta para reagir à situação.
272. *Linhas de ação:*
- Planejar uma formação integral e crítica sobre a informação da mídia e a incursão em novas tecnologias, envolvendo especialmente jovens e adolescentes, com uma visão evangelizadora e transformadora da realidade.

17 Cf. Bento XVI, *Mensaje para la Jornada mundial de las comunicaciones sociales*, 12 de mayo de 2013.

- Promover um uso ético e profissional das tecnologias de comunicação a fim de alcançar uma presença de qualidade da Igreja através desses meios de comunicação.
- Assegurar garantias de equidade no acesso digno aos recursos computacionais e conectividade para toda a população.
- Treinar evangelizadores digitais para transmitir a fé e o humanismo cristão.
- Assumir, com caridade e clareza, o desafio da presença de novos grupos nas redes sociais e na mídia, que semeiam uma atitude de desconfiança e desconfiança em relação à Igreja, especialmente no que diz respeito ao pontificado do Papa Francisco.
- Desenvolver, de forma inculturada e criativa, uma ação missionária no mundo virtual, com uma atitude dialógica, profética e proativa.
- Integrar o uso das tecnologias de comunicação, a internet e as redes sociais nos processos de catequese e formação de fé permanente.

2. Dimensão profética e formativa

273. A dimensão profética e formativa é uma das bases para a transmissão da fé, seguindo a Tradição eclesial e as orientações do Magistério. O Concílio Vaticano II menciona a urgência da formação constante dos adultos e de uma verdadeira educação da juventude nas circunstâncias atuais. O Documento Medellín fornece elementos para uma educação integral e libertadora (cf. Med 4). Em Puebla, o objetivo era formar um laicato maduro, fortalecendo todos os instrumentos de formação (DP 155). Em Santo Domingo falou-se de uma formação integral para todos os agentes pastorais (cf. SD 1, 3, 4). O Documento de Aparecida faz “uma opção clara e decisiva para a formação de discípulos missionários, para que eles possam aumentar sua vocação e compromisso como batizados em qualquer função que desempenhem na Igreja” (DP 276). As contribuições recolhidas da Assembleia Eclesial sobre a dimensão profética e formativa da ação evangelizadora para o futuro podem ser agrupadas em quatro Propostas pastorais básicas.

a) Um programa de formação integral para todo o Povo de Deus

274. A formação cristã “obedece a um processo integral, ou seja, compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital” (DAP 279). Nas Propostas da Assembleia este campo é bastante amplo, e inclui educação teológica e espiritual. Também menciona a ajuda das ciências sociais e das novas tecnologias para contribuir para o desenvolvimento humano, pessoal e comunitário. Esta tarefa implica em acompanhar processos permanentes na jornada da fé que começam na iniciação cristã de crianças e adultos e exigem constante atualização. Deve ser uma formação desde a base e alcançar todas as áreas da Igreja, consagradas e leigas, a fim de fortalecer os ministérios de todos os batizados. Aqui não vamos descrever os vários itinerários espirituais, sapienciais, catequéticos e pastorais.
275. O objetivo da formação integral é fornecer os meios para uma comunicação eficaz, enfatizando a capacidade de escuta, relações fraternas e inclusivas, e trabalho em equipe. Entre seus desafios está reconhecer e acompanhar a “multiculturalidade” do continente no caminho da conversão teológica, pastoral e eclesial; aprofundar a formação espiritual encarnada, centrada em uma relação pessoal e comunitária com Jesus Cristo, que nos abre à experiência mistagógica; formar na cultura do cuidado da vida e da casa comum, privilegiando a dignidade humana e cultivando os valores cristãos nas famílias e comunidades eclesiais.
276. Entre inúmeros desafios, na formação teológica somos desafiados a reimaginar, desconstruir e reconstruir a relação entre teologia e ministério pastoral, de tal forma que ela se concentre no batismo, na opção pelos pobres, bem como dar novo impulso ao encorajamento bíblico da pastoral comunitária, paroquial e pessoal, a fim de manter e enriquecer a fé em meio à vida cotidiana.
277. *Linhas de ação:*
- Elaborar um roteiro formativo progressivo, dinâmico e integral que ajude e desperte o compromisso profético dos discípulos missionários.
 - Fortalecer habilidades emocionais, capacidades intelectuais e atitudes de solidariedade, a fim de promover projetos de responsabilidade social.

- Para resgatar o valor da educação popular e dar maior importância à educação no uso apropriado das tecnologias.

b) Formação em sinodalidade para superar o clericalismo

278. A Assembleia convida a promover e fortalecer uma formação na qual o modelo sinodal da Igreja seja apropriado por todos os seus membros. Isto implica assumir o modelo de uma Igreja que supera o clericalismo e a dicotomia entre diferentes expressões culturais e geracionais. Propõe-se promover o diálogo e a paz, em nível sinodal, assim como buscar uma cultura do bem viver, respeitando a diversidade e valorizando a riqueza da diferença.

279. A Assembleia pede para fornecer ferramentas para conseguir a participação de todo o Povo de Deus, superando todos os tipos de abusos e maus tratos, onde todos nos sentimos seguros e bem-vindos.

280. *Linhas de ação:*

- Consolidar o caminho sinodal iniciado, para que nos ajude a responder aos desafios atuais desde a comunhão e à luz da Palavra de Deus.
- Desencadear um processo que favoreça a participação corresponsável e a valorização dos carismas, dons, serviços e ministérios na tomada de decisões em espaços eclesiais.
- Promover um cuidado pastoral de encontro centrado na espiritualidade da encarnação e da comunhão.

c) Formação para o compromisso social à luz da opção pelos pobres

281. A Assembleia, em fidelidade ao rosto latino-americano tecido em torno de Medellín e resgatado por Aparecida, propõe uma formação para o compromisso social à luz da opção pelos pobres (cf. EG 198). Trata-se de crescer como Igreja samaritana, assumindo a eclesiologia do Concílio Vaticano II, bem como ser uma Igreja profética segundo o testemunho de fé de nossos mártires que viveram em um compromisso radical com Cristo e seu Reino.

282. Propomos uma formação evangelizadora que contribua para uma verdadeira conversão pastoral e para o compromisso dos cidadãos em busca de uma sociedade justa, fraterna e solidária, respeitosa da vida das

pessoas e da natureza. Um fator essencial para a formação neste campo é a herança centenária da doutrina social da Igreja, da *Rerum Novarum* ao *Laudato Si'* e *Fratelli tutti*, que deve ser um ponto de referência transversal em todo o trabalho pastoral, a fim de enfrentar situações de injustiça social e degradação ambiental.

283. *Linhas de ação:*

- Gerar grupos de estudo e animação sobre a doutrina social da Igreja, inspirados pela Palavra de Deus e em fidelidade à realidade, o que favorece uma Igreja profética em movimento.
- Favorecer a interação entre todos os membros do Povo de Deus, a fim de entrar em diálogo com suas realidades e necessidades.
- Promover a articulação de redes para a defesa da vida com movimentos sociais e coletivos organizados para o cuidado da dignidade humana.
- Gerar estruturas de trabalho em rede paroquiais e diocesanas, que sejam próximas e acolhedoras.
- Trabalhar em coordenação com diferentes atores da sociedade civil.

d) Promover a renovação da formação nos Seminários e Casas religiosas

284. No processo de conversão eclesial, a Assembleia propôs a renovação da formação integral em Seminários e Casas Religiosas a fim de responder ao desafio de uma Igreja em saída as periferias. Isto implica em acompanhar os candidatos ao sacerdócio e à vida consagrada para que sejam fiéis a Cristo, próximos ao povo, humildes servos, profetas que proclamam o bem e denunciam o mal. É uma questão de treinamento na “arte do acompanhamento” (EG 169) de pastoreio e como guias espirituais.
285. Um aspecto indispensável desta tarefa educacional, na qual já existem diretrizes universais e locais, é proporcionar uma formação sinodal que ajude a erradicar o clericalismo e o autoritarismo na Igreja. É também imperativo ensinar o pensamento social da Igreja e incluir temas tais como: ecologia integral, povos indígenas, inculturação e interculturalidade.

286. *Linha de ação:*

- Atualizar os modelos e programas acadêmicos dos seminários e casas de formação presbiteral para a vida consagrada, abrindo possibilidades para novos modelos institucionais, sinodais e inculturados, que podem proporcionar canais renovados para uma formação integral que integre de forma atualizada as dimensões experiencial, espiritual, intelectual e pastoral.
- Assumir e enriquecer, a partir das particularidades de cada Igreja Local, a proposta das novas Normas (*Ratio*) para a formação sacerdotal dada pela Congregação para o Clero.

3. Dimensão espiritual, litúrgica e sacramental

287. A dimensão espiritual, litúrgica e sacramental da evangelização expressa a oração da Igreja através da qual Cristo continua a atualizar o mistério pascal e a realizar sua obra redentora (cf. SC 1). O Concílio Vaticano II afirma que, através da Liturgia, cume e fonte da vida cristã, “sobretudo da Eucaristia, a graça flui para nós como da sua fonte e, com a máxima eficácia, aquela santificação dos homens em Cristo e aquela glorificação de Deus, à qual as outras obras da Igreja tendem como seu fim” (SC 10).
288. A Assembleia favoreceu o desenvolvimento de vários espaços de celebração, convidando a um encontro pessoal com Jesus, em comunhão com os irmãos e irmãs na fé. De forma criativa, a leitura orante da Palavra de Deus, as celebrações da Eucaristia, a adoração ao Santíssimo Sacramento e a recitação do Rosário acompanharam todo o processo da Assembleia. Nas Propostas Pastorais, há pelo menos três grupos que reúnem as diversas recomendações.

a) Redescobrir a vivência dos Sacramentos

289. Para redescobrir a experiência dos Sacramentos, especialmente a Eucaristia, a Assembleia destacou as formas virtuais e outras formas criativas implementadas durante a pandemia. Isto tornou possível promover redes sociais e vários ambientes comunitários como espaços de encontro com

Cristo e sua Palavra; embora tenha advertido contra a tentação de limitar-se a uma mera transmissão das celebrações em vez de uma verdadeira experiência comunitária.

290. A Igreja, especialmente neste momento, está presente no continente digital, acompanhando amorosamente os processos de luto, alimentando a fé e a esperança em tempos difíceis através da celebração da Eucaristia e do encontro em vários espaços de oração. Como discípulos missionários somos chamados a estender e fortalecer esta presença, sem que isso prejudique a importância da participação em persona nas celebrações (cf. SN p. 175).

291. *Linhas de ação:*

- Valorizar e promover a importância da participação regular na Eucaristia e na celebração da Palavra de Deus nas comunidades eclesiais.
- Intensificar o uso de meios virtuais para uma participação mais ampla e diversificada nas comunidades eclesiais, em complemento à indispensável celebração presencial.

b) Uma liturgia inculturada no contexto atual

292. Durante a Assembleia, várias vozes propuseram celebrações inculturadas da fé, com o rosto e o coração de nosso próprio povo. Foi enfatizada a importância de recuperar a mesa comum, sem exclusões, como um espaço protagonista para todos os batizados e batizadas, como acontece nas Comunidades Eclesiais de Base. Esta é uma forma de viver a fé em comunidade na ausência da Eucaristia em lugares onde os padres não estão regularmente presentes. Por esta razão, é necessário promover uma maior participação dos leigos, homens e mulheres, nos ministérios estabelecidos que acompanham a celebração festiva da fé.

293. *Linhas de ação:*

- Recuperar o testemunho da inculturação das CEBs como espaços de encarnação da fé e dos sacramentos no compromisso com os pobres.
- Tomar iniciativas concretas para criar novos ministérios que incluam as mulheres, começando por incentivar um maior acesso e participação das mulheres nos ministérios existentes.

- Desenvolver o assombro contemplativo diante do mistério de Deus e do sagrado, a formação em participação litúrgica e simbólica para todo o povo cristão e o cultivo da arte de celebrar - *ars celebrandi* - de acordo com a recente Carta *Desiderio desideravi* do Papa Francisco.

c) A religiosidade popular como lugar de encontro e de evangelização

294. A religiosidade popular, piedade ou espiritualidade, tão valorizada em Aparecida e na *Evangelii Gaudium*, é destacada nas vozes recolhidas na Síntese Narrativa e em outros momentos da Assembleia. O Povo de Deus, no processo de escuta, destacou a participação dos fiéis em atos de piedade popular, como foi observado mesmo no período da pandemia.

295. A espiritualidade católica, a partir de suas diferentes expressões tão vivas e significativas, pode vir em socorro do ser humano, de sua identidade e de sua vocação à vida. Nele “aparece a alma dos povos latino-americanos” e “é o tesouro precioso da Igreja Católica na América Latina, que ela deve proteger, promover e, quando necessário, também purificar” (Bento XVI, *Discurso inaugural de Aparecida*). A religiosidade popular tem um espaço especial para a expressão da fé nos santuários, espalhados por toda a América Latina e o Caribe. Por causa de sua piedade, as pessoas simples vão ao santuário e lembram que sua origem está no Senhor e também que o Deus que nos amou nunca deixa de fazê-lo e nos acompanha no caminho da vida. De maneira especial, os santuários marianos são lugares de misericórdia, oração, cura e esperança.

296. *Linhas de ação:*

- Reconhecer os processos dos quais as próprias pessoas, como sujeitos, vivem e transmitem a fé.
- Formar agentes pastorais em sua capacidade de acompanhar com uma atitude de serviço e de ser uma presença evangelizadora nos espaços onde a religiosidade popular é praticada.
- Valorizar os espaços privilegiados da piedade popular, especialmente os santuários dedicados a Jesus, Maria e os santos, como uma forma de aproximação ao povo simples, tantas vezes distante das formas organizadas de pastoral paroquial.

4. Dimensão sinodal e participativa

297. A Primeira Assembleia Eclesial não só foi realizada de forma sinodal, mas também fez da sinodalidade um de seus principais desafios na ação evangelizadora da América Latina e do Caribe.
298. A forma como a Assembleia foi realizada, tanto seu processo de preparação quanto o evento final, são a mostra de que a Igreja sinodal do primeiro milênio não é uma utopia irrealizável. A Assembleia inseriu a colegialidade episcopal no coração da sinodalidade eclesial, destacando os leigos como um sujeito eclesial. É a expressão do exercício do princípio da Igreja do primeiro milênio: “tudo o que diz respeito a todos deve ser discernido e decidido por todos”.

a) Uma Igreja Povo de Deus, com novos ministérios

299. Para ser uma Igreja sinodal, a Assembleia Eclesial propõe atualizar, à luz da Palavra de Deus e do Concílio Vaticano II, o conceito e a experiência da Igreja como Povo de Deus, em comunhão com a riqueza de sua ministerialidade. A criação de novos ministérios e a renovação dos existentes permitiria a incorporação dos leigos em geral, das mulheres em particular, e das pessoas consagradas, para que tenham participação e poder na tomada de decisões. Isto significa assumir a dimensão ministerial da Igreja do ponto de vista da circularidade, sinodalidade e corresponsabilidade, pois todos nós somos chamados a viver na dignidade e igualdade proporcionadas pela vocação batismal. Ao mesmo tempo, exige cultivar a alegria do ministério ordenado - episcopal, sacerdotal e diaconal - para que transmita o amor de Jesus, Bom Pastor e servidos.
300. Os ministérios, em uma Igreja que é toda ministerial, expressam a universalidade dos dons do Espírito a serviço do bem de todos os cristãos e não-cristãos. Daí a importância da formação para a unidade na diversidade, valorizando e fomentando carismas e ministérios.
301. A sinodalidade torna a Igreja uma comunidade de comunidades, cada vez mais aberta, misericordiosa e sensível, que abraça todas as periferias humanas, reconhecendo e acolhendo a diversidade. Para este fim, é importante criar pequenas comunidades autônomas que contribuam para superar o clericalismo através da inclusão, proximidade e encontro. Isto

implica em fortalecer o papel dos leigos na vida pastoral e missionária, para que possamos caminhar juntos como Povo de Deus e assim tornar efetiva a comunhão e a participação de todos. Esta área também pode ser um espaço especial para a colaboração de padres casados e um lugar para acolher migrantes e outros grupos minoritários em sua situação específica.

302. *Linhas de ação:*

- Promover a formação em todas as áreas (faculdades, seminários, casas de formação, escolas de ministério, institutos, faculdades de professores leigos) em uma Igreja sinodal, profética e comprometida com a defesa da vida em nossos povos.
- Implementar diversas áreas de comunhão e participação em paróquias, santuários e capelas, que incentivam a corresponsabilidade na animação missionária.
- Criar novas estruturas sinodais em todas as áreas da Igreja, seguindo o exemplo desta Primeira Assembleia Eclesial.
- Fazer da animação bíblica da pastoral uma escola concreta de sinodalidade pela prática comum da meditação da Palavra de Deus, escuta mútua, discernimento compartilhado, tomada de decisões e avaliação da ação pastoral.

b) Uma Igreja samaritana e acolhedora

303. A comunidade cristã é casa dos pobres (DAp 8) e Igreja samaritana (DAp 26). Ela deve criar estruturas para receber tudo e compartilhar a vida em abundância com todos. Aparecida afirma que, “em nosso subcontinente, é urgente fazer cessar a lógica colonialista de rechaço e de assimilação do outro; uma lógica que vem de fora, mas que também está dentro de nós” (DAp 96).
304. O pluralismo, mais do que uma abertura, é um pressuposto de convivência social e desenvolvimento cultural. Como o assunto é plural, o pressuposto é a alteridade. Hoje é necessário conceber-se no relacionamento com o que é diferente. Consequentemente, no campo da missão, não há destinatários, mas interlocutores. O atual processo de globalização tende a impor uma cultura homogeneizada em todos os setores, envolvendo-nos em uma “nova colonização cultural” (DAp 46). Daí a necessidade de assumir a diversidade

cultural como um contraponto às tentativas “que pretendem uniformizar a cultura, com enfoques baseados em modelos únicos” (DAp 59).

305. Aqui é onde entra a questão da diversidade sexual. Várias vozes expressam a dor de perceber a indiferença e o rechaço da Igreja em relação a esta questão. É uma questão de acolher os grupos que compõem minorias de suas realidades específicas, para que não sejam excluídos dos espaços eclesiais.

306. *Linhas de ação:*

- Promover espaços de ação em áreas como a pastoral social e a sociedade civil a fim de gerar ações inclusivas, especialmente para minorias.
- Valorizar e integrar a contribuição de diferentes vocações, carismas, ministérios, ofícios e profissões a fim de construir uma Igreja hospitaleira, um verdadeiro “hospital de campo”.
- Reconhecer e fortalecer uma nova identidade mestiça na América Latina e no Caribe com raízes originárias e negras, como manifestado pelas imagens de Maria de Guadalupe e Aparecida.

c) Uma cultura eclesial marcadamente laical

307. A sinodalidade é a forma de ser e de agir na Igreja onde os leigos são “parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade” (cf. DAp 213). Aparecida, seguindo Puebla, fala da Igreja como comunhão e participação, casa e escola de comunhão. Daí surge a necessidade, no trabalho de evangelização, de incluir os leigos no discernimento, elaboração e tomada de decisões, planejamento e execução de planos pastorais.

308. Como já foi dito, para a Assembleia Eclesial é urgente superar o clericalismo em todas as suas expressões, no Clero, nos consagrados, e até mesmo entre os leigos. Com o Papa Francisco afirmamos a necessidade de “criar uma cultura eclesial própria, marcadamente laical” (QAm 94) que encoraje sua participação ativa e proporcione uma presença capilar dos leigos na Igreja. Isto implica o fortalecimento da experiência orante e a formação da consciência do Povo de Deus. É necessário compartilhar espaços de responsabilidade, tomada de decisões e formação pastoral com participação sinodal.

309. Para tornar visível este protagonismo em todas as suas dimensões, é importante renovar e adaptar a formação sacerdotal, religiosa e laical, proporcionando uma atualização permanente, em vista de uma Igreja sinodal, discípula e missionária, e em conformidade com as normas da *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* da Congregação para o Clero.

310. *Linhas de ação:*

- Incentivar a participação corresponsável e a valorização dos carismas na elaboração e tomada de decisões nos diferentes espaços eclesiais.
- Promover a formação em sinodalidade, necessária para a tomada de decisão consensual.
- Facilitar um processo de conversão pastoral, pessoal e comunitária, que nos permita reconhecer as feridas causadas pelo clericalismo e pelas relações verticais autoritárias.
- Começar de baixo, fortalecendo os processos de iniciação cristã e aprofundando a eclesiologia da comunhão.
- Promover nos jovens uma cultura vocacional aberta a todas as opções eclesiais e religiosas.
- Reconhecer e cultivar a alegria de um grande número de ministros ordenados que dão suas vidas ao serviço de todo o Povo de Deus.

d) O protagonismo das mulheres na Igreja e na sociedade

311. A escuta do Povo de Deus no Espírito trouxe à luz a trajetória e a voz das mulheres que clamam por um novo lugar na sociedade e na Igreja neste momento na América Latina e no Caribe. É urgente ouvir a voz, tantas vezes silenciada, das mulheres sujeitas a muitas formas de exclusão e violência em todas as etapas de suas vidas. Reconhece-se que, na Igreja, ainda há desigualdade devido ao machismo, falta de reconhecimento e empoderamento das mulheres.

312. Como mencionado na escuta, na esfera eclesial, algumas autoridades não aceitam plenamente o acesso das mulheres a cargos de liderança ou de administração em uma Igreja governada por homens, na qual elas são a grande maioria daqueles que participam ativamente das comunidades. Tem sido expresso que se uma Igreja que marginaliza os leigos persiste, ela marginaliza ainda mais as mulheres.

313. A Assembleia Eclesial propôs tomar medidas concretas para a integração e participação da mulher na Igreja e na sociedade. Por um lado, afirma o dever de admitir a exclusão das mulheres nos serviços de gestão e tomada de decisões. Por outro lado, encoraja uma teologia relacional que pode garantir-lhes espaços que mostram o reconhecimento de sua dignidade e protagonismo, e se tornam sinais que também promovem sua inclusão na sociedade.
314. Estas mudanças não podem depender da boa vontade dos padres e bispos, mas implicam na formalização de seus próprios ministérios e sua integração nas estruturas decisórias tanto nas Igrejas locais quanto nas Conferências Episcopais nacionais. A Assembleia lembra o ensinamento do Papa Francisco, que diz que “Numa Igreja sinodal, as mulheres, que de fato realizam um papel central nas comunidades amazônicas, precisam ter acesso à funções e inclusive serviços eclesiais [...] que implicam uma estabilidade, um reconhecimento público e um envio por parte do bispo” (cf. QAm 103).
315. *Linhas de ação:*
- Reconhecer a exclusão das mulheres em cargos de liderança e tomada de decisões na esfera eclesial.
 - Gerar processos pastorais nos quais as mulheres tenham maior valor e participação.
 - Forma de unidade na diversidade, incentivando o desenvolvimento de carismas e ministérios acessíveis às mulheres.
 - Garantir lugares e espaços nos quais se torne visível que a dignidade e a corresponsabilidade da mulher sejam plenamente consideradas em termos práticos.
 - Reformar as estruturas, no âmbito da conversão eclesial, a fim de ter uma pastoral orgânica e holística, buscando uma reciprocidade complementar entre mulheres e homens.

e) Uma Igreja rede de comunidades

316. As pequenas comunidades eclesiais ou de base são uma expressão de Uma Igreja que quer assumir mais fortemente a opção pelos pobres. Para Medellín eles são a “célula inicial de estruturação eclesial e centro de

evangelização” (Med 15,10). Eles permitem que o povo venha a um maior conhecimento da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos ministérios leigos e à educação dos adultos na fé. (cf. DAp 178).

317. É importante revitalizar as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), uma forma de ser Igreja onde se vive a sinodalidade, como um espaço de inclusão da diversidade e de superação do clericalismo. Neles, a Palavra de Deus é o centro da comunhão, um espaço é oferecido ao povo concreto em seus contextos e uma melhor resposta é dada aos gritos dos marginalizados de nosso tempo. Uma característica das CEB é a vivência da opção preferencial pelos pobres, personificando os princípios e valores da doutrina social da Igreja.

318. A revitalização das CEBs implica olhar para nossas estruturas paroquiais. A paróquia é uma célula viva da Igreja, mas precisa de uma renovação vigorosa para ser: um lugar de iniciação cristã; um lugar de educação e celebração da fé; acolhedora da diversidade de carismas, serviços e ministérios; organizada de forma comunitária e responsável; integrando movimentos e instituições; aberta a projetos pastorais supra paroquiais e às realidades do entorno (cf. DAp 170). Aparecida recomenda sua setorização em unidades territoriais menores, com equipes de animação e coordenação que permitam uma maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região. Dentro destes setores, é aconselhável criar grupos de famílias que compartilhem sua fé e colaborem na resposta a seus próprios problemas (DAp 372).

319. *Linhas de ação:*

- Descentralizar a estrutura e a ação paroquial através da criação de pequenas comunidades que favoreçam processos integrais, compromisso social, liderança leiga, cultura de encontro e uma Igreja ministerial.
- Promover a formação contínua de líderes e facilitadores com novas narrativas e paradigmas de sinodalidade que mobilizam as comunidades.
- Revitalizar e acompanhar as Comunidades Eclesiais de Base como espaços de crescimento na fé e no compromisso social.

f) A conversão das estruturas da Igreja

320. Para gerar espaços de maior participação e inclusão dos jovens, das mulheres e de todos os leigos, é necessária uma mudança real nas estruturas da Igreja, assim como a reativação dos conselhos - pastorais e econômicos - nas paróquias e das assembleias pastorais diocesanas e paroquiais. Uma profunda revisão do exercício da autoridade e do poder é uma condição necessária para superar o clericalismo e crescer como Igreja servidora, sinodal, gerando novas lideranças e ministérios leigos como, por exemplo, o cuidado da casa comum.
321. A Assembleia se propõe a identificar e rever as estruturas pastorais existentes a fim de torná-las eficazes na transmissão da fé, renovando as que podem ser eficazes, abandonando as que estão ultrapassadas e criando as que são necessárias.
322. A reforma das estruturas é um requisito de conversão pastoral e tem como objetivo “fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade” (EG 27).
323. Devemos avançar na estruturação de uma pastoral orgânica a fim de melhor atender às necessidades dos fiéis. Todo processo de evangelização inclui a promoção humana e a busca de uma autêntica libertação, sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade (cf. DAp 99 e 399).
324. *Linhas de ação:*
- Abandonar estruturas ultrapassadas que já não evangelizam, promovendo a conversão pessoal e comunitária para viver em sinodalidade e em comunhão participativa e participativa.
 - Colocar os organismos eclesiais a serviço da recepção, proteção, promoção e integração dos filhos e filhas de Deus.
 - Reformar as estruturas a partir de uma conversão comunitária e de uma pastoral orgânica e abrangente, capaz de articular as diversas esferas pastorais, territoriais e setoriais.

- Reforçar os espaços sinodais como os conselhos e assembleias paroquiais e diocesanas, de acordo com as sugestões da Instrução *A conversão pastoral da comunidade paroquial*.

g) Uma Igreja em diálogo ecuménico e interreligioso

325. Aparecida nos fez ver que o ecumenismo é um caminho irrenunciável para o discípulo missionário (cfr. DAp 227), em harmonia com o que foi dito no Concílio Vaticano II quando diz que “a Igreja fundada por Cristo é uma só, mas há muitas comunhões cristãs que se apresentam às pessoas como herança de Jesus Cristo” (UR 1). É uma questão de ouvir o desejo de Jesus “para que todos sejam um” (Jo 17,21). Entretanto, as dificuldades na América Latina e no Caribe são múltiplas: notamos que nos falta unidade e tolerância, rezamos pouco juntos, há formação e reflexão insuficientes entre os leigos e entre os ministros ordenados. O sectarismo, o fundamentalismo e as atitudes de intolerância persistem, assim como um uso distorcido do Evangelho. Entretanto, vemos que existe um ecumenismo prático nas comunidades de base, entre os pobres e simples, e existe solidariedade entre indivíduos e grupos em particular. Somos, portanto, desafiados a escutar e dialogar, a fomentar uma compreensão respeitosa, sincera e consensual. Devemos superar um ecumenismo doutrinário e fortalecer as relações de amor no testemunho da vida.
326. Na América Latina e no Caribe há também a presença, embora menor, de outras religiões. Observamos que há menos tensão neste campo, mas ainda há uma tendência à polarização e uma tendência a fechar-se ao diálogo devido à falta de preparação ou a preconceitos pré-existentes. No entanto, em alguns países há sinais de encontro e ação comum.
327. Somos chamados a nos abrir a Deus como o Pai de todos, como a verdade que transcende as diversas interpretações religiosas. O Papa Francisco nos lembra que “as várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade” (FT 271).

328. *Linhas de ação no ecumenismo:*

- Gerar espaços ecumênicos de serviço à sociedade, especialmente aos mais necessitados, como a formação em economia de comunhão e cuidado com a terra, o fórum social ecumênico e tudo o que contribui para o bem comum.
- Promover treinamento para promover o diálogo ecumênico.
- Incentivar a celebração da semana de oração pela unidade dos cristãos e outras instâncias de oração em comum.

329. *Linhas de ação no diálogo interreligioso:*

- Formar em todos os níveis a fim de nos abrir para descobrir os dons de Deus nas diversas religiões.
- Incentivar e propagar os compromissos já existentes em favor da liberdade religiosa, dos direitos humanos, da defesa da vida e do cuidado do lar comum.
- Ajudar a distinguir as particularidades das atividades de diálogo ecumênico e interreligioso.

5. Dimensão sociotransformadora

330. A dimensão sociotransformadora é constitutiva da forma como o próprio Jesus entende sua missão, que é a de “pregar boas novas aos pobres”, “proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos”, “libertar os oprimidos”, “proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19). Os primeiros cristãos viviam esta dimensão porque “não havia pessoas necessitadas entre eles” (At 4,34-35). As obras de caridade praticadas com os mais vulneráveis são identificadas com a caridade feita ao próprio Cristo (cf. Mt 25,31-46); e a fé, sem obras de caridade, está morta (cf. Tg 2,17). O Magistério eclesial dos últimos dois séculos, fiel a este princípio, oferece, através da doutrina social da Igreja, diretrizes para que os fiéis assumam que evangelizar é “tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176).

331. Aqui, a dimensão sociotransformadora é caracterizada, por um lado, por uma perspectiva de denúncia da miséria que marginaliza grandes grupos coletivos. Esta situação é uma injustiça que clama ao céu, e é por isso que

os cristãos são chamados a colaborar na efetivação da justiça no mundo (cf. Med 1, 2). Por outro lado, ela é marcada por uma opção preferencial pelos pobres, solidários com eles, por sua libertação integral, que está implícita na fé cristológica no Deus que se tornou pobre para nós, a fim de nos enriquecer com sua pobreza (cf. DAp 392).

332. A Primeira Assembleia Eclesial enfatizou fortemente a dimensão sociotransformadora. Na verdade, 76 dos 231 desafios formulados pelos grupos de discernimento e mais da metade das Propostas pastorais estão, direta ou indiretamente, relacionados a esta dimensão.

a) Presencia evangelizadora da Igreja em espaços de transformação social

333. A Assembleia se sentiu particularmente interpelada para mobilizar a Igreja a continuar cumprindo sua missão em espaços sócio transformativos. O fortalecimento da dimensão social da evangelização indica, ao mesmo tempo, o agravamento da situação dos mais vulneráveis e a necessidade de gerar com eles novas formas de presença e defesa.
334. Queremos promover uma maior participação, especialmente de homens e mulheres leigos, em espaços de transformação cultural, política, social e eclesial, e na formação na doutrina social da Igreja. A sociedade latino-americana e caribenha está passando por um processo de secularização que confere maior autonomia às realidades temporais, exigindo que os cristãos atuem nas diferentes esferas como cidadãos, buscando transformá-los segundo os valores evangélicos e em diálogo com outros grupos que compõem o tecido social, político, cultural e religioso de nossos países. Este tipo de é uma presença de transformação de estruturas, de mudanças no exercício do poder, de ações de incidência e de uma educação que forma para a justiça.
335. O acompanhamento de movimentos populares que trabalham pelos direitos sagrados da terra, do teto e do trabalho é uma realidade crescente. Por um lado, há iniciativas eclesiais junto com elas; por outro lado, há uma demanda por maior presença e apoio. Para o Papa, os movimentos populares são “poetas sociais” que, “das periferias esquecidas, criam soluções dignas para os problemas mais urgentes dos excluídos”.¹⁸

18 Francisco, *Carta a los movimientos populares*, 2020; cf. FT 169

336. *Linhas de ação*

Para fortalecer a dimensão social da evangelização:

- Favorecer o encontro com Deus e com os mais pobres a fim de buscar um impacto social mais audacioso, inculturado, comprometido e profético do Evangelho, especialmente na defesa dos direitos humanos.
- Renovar os processos formativos baseados na doutrina social da Igreja, de modo que gerem compromissos transformadores das estruturas.
- Promover grupos de trabalho através de plataformas digitais que promovam o intercâmbio de experiências para uma nova mentalidade política e econômica.
- Criar e fortalecer programas que desenvolvam a justiça social e a dignidade da pessoa.

337. *Para acompanhar a procura dos movimentos populares:*

- Promover espaços e redes de encontro e acompanhamento com os irmãos e irmãs que trabalham em movimentos populares.
- Trabalhar pelo reconhecimento e defesa dos direitos à terra, à moradia e ao trabalho como valores humanos que brotam do Evangelho.

338. *Para uma presença evangelizadora mais efetiva da Igreja em espaços de transformação social:*

- Elaborar um roteiro formativo processual, dinâmico e integral, que ajude e desperte o compromisso profético.
- Gerar grupos de estudo e animação sobre doutrina social, inspirados pela Palavra de Deus e pela realidade.
- Incentivar o ensino da doutrina social da Igreja nos seminários e, transversalmente, em todos os ministérios pastorais, para inspirar respostas pessoais, comunitárias e institucionais.

b) Uma pastoral profética diante da violência e em defesa dos direitos humanos

339. A denúncia profética é uma das reações bíblicas ao grito daqueles que sofrem algum tipo de injustiça (cf. Am 2,6; 4,1). Em Nazaré, Jesus diz que foi enviado

para “libertar os oprimidos” (Lc 4,18), e no discurso sobre a planície ele denuncia os ricos e os satisfeitos (cf. Lc 6,24-25). A indignação profética marca a história da Igreja, como mostra o Magistério do Papa Francisco e suas posições sobre o problema dos migrantes e refugiados. A América Latina e o Caribe conheceram estas vozes em Bartolomeu das Casas e Antônio de Montesinos, no período colonial, e mais recentemente em Oscar Romero, Enrique Angelelli, Hélder Câmara, Doroty Stang e outros. A Assembleia Eclesial retomou esta tradição profética em três Propostas pastorais: duas delas denunciando formas estruturais e específicas de violência, outra propondo formas de promover a paz e os direitos humanos.

340. A primeira Proposta fala em denunciar as diferentes formas de violência estrutural, institucional, policial e doméstica, que se expressam, entre outras, em feminicídios e desapareções. A esta Proposta podemos acrescentar a segunda, mais específica, que fala da denúncia do avanço do crime organizado, do tráfico de drogas, do tráfico de pessoas para exploração laboral e sexual, do tráfico de armas, do sequestro e da venda de órgãos. Estes tipos de violência são amplamente abordados no processo de escuta e compilados na Síntese Narrativa, que fala da violência ligada ao modelo econômico, ao poder do Estado, contra as mulheres, contra as diferenças étnicas (povos indígenas e afrodescendentes) e a opção sexual, e contra a natureza.
341. A terceira proposta visa seguir o caminho preferido pela Igreja para combater a violência: a promoção da cultura da não-violência ativa, a defesa dos direitos humanos e a paz. No Sermão da Montanha, Jesus declara felizes aqueles que promovem a paz (cf. Mt 5,9) e ensina a não-violência ativa, pedindo a seus seguidores que não respondam ao mal com o mal, que amem seus inimigos e que rezem por aqueles que lhes fazem mal (cf. Mt 5,38-39.44-48). Ele perdoa aqueles que o matam (cf. Lc 23,34) e, ressuscitado dos mortos, oferece a paz a seus discípulos como primeiro presente (cf. Jo 20,19). Esta consciência está presente na Síntese narrativa, que fala que “a Igreja tem que formar e exigir dos cristãos não só que orem, mas que se comprometam com a formação e estruturação de uma cultura de paz, uma cultura onde a pessoa e a justiça são importantes” (SN p. 68).

342. *Linhas de ação*

Para enfrentar a violência estrutural e construir a paz social:

- Promover, discernir e articular redes para a defesa da vida junto com movimentos sociais organizados e coletivos para o cuidado da dignidade humana, especialmente de povos originários, afrodescendentes, mulheres, pessoas com deficiência e diversidade sexual.
- Incentivar e apoiar a criação de estruturas intra-eclesiais, paroquiais e diocesanas que apoiem a denúncia da violência eclesial, estrutural, social, doméstica e sexual, desde uma proximidade a todos os filhos e filhas de Deus, sem exclusão de qualquer tipo.
- Reconstruir a dignidade humana e o tecido social para ajudar a prevenir todos os tipos de violência.

343. *Para enfrentar o crescimento do crime organizado, do tráfico de drogas, do tráfico de pessoas, do comércio de armas, do sequestro e da venda de órgãos:*

- Estabelecer mecanismos de sensibilização e de denúncia através de campanhas realizadas em parceria com instituições da sociedade civil e a comunidade acadêmica.
- Fortalecer a rede Clamor e outras redes eclesiais, engajando a Igreja com coragem e parrésia no trabalho de prevenção e defesa pública.
- Apoiar comunidades de recuperação para vítimas de adições e do tráfico de drogas.

344. *Para promover a cultura da não violência ativa, a defesa dos direitos humanos e da paz:*

- Colaborar em grupos e redes da sociedade, a nível local, regional, nacional e internacional.
- Fortalecer os corpos eclesiais com processos formativos baseados na doutrina social da Igreja, nos direitos humanos e na não-violência ativa em todos os níveis da sociedade.
- Promover uma cultura de diálogo, reconciliação e colaboração com outros grupos religiosos e sociais, alcançando todas as esferas, inclusive os atores políticos.

- Promover a cultura da paz, trazendo esperança e acompanhando a procura de justiça em meio à violência contra as mulheres, migrantes, os desaparecidos, vítimas do tráfico de drogas.

c) A atuação dos cristãos nos âmbitos da economia e a política

345. A promoção de uma economia solidária e sustentável é uma alternativa ética, que deve estar a serviço da vida, ao contrário da economia dominante que mata, que só segue o mercado, produz o descartado, depredou a casa comum e só busca o acúmulo.
346. As vozes que denunciam a corrupção nas estruturas sociais públicas e privadas, assim como a impunidade judicial, referem-se ao campo da política. Ela está associada a lutas pelo poder, mas também a consensos em torno do bem comum. Neste contexto, há preocupação com a gestão de recursos na pandemia, planos governamentais, abusos de autoridade, gestão econômica e a relação com a Igreja (cf. SN ps. 11, 58-60). O Documento para o discernimento comunitário fala de corrupção em todas as suas formas, devido à intervenção do poder econômico e do tráfico de drogas que se infiltra nas decisões políticas e judiciais. Aponta também a indignação que a corrupção provoca, especialmente entre os jovens.
347. Para que a doutrina social da Igreja seja conhecida e aplicada em todas as atividades pastorais, a ação dos cristãos nas diferentes esferas da sociedade e dentro da Igreja é fundamental. É por isso que é importante conhecê-lo e apresentá-lo como uma contribuição para pensar o compromisso social, a defesa da vida e a promoção humana. A doutrina social da Igreja é o Evangelho feito corpo social e um dos critérios para acompanhar e orientar os leigos que desempenham um papel determinante na vida dos povos.

348. Linhas de ação

Para promover uma economia solidária e sustentável:

- Criar comissões pastorais que construam canais de solidariedade para o cuidado da casa comum, centrados na dignidade da pessoa humana.
- Promover a formação de redes de solidariedade associativa nas periferias que implementam programas comuns.

- Promover projetos solidários das paróquias através de programas e empreendimentos, em coordenação com outros atores da sociedade.
- Incentivar o desenvolvimento de uma economia solidária e sustentável, e apoiar iniciativas nesse sentido que estão em andamento na esfera civil.

349. *Para implementar a participação dos leigos no âmbito da política:*

- Despertar a consciência dos leigos sobre sua missão na promoção de políticas públicas que tornem possível uma economia mais justa e humana.
- Treinar para a participação, o cuidado e a transformação social, cultural e política.
- Denunciar a corrupção nas estruturas sociais, jurídicas e políticas e defender a democracia.
- Estabelecer redes com diferentes atores da sociedade civil.

d) O cuidado pastoral das vítimas de injustiças sociais

350. Acompanhar as vítimas da injustiça social nos processos de reconhecimento, reparação e reconciliação é uma preocupação de nossa Igreja. O Papa Francisco, em *Fratelli tutti*, nos lembra que é necessário “um trabalho paciente de busca da verdade e da justiça, que honra a memória das vítimas e abre, passo a passo, para uma esperança comum, mais forte que a vingança” (FT 226). A justiça “procura-se de modo adequado só por amor à própria justiça, por respeito das vítimas, para evitar novos crimes e visando preservar o bem comum” (FT 252).

351. Em Puebla, nosso magistério episcopal começou a falar de vítimas (cf. DP 529, 1138, 1191). Aparecida, ampliando seu entendimento, refere-se aos adolescentes e jovens como vítimas de falsos líderes (cf. DAp 442), às vítimas do aborto (cf. DAp 469), de sequestros, da violência do terrorismo, de conflitos armados (cf. DAp 65). Ele também menciona os encarcerados (cf. DAp 207), jovens vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna (cf. DAp 318), as vítimas do tráfico de pessoas e da exploração sexual, crianças vítimas de prostituição, pornografia e trabalho infantil, mulheres maltratadas e vítimas de exclusão (cf. DAp 402). Aparecida lembra a importância de acompanhá-los a todos (cf. DAp 414).

352. *Linhas de ação:*

- Abordar e acompanhar as vítimas com a atitude do Bom Samaritano, e curar suas feridas, especialmente as resultantes da exploração associada à migração, abuso e pobreza.
- Abraçar a humanidade ferida por tantas adições, substâncias e violência, promovendo - de forma pessoal e comunitária - processos de cura, libertação e justiça.

e) Prevenção e reparação de abusos sexuais, de poder e de consciência na Igreja

353. A questão do abuso tem causado uma crise na Igreja desde o final do século 20. O Papa Francisco falou várias vezes e em sua Carta ao Povo de Deus (18/08/2018) ele recorda “o sofrimento vivido por muitos menores por causa do abuso sexual, abuso de poder e abuso de consciência cometidos por um número considerável de clérigos e pessoas consagradas”. Segundo o Pontífice, é um “crime que gera feridas profundas de dor e impotência, primeiramente nas vítimas, mas também em suas famílias e em toda a comunidade, sejam crentes ou não crentes”.

354. A Assembleia destacou a persistente falta de reparação integral às vítimas e suas famílias por parte da instituição eclesial. Um sinal de conversão seria responder à exigência de transparência e verdade para enfrentar todos esses abusos. Isto implica mais disposição para denunciar e cooperar, e reconhecer os erros e pedir perdão com humildade e reparação.

355. *Linhas de ação:*

- Promover a criação e o funcionamento de órgãos diocesanos para a prevenção de abuso sexual, abuso de consciência e abuso de poder, juntamente com cuidados e reparações abrangentes.
- Acompanhar os processos de reconhecimento, reparação e justiça através do cuidado pastoral interdisciplinar.
- Prevenir abusos dentro e fora da Igreja através de políticas e protocolos eficientes que geram ambientes saudáveis e seguros.

f) Presença e ação da Igreja junto aos povos indígenas e afrodescendentes

356. Os povos indígenas e afrodescendentes estão entre os grupos especialmente escolhidos pela Assembleia para serem acompanhados na defesa da vida, da terra e das culturas. Tendo sido dominadas ou escravizadas durante séculos, suas condições de vida não mudaram significativamente após o período colonial. Já em Puebla seus rostos foram identificados com os “mais pobres dos pobres” (DP 34). Aparecida diz que eles não são tratados com “dignidade e igualdade de condições” (DAp 65). Seus territórios permanecem sem reconhecimento e sem proteção, suas culturas e religiões nem sempre são respeitadas, sua cidadania é diminuída, seus jovens, crianças e mulheres continuam a ser vítimas de todos os tipos de violência (cf. DAp 90).
357. Dentro de seus limites, a Igreja realizou a evangelização destes povos, promovendo um verdadeiro processo de inculturação que alimentou sua fé ao longo dos séculos, como notado pelas Conferências de Santo Domingo e Aparecida (cf. SD 24; DAp 4, 94). Hoje, porém, este processo é desafiado pelas novas dinâmicas sociais, econômicas, culturais e religiosas dos territórios onde eles vivem. O Papa Francisco recorda sua riqueza cultural, sua “contribuição ao cuidado da terra” (QAm 42), e denuncia os interesses de grupos econômicos em territórios indígenas e afrodescendentes (cf. QAm 9, 10, 14). Ele pede indignação contra esta situação de violência (cf. QAm 15) e novos passos na inculturação, especialmente da liturgia (cf. QAm 82).
358. A Assembleia convida a Igreja a escutar esses povos, a perceber as múltiplas expressões de exclusão dos descendentes de ambos os grupos fundadores da cultura latino-americana e caribenha, a ser seu porta-voz, a defender seus territórios e suas vidas, a não vê-los como “pobres”, mas sim como amigos e aliados.
359. *Linhas de ação:*
- Valorizar os povos originários e afrodescendentes como protagonistas da inculturação do Evangelho, do reconhecimento das sementes da Palavra em suas visões de mundo e do trabalho em defesa da vida, da terra e das culturas.
 - Admitir e rejeitar a tripla discriminação experimentada pelas mulheres desses grupos: por serem mulheres, pobres, originários ou afrodescendentes.

- Aprofundar as raízes culturais dos povos originários e afrodescendentes através de espaços de encontro e processos formativos.
- Questionar as formas de colonização cultural disfarçadas de evangelização e incentivar o respeito e o intercâmbio entre culturas, como fez o Papa Francisco em sua viagem ao Canadá.

g) Atenção especial aos migrantes e refugiados, encarcerados e deficientes

360. A Assembleia Eclesial destacou três situações particulares para a Igreja prestar atenção especial: migrantes e refugiados, os presos e os deficientes. A tradição bíblica chama a acolher o forasteiro (cf. Lev 19,33-34; Gn 18,4-7). O Novo Testamento identifica os doentes, aqueles que estão de passagem, e aqueles que estão na prisão, com os irmãos e irmãs menores de Jesus, diante dos quais o destino final é definido (cf. Mt 25,35-44), e exorta as comunidades a praticar a hospitalidade (cf. 1Pe 4,9; Rm 12,13). Os migrantes e refugiados, os presos e os deficientes representam situações de vulnerabilidade que exigem o cuidado da Igreja.
361. Como descrito na primeira parte, a questão dos migrantes e refugiados se tornou muito mais aguda na América Latina e no Caribe. Eles são vítimas de várias formas de violência e tráfico humano, e estão entre aqueles que mais sofrem. São um grupo que precisa de atenção especial, que busca refúgio e que, infelizmente, nem sempre desperta a solidariedade de muitos dos irmãos. A Igreja deve ajudá-los porque sua realidade é um sinal de nossos tempos.
362. As situações de privação de liberdade são um desafio para a tarefa pastoral. Precisamos de uma ação que garanta o acompanhamento espiritual e a proteção dos direitos das pessoas encarceradas, especialmente nos casos de violência policial e estatal, e a proximidade com suas famílias.
363. Há muitas pessoas que sofrem de diferentes doenças, carências e deficiências físicas ou mentais, que têm outras capacidades e que trazem seus dons para suas famílias e comunidades. A Assembleia propôs a organização de uma pastoral de saúde mental para promover o respeito por sua dignidade. No processo de escuta, esta proposta foi apreciada como uma resposta aos efeitos da pandemia da COVID-19, e é também uma expressão do cuidado com os mais vulneráveis.

364. *Linhas de ação*

Para acolher, proteger, promover e integrar migrantes e refugiados:

- Estabelecer como prioridade a atenção, promoção, defesa de seus direitos e acompanhamento de pessoas forçadas a migrar, deslocados e refugiados.
- Criar espaços de expressão de fé, formação, espiritualidade e diálogo sociocultural para migrantes, refugiados e deslocados, que os ajudem a experimentar a fraternidade em seus novos lugares e os tornem visíveis como membros de comunidades cristãs.
- Trabalhar em redes locais, regionais, continentais e internacionais para exigir, defender e promover a geração de políticas públicas para o respeito ao direito humano de migrar e não de migrar, de refúgio e asilo.
- Sensibilizar as comunidades eclesiais para as causas da migração forçada, a fim de trabalhar pela sua erradicação e promover a hospitalidade solidária.

365. *Para a pastoral carcerária:*

- Fortalecer a pastoral carcerária com apoio interdisciplinar, para estabelecer redes de atendimento e defesa de políticas públicas.
- Acompanhar espiritualmente as famílias das pessoas na prisão.
- Promover o cuidado pastoral nas paróquias que atendam às necessidades das famílias das pessoas privadas de sua liberdade.

366. *Para uma pastoral da saúde mental:*

- Gerar uma cultura de proximidade e ternura que nos permite cuidar de pessoas que sofrem de várias doenças com tratamento específico.
- Promover o cuidado pastoral de acompanhar os doentes e as pessoas que sofrem de deficiências.
- Para acompanhar famílias, amigos e cuidadores com comunidades de escuta e contenção.

h) A defesa e promoção da vida e da família

367. A defesa e a promoção da vida e da família são desafios que têm estado presentes na Assembleia. Ela propôs: promover e defender a dignidade da vida da pessoa humana desde a concepção até a morte natural; favorecer, acompanhar e fortalecer a centralidade da família na sociedade humana; dar prioridade ao cuidado pastoral da família que acolhe as novas expressões, suas complexidades e suas diversidades. A estas questões ainda podemos associar as propostas por alguns grupos familiares como prioridades na vida pastoral: recriar o acompanhamento de crianças, jovens, casais e idosos.
368. A dignidade da vida e da pessoa humana, desde a concepção até a morte natural, é ensinada nas Sagradas Escrituras. Jesus veio para que “tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10,10). A vida é ameaçada na América Latina e no Caribe de muitas maneiras: pelo aborto e a eutanásia, feminicídios, assassinatos, assassinatos contratados, a violação dos direitos humanos e sociais, o extermínio dos povos originários, a depredação dos bens da criação.
369. A Assembleia afirmou a prioridade de um cuidado pastoral que acolhe as novas expressões da vida familiar. Apesar de ter conhecido diferentes composições na história, em tempos recentes, como o Papa Francisco expressa na exortação *Amoris laetitia*, a família está passando por novos desafios, que exigem o cuidado da misericórdia pastoral da Igreja. No processo de escuta, a desintegração familiar causada pela migração, tráfico de pessoas, secularização, formas de violência dentro da família, especialmente contra as mulheres, abuso de crianças, adolescentes e jovens, foram alertados. O Documento de discernimento comunitário aborda estes temas devido ao impacto da pandemia sobre a família e a violência intrafamiliar. Ela também lembra as diferentes situações familiares - como casais não casados ou divorciados e casados novamente - e o desafio de proclamar lhes o Evangelho hoje.
370. *Linhas de ação*
- Para a defesa e promoção da vida:*
- Promover a cultura da vida, reconhecendo Jesus Cristo nos mais pobres e indefesos.

- Gerar espaços de formação integral que aumentem a conscientização sobre a cultura da vida, incluindo o pessoal de saúde e a mídia.
- Gerar redes de ação pastoral para a construção de políticas públicas que garantam o cuidado com a vida em todas as suas etapas e dimensões.

371. *Para a pastoral familiar:*

- Apresentar a mensagem da Igreja sobre o amor familiar e enriquecê-la com uma linguagem mais inclusiva de todas as formas de conformação familiar.
- Integrar com misericórdia e ternura as diversas formas de famílias (uniões monoparentais, de fato, etc.), não de forma fragmentada ou apenas com base no acesso aos sacramentos.
- Promover a formação cristã e social da pastoral familiar nas paróquias, com base em suas realidades e necessidades específicas.
- Para proteger e acompanhar as famílias em situações de fragilidade através de misericórdia inclusiva.
- Cuidar especialmente dos idosos e das crianças pequenas, promovendo o encontro entre as gerações para que possam compartilhar sabedoria e esperança.
- Defender os direitos das crianças de terem uma família e de serem cuidadas e educadas com amor.

372. *Para o acompanhamento de crianças, jovens, casais e idosos:*

- Realizar um trabalho articulado entre os vários ministérios pastorais específicos, a fim de atender às exigências das diferentes idades da vida.
- Promover, em cada Igreja em particular, uma catequese bíblica que estimule o seguimento de Jesus e acompanhe todas as etapas do desenvolvimento humano.

6. Dimensão ecológica

373. A Assembleia Eclesial expressa um interesse particular no compromisso dos cristãos com o cuidado da casa comum. Muitos discernimentos foram

feitos, muitas vozes foram levantadas e muitas ações foram sugeridas, o que reflete a necessidade de uma dedicação da comunidade eclesial para trabalhar concretamente na conscientização, coerência e incidência na defesa do meio ambiente.

374. Vários caminhos de ação são indicados com base no ensinamento do Papa Francisco: “viver a vocação de ser protetores da obra de Deus é parte essencial de uma existência virtuosa, não é algo opcional ou um aspecto secundário da experiência cristã” (LS 217). Por esta razão, identificamos esta missão como uma dimensão de evangelização.
375. Vale destacar a contribuição dos povos indígenas no cuidado da Criação, que é inspiradora para o trabalho da Igreja no campo da ecologia: sua sabedoria ancestral, sua cosmovisão, seu modo de vida comunitário, nos mostram outras formas de uma relação mais harmoniosa com nossa casa comum, com os outros, com a transcendência. Sua memória viva, sua denúncia, sua resistência apesar da violência, nos oferecem formas de contrariar aqueles que promovem um modelo destrutivo.

a) Uma educação e uma espiritualidade do cuidado da casa comum

376. Para aceitar o chamado de Deus em nossas vidas, é essencial uma escuta “atenta do grito dos pobres e ao mesmo tempo da terra” (QAm, 52). A situação atual do planeta exige uma conversão ecológica de nossa parte. Somos chamados a assumir e viver nossa vocação de administradores do trabalho de Deus, e não de seus destruidores.
377. É uma prioridade pastoral colaborar na sensibilização dos outros para formar uma consciência da responsabilidade de todos, particularmente dos discípulos missionários, no cuidado da casa comum. Para isso, é necessário criar e difundir processos de educação em ecologia integral, apoiados pelo cultivo de uma espiritualidade de cuidado com a criação.
378. Com o Papa Francisco acreditamos que “Não se trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima, sem ‘uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária’. Temos de reconhecer que nós, cristãos, nem sempre recolhemos e fizemos frutificar as riquezas dadas por

Deus à Igreja, nas quais a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia” (LS 216).

379. *Linhas de ação:*

- Criar um serviço pastoral para o cuidado da casa comum que promova a educação e a conscientização ecológica.
- Incorporar a ecologia integral em nosso ensino e prática pastoral.
- Empreender um processo de conscientização ecológica, inspirado nos documentos *Laudato Si'* e *Querida Amazônia*, para promover a conscientização da sacralidade e inter-relação de todas as criaturas.
- Desenvolver uma espiritualidade ecológica que encoraje o compromisso com as grandes causas.
- Dar prioridade e reafirmar uma ecologia integral em nossas comunidades, combinando os quatro sonhos da exortação *Querida Amazônia*: social, cultural, eclesial e ecológica.
- Incentivar a conversão pastoral para a coerência de vida, o cuidado com o lar comum e o acompanhamento integral na formação da fé das diferentes gerações.
- Gerar uma conversão ecológica que favoreça a corresponsabilidade entre as ações pessoais, comunitárias e institucionais em favor do cuidado da casa comum.
- Formar os agentes evangelizadores na doutrina social da Igreja, a fim de proteger a criação.

b) Uma pastoral da ecologia integral para o cuidado da casa comum

380. O discernimento realizado reconhece o chamado do Espírito para uma ação eficaz e pronta no cuidado do lar comum, o que mostra a coerência de nossas convicções e é um testemunho para inspirar os outros. É necessário responder de forma pessoal, comunitária e institucional, através de ações concretas, ao clamor da terra, dos pobres e dos excluídos, promovendo uma ecologia integral à luz do Evangelho e da doutrina social da Igreja. A fim de implantar uma pastoral ecológica eficaz, é importante tecer redes com outros coletivos sociais que trabalham pela dignidade das pessoas e pelo cuidado com o meio ambiente,

e colaborar para provocar uma revolução cultural que oriente a sociedade como um todo para o cuidado integral de cada pessoa e da criação.

381. *Linhas de ação:*

- Testemunhar uma cultura de cuidado na perspectiva da ecologia integral, assumindo e promovendo um estilo de vida de acordo com a proposta da Plataforma de Ação *Laudato Si'*.
- Defender e promover a vida e a dignidade humana em nossa casa comum, mudando uma economia que mata por uma economia inspirada nos valores de São Francisco e Santa Clara, favorecendo o trabalho em rede e colocando os pobres em seu centro.
- Ampliar e fortalecer a participação dos leigos em espaços de transformação educacional, cultural e política, a fim de nos comprometermos com os cuidados da casa comum.
- Acolher, cuidar e proteger os migrantes e aqueles que sofrem nas periferias geográficas e existenciais, particularmente o crescente grupo de refugiados e deslocados climáticos, promovendo processos de evangelização, integração e compromisso social.

c) Uma Igreja profética e próxima a todos aqueles que cuidam a casa comum

382. A Igreja foi solicitada a acompanhar as comunidades afetadas pela mineração e outras formas de extrativismo. Uma Igreja profética é urgentemente necessária para denunciar injustiças, violações dos direitos humanos e práticas ecologicamente irresponsáveis e violentas contra a mãe terra. Isto precisa ser feito em todos os níveis, em aliança com outros atores da sociedade civil.

383. *Linhas de ação:*

- Atender ao chamado urgente da Terra, denunciar situações de depredação da natureza e influenciar espaços de tomada de decisão para cuidar do lar comum em nossa região.
- Proteger a existência das pessoas e dos povos, especialmente defendendo a vida humana desde a concepção até a morte e promovendo a dignidade de todos.

- Solidarizar-se com as populações afetadas e exigir diálogo social e processos transparentes de tomada de decisões em todos os projetos que afetam os territórios, a vida e a saúde das comunidades.
- Contribuir para superar noções de progresso baseadas na exploração da natureza e treinar em uma atitude responsável para a administração dos bens comuns.
- Desenvolver uma evangelização que estimule uma cultura de cuidado com o lar comum e os povos originários com um sentido inclusivo e universal.



“**TODOS SOMOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS EM SAÍDA**”

Mensagem ao Povo da América Latina e o Caribe

Nós, membros da Assembleia Eclesial, reunidos virtualmente e pessoalmente, na sede da Conferência Episcopal Mexicana, de 21 a 28 de novembro de 2021, sob o olhar amoroso de Nossa Senhora de Guadalupe, saudamos o Povo de Deus em em caminho, os homens e mulheres de nossa amada América Latina e do Caribe.

Estamos unidos pelo desejo de reavivar o espírito da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho, realizada em Aparecida em 2007, em harmonia com as Conferências Gerais anteriores e com o Jubileu de Guadalupe em 2031 e o Jubileu da Redenção em 2033 no horizonte.

Confessamos que foi Jesus Cristo Ressuscitado quem nos chamou mais uma vez e, como em Aparecida, nos fez reconhecer como discípulos missionários de Seu Reino, enviados para comunicar a alegria do encontro com Ele através da efusão da alegria, para que todos tenhamos Vida em abundância nEle (cf. DAp 14). Desde então, Jesus nos acompanha na tarefa de repensar e relançar a missão evangelizadora nas novas circunstâncias latino-americanas e caribenhas. Esta tarefa nos comprometeu com um caminho de conversão decididamente missionário, a fim de submeter tudo ao serviço do estabelecimento do Reino da vida (cf. DAp 366). Este é um propósito no qual estamos avançando e que requer maior responsabilidade pastoral. Um sonho profético que o Senhor hoje confirma e nos encoraja a viver, caminhando juntos, guiados por seu Espírito.

Com grande alegria vivemos esta Assembleia como uma verdadeira experiência de sinodalidade, na escuta mútua e no discernimento comunitário do que o Espírito quer dizer a sua Igreja. Caminhamos juntos reconhecendo nossa diversidade multifacetada, mas acima de tudo o que nos une, e em nosso diálogo nossos corações de discípulos se voltaram para as realidades do continente, em suas dores e esperanças.

Constatamos e denunciemos a dor dos mais pobres e mais vulneráveis que sofrem o flagelo da miséria e da injustiça. Sentimos dor pelo grito da destruição do lar comum e da “cultura descartável” que afeta sobretudo as mulheres, migrantes e refugiados, os idosos, os povos originários e as pessoas de ascendência africana. Sentimos dores pelo impacto e consequências da pandemia que aumenta ainda mais as desigualdades sociais, comprometendo até mesmo a segurança alimentar de uma grande parte de nossa população. Sofremos com o clamor daqueles que sofrem por causa do clericalismo e do autoritarismo nas relações, o que leva à exclusão dos leigos, especialmente das mulheres, nas instâncias de discernimento e tomada de decisões sobre a missão da Igreja, constituindo um grande obstáculo à sinodalidade. Também estamos preocupados com a falta de profetismo e de solidariedade efetiva com os mais pobres e vulneráveis.

Por outro lado, estamos cheios de esperança pela presença dos sinais do Reino de Deus, que nos levam a novas formas de escuta e discernimento. A viagem sinodal é um espaço significativo de encontro e abertura para a transformação das estruturas eclesiais e sociais que nos permitem renovar o impulso missionário e a proximidade com os mais pobres e excluídos. Olhamos com esperança para a vida religiosa; mulheres e homens que, vivendo contra a maré, dão testemunho da boa nova do Evangelho, assim como da experiência de piedade popular em nossos povos.

Esta Assembleia é um kairós, um tempo propício à escuta e ao discernimento que nos conecta de maneira renovada com as orientações pastorais de Aparecida e do magistério do Papa Francisco, e nos impele a abrir novos caminhos missionários em direção às periferias geográficas e existenciais e aos lugares de Uma Igreja em saída.

Quais são então esses desafios e orientações pastorais que Deus nos chama a assumir com maior urgência? A voz do Espírito tem ressoado em meio ao diálogo e ao discernimento apontando-nos vários horizontes que inspiram nossa esperança eclesial: a necessidade de trabalhar por um encontro renovado de todos com Jesus Cristo encarnado na realidade do continente; acompanhar e promover o protagonismo dos jovens; a atenção adequada às vítimas de abusos nos contextos eclesiais e o compromisso com a prevenção; a promoção da participação ativa das mulheres nos ministérios e nos espaços de discernimento e de tomada de decisões eclesiais. A promoção da vida humana desde a concepção até a morte natural; a formação em sinodalidade para erradicar o clericalismo; a promoção da participação leiga em espaços de transformação cultural, política, social e eclesial; a escuta e o acompanhamento do grito dos pobres, dos excluídos e dos descartados. A renovação dos programas de formação nos seminários para que assumam a ecologia integral, o valor dos povos originais, a inculturação e a interculturalidade, e o pensamento social da Igreja como temas necessários, e tudo o que contribua

para uma formação adequada em sinodalidade. Renovar à luz da Palavra de Deus e do Vaticano II nosso conceito e experiência do Povo de Deus; reafirmar e dar prioridade à vivência dos sonhos da Querida Amazônia; e acompanhar os povos originários e afrodescendentes na defesa da vida, da terra e de suas culturas.

Com gratidão e alegria reafirmamos nesta Assembleia Eclesial que a forma de viver a conversão pastoral discernida em Aparecida é a sinodalidade. A Igreja é sinodal em si mesma, a sinodalidade pertence à sua essência; portanto, não é uma moda passageira ou um slogan vazio. Com a sinodalidade estamos aprendendo a caminhar juntos como Igreja Povo de Deus incluindo a todos os sem exclusão, na tarefa de comunicar a alegria do Evangelho, como discípulos missionários em saída.

O transbordamento da força criativa do Espírito nos convida a continuar discernindo e promovendo os frutos deste evento eclesial sem precedentes para nossas Igrejas e comunidades locais em peregrinação na América Latina e no Caribe. Nós nos comprometemos a seguir o caminho que o Senhor nos indica, aprendendo e criando as mediações apropriadas para gerar as transformações necessárias nas mentalidades, nas relações, nas práticas e nas estruturas eclesiais (cf. DSD 30).

O itinerário pastoral que temos diante nos guiará no processo de conversão missionária e sinodal.

Damos graças ao Senhor da vida e a todas as pessoas que tornaram possível a efetivação desta Assembleia e as colocamos sob a proteção da Virgem de Guadalupe que acompanha com sua ternura materna a viagem da Igreja neste continente. Confiamos a ela os frutos deste evento eclesial, e pedimos a sua intercessão para que com coragem e criatividade possamos nos tornar Uma Igreja em saída, sinodal e missionária, como o Senhor espera de nós, porque todos somos discípulos missionários em saída.

Dado na cidade de Mexico, o 27 de novembro do Ano do Senhor 2021.



ORAÇÃO DE CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

« Não estou aqui, eu que sou tua Mãe?
Não estás sob minha sombra e minha proteção?
Não sou Eu a fonte de tua alegria?
Não estás debaixo do meu manto e em meus braços?
Por acaso tens necessidade de alguma outra coisa?

Com a confiança que tuas doces palavras nos inspiram, vimos hoje a teus pés como discípulos missionários do Evangelho para apresentar-te os frutos de nossa Assembleia Eclesial de Latino-américa e o Caribe. O Espírito Santo tem aberto nosso ser a suas novidades presenteando-nos uma profunda experiência da sinodalidade.

Ele nos inspira como Igreja missionária, em saída, a sonhar junto a São José, teu esposo, novos caminhos de identidade e liberação, e de cuidado de toda vida.

Da Patagônia ao norte do México,
Do Atlântico até o Pacífico,
Das Antilhas até os mais altos nevados dos Andes
Do mais profundo da nossa intimidade
até os mais belos gestos samaritanos,
Somos todos teus, Mãe Santíssima!

Os rostos de estas meninas e meninos representam os milhões de rostos que embelezam tua América Latina e o Caribe. Cada rosa recolhe as súplicas e louvores de milhares de rosários que entoamos ferventemente em cada país do continente.

Abraça-nos, Mãe, Maestra, Missionária do Amor sem medida.
Escuta-nos, socorre-nos, intercede por nós.
Ajuda-nos a viver a alegria do Evangelho,
para que, irmãos todos, cantemos Louvado sejas Senhor! e contigo, as
Maravilhas do Senhor.



TABLA DE ACRÔNIMOS

Acrônimos de documentos do Magistério universal e latino-americano

AA	Concílio Vaticano II, Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> (18 de novembro de 1965)
AG	Concílio Vaticano II, <i>Decreto Ad Gentes</i> (7 de dezembro de 1965)
ChL	Juan Pablo II, Exortação Apostólica <i>Christifidelis Laici</i> (30 de dezembro de 1988)
CV	Francisco, Exortação Apostólica <i>Christus vivit</i> (25 de março de 2019)
DAP	CELAM, <i>Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe</i> , Aparecida (13-31 de mayo de 2007).
DCA	Francisco, <i>Discurso na Comemoração do 50 aniversário da Instituição do Sínodo dos Bispos</i> (17 de outubro de 2015)
DP	CELAM, <i>Documento conclusivo da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe</i> , Puebla (27 de janeiro al 12 de fevereiro de 1979)
DCE	Bento XVI, Carta Encíclica <i>Deus Caritas Est</i> (25 de dezembro do ano 2005)
DFJ	Sínodo dos bispos, <i>Documento final. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional</i> (27 de outubro 2018)
DPS	<i>Documento preparatório da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos</i> (7 de setembro de 2021)
EC	Francisco, Constituição Apostólica <i>Episcopalis communio</i> (15 de setembro de 2018)
EG	Francisco, Exortação Apostólica <i>Evangelii gaudium</i> (24 de novembro de 2013)
EN	Pablo VI, Exortação Apostólica <i>Evangelii nuntiandi</i> (8 de dezembro do ano 1975)
FT	Francisco, Carta Encíclica <i>Fratelli tutti</i> (3 de outubro de 2020)
GE	Concílio Vaticano II, Declaração <i>Gravissimum educationis</i> (28 de outubro de 1965)
GS	Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral <i>Gaudium et spes</i> (7 de dezembro de 1965)
LG	Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática <i>Lumen gentium</i> (21 de novembro de 1964)

- LS Francisco, Carta Encíclica *Laudato si'* (24 de maio de 2015)
- Med CELAM, *Documentos finais da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*, Medellín (26 de agosto ao 8 de setembro de 1968)
- NMI João Paulo II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (6 de janeiro de 2001)
- PE Francisco, Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* sobre a Cúria romana (19 de março de 2022)
- PP Pablo VI, Carta Encíclica *Populorum progressio* (26 de março de 1967)
- PDV João Paulo II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* (25 de março de 1992)
- QAm Francisco, Exortação Apostólica *Querida Amazônia* (2 de fevereiro 2020)
- RH João Paulo II, Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (4 de março de 1979)
- SA DF Sínodo para a Amazônia, *Documento final Assembleia especial para a região Panamazônica* (27 de outubro 2019)
- SC Concílio Vaticano II, Constituição *Sacrosanctum Concilium* (4 de dezembro de 1963)
- SD CELAM, *Documentos finais da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano y do Caribe*, Santo Domingo (12 de outubro de 1992)
- SIN Comissão Teológica Internacional, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja* (2 de março 2018)
- SJ Francisco, *Sonhemos juntos. O caminho a um futuro melhor*. Conversações com Austen Ivereigh, Buenos Aires, Penguin Random House (2020).
- SpS Bento XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi* (30 de novembro de 2007)
- UR Concílio Vaticano II, Decreto *Unitatis redintegratio* (21 de novembro de 1964)

Siglas de documentos do processo da Assembleia Eclesial

1AE	<i>Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe</i> (21 ao 28 de novembro de 2021)
D	Comissão de Síntese, <i>Desafios da Primeira Assembleia Eclesial</i> (21 ao 28 de novembro de 2021)
DPC	CELAM, <i>Documento para o caminho. Primeira Assembleia Eclesial de A. Latina e o Caribe</i> (2021)
DDC	CELAM, <i>Documento para o discernimento comunitário na Primeira Assembleia Eclesial de América Latina e o Caribe</i> (2021)
DDR	CELAM, <i>Documento para a renovação e reestruturação do CELAM</i> (2 de outubro de 2021)
MP	Francisco, <i>Mensagem aos participantes na Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe</i> (15 de outubro 2021)
MPD	Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe, <i>Mensagem ao Povo da América Latina e o Caribe</i> (27 de novembro de 2021).
Rev Med	CELAM, <i>Revista Medellín XLVII</i> N° 182 (setembro-dezembro 2021); Bogotá-Colômbia
SN	CELAM, <i>Documento Síntese Narrativa. A escuta na Primeira Assembleia Eclesial para América Latina e o Caribe</i> (1 de outubro 2021)

Abreviaturas de instituições e referencias eclesiais

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
CLAR	Confederação Latino-americana de Religiosos e Religiosas
CEAMA	Conferência Eclesial da Amazônia
CELAM	Conselho Episcopal Latino-americano
DSI	Doutrina Social da Igreja
ENA	Alianza de Redes Eclesiais para a Ecologia Integral
REMAM	Rede Eclesial Ecológica Mesoamericana
REPAM	Rede Eclesial Panamazônica
TIC	Novas tecnologias da Informação e a Comunicação

Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias



ISBN: 978-958-625-865-4

